

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

FERNANDO DIEHL

*ESTRANGEIRO EM UMA TERRA ESTRANHA: RACIALIZAÇÃO E ESTIGMATIZAÇÃO
DOS IMIGRANTES HAITIANOS EM LAJEADO, RIO GRANDE DO SUL*

PORTO ALEGRE

2017

FERNANDO DIEHL

*ESTRANGEIRO EM UMA TERRA ESTRANHA: RACIALIZAÇÃO E ESTIGMATIZAÇÃO
DOS IMIGRANTES HAITIANOS EM LAJEADO, RIO GRANDE DO SUL*

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Minorias Sociais: Estigmatização, Discriminação, Desigualdade e Resistência.

Orientador: Professor Doutor Karl Martin Monsma

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Diehl, Fernando

Estrangeiro em uma terra estranha: Racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos em Lajeado, Rio Grande do Sul / Fernando Diehl. -- 2017.
177 f.

Orientador: Karl Martin Monsma.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Imigração haitiana. 2. Racialização. 3. Estigmatização. 4. Relações étnico-raciais. I. Monsma, Karl Martin, orient. II. Título.

FERNANDO DIEHL

*ESTRANGEIRO EM UMA TERRA ESTRANHA: RACIALIZAÇÃO E ESTIGMATIZAÇÃO
DOS IMIGRANTES HAITIANOS EM LAJEADO, RIO GRANDE DO SUL*

Aprovada em Porto Alegre, 27 de março de 2017.

Orientador: Prof. Dr. Karl Martin Monsma, UFRGS

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a Maria Catarina Chitolina Zanini, UFSM

Prof^a. Dr^a Luciana Garcia de Mello, UFRGS

Prof. Dr José Carlos Gomes dos Anjos, UFRGS

- Adeus, meu bom ladrão! - disse ele.
- Vou agora para os salões da espera,
sentar-me ao lado de meus antepassados,
até que o mundo seja renovado.
Já que abandono agora todo ouro e prata,
e vou para onde eles têm pouco valor,
desejo partir com a sua amizade,
e retiro minhas palavras e ações junto ao Portão.
Bilbo ajoelhou-se, cheio de tristeza.
- Adeus, Rei sob a Montanha! - disse ele.
- Esta é uma aventura amarga, se deve terminar deste modo,
e nem uma montanha de ouro pode consertá-la.
Mas fico feliz por ter partilhado os seus perigos.
Foi muito mais do que qualquer Bolseiro merece.
- Não! - Disse Thorin.
- Há mais coisas boas em você do que você sabe, filho do gentil Oeste.
Alguma coragem e alguma sabedoria, misturadas na medida certa.
Se mais de nós dessem mais valor a comida, bebida e música do que a tesouros,
o mundo seria mais alegre.
Mas, triste ou alegre, agora devo partir. Adeus!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus Altíssimo por seu conforto em todos os momentos, pela minha vida e todo o percurso que andei até o momento!

Aos meus pais e meu irmão, por todo o suporte e apoio que me deram ao longo de minha vida.

Ao meu orientador, o professor doutor Karl Martin Monsma, que acolheu o meu projeto de pesquisa e me ajudou na construção deste trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, por sua dedicação e conhecimento transmitido para os alunos.

À secretaria do PPG em Sociologia pelo excelente trabalho realizado, em especial na figura da Regiane, por sua constante disposição em auxiliar os discentes e docentes.

Aos meus amigos, por todas as nossas conversas, principalmente as mais abstratas, sobre cinema, literatura, videogame, existencialismo e o futuro da humanidade, assim como também as aventuras que passamos juntos.

Aos colegas do PPG, principalmente a turma do mestrado de 2015 que se tornaram grandes amigos, os nossos debates em aula, nos intervalos e principalmente nossas conversas foram de grande ajuda e auxílio.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul por ter me acolhido como estudante de mestrado e ter me possibilitado a formação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter me concedido bolsa de estudo de mestrado, que possibilitou em uma total dedicação para a pesquisa.

Aos moradores de Lajeado que estiveram dispostos em auxiliar na realização desta pesquisa.

Aos imigrantes haitianos, cuja trajetória de vida é um exemplo para todos nós.

RESUMO

Esta dissertação analisa o processo de formação do estereótipo dos imigrantes haitianos no município de Lajeado, buscando descrever o papel do imigrante como um sujeito estrangeiro nas relações sociais, sendo aquele indivíduo na qual exerce funções importantes em um determinado contexto ao mesmo tempo em que é mal visto pela população local. Para compreender isso, apresenta-se as teorias migratórias para analisar a diáspora haitiana e como a partir de seu processo histórico, os haitianos buscaram na imigração, formas de identificação e ascensão social. Posteriormente demonstra-se como o Brasil tornou-se uma porta de entrada para esses imigrantes, qual foi o contexto para isso ocorrer. Adentrando então, na sua chegada ao Brasil, especificando o caso de Lajeado. Os dilemas que foram apresentados pela população local, como os acordos dos empresários e a contratação dos haitianos para a região sul do país, evento esse que ocasionou no estranhamento da população estabelecida com a chegada de um grupo estrangeiro indesejado que surge repentinamente na cidade. Esta dissertação aborda as condições que ocorrem para que grupos étnicos sejam racializados e dominados por grupos dominantes. Demonstrando como o caso dos imigrantes haitianos em ratifica que nos diversos contextos em que migraram eles tornaram-se um grupo étnico estigmatizado e racializado. A dissertação visa enfatizar como a formação do estereótipo do imigrante haitiano na cidade ocorre a partir de dois vieses, o primeiro é que os haitianos foram racializados e o segundo foi a sua estigmatização por parte da população local estabelecida de Lajeado em suas relações sociais cotidianas. Em um primeiro momento a população local utilizou-se de categorias raciais já existentes sobre a imagem que elas têm do brasileiro negro para com os haitianos, mas a mesma foi ressignificada posteriormente através de um processo de categorização de um novo estereótipo para com esses imigrantes. Constatando que através de uma rede de fofocas de informações falsas e exageradas sobre os imigrantes haitianos foram transmitidas pela população estabelecida da cidade. Estas características dos haitianos que corroboraram para a formação do seu estereótipo na região.

Palavras-chave: Imigração haitiana; Racialização; Estigmatização; Relações étnico-raciais

ABSTRACT

This thesis analyzes the process of stereotyping of Haitian immigrants in the city of Lajeado, seeking to describe the role of the immigrant as a stranger subject in social relations, being an individual in which performs important functions for a certain context at the same time that it's bad seen by the local population. To understand this, this thesis presents migratory theories to understand the Haitian Diaspora and how from their historical process, the Haitians sought in immigration, forms of identification and social ascension. Later shown how Brazil has become a gateway for these immigrants, what was the context for this to occur. Entering then, upon their arrival in Brazil, specifying Lajeado's case. The dilemmas presented by the local population, such as the agreements of the businessmen and the contracting of the Haitians immigrants to the southern region of the country, which caused the estrangement of the established population with the arrival of an unwanted stranger group that suddenly appears in the city. This thesis addresses the conditions that occur for ethnic groups were racialized and dominated by dominant groups. Demonstrating how the case of Haitian immigrants in Lajeado ratifies that in various contexts in which they immigrated they have been a stigmatized and racialized ethnic group. The thesis aims to emphasize how the formation of the stereotype of the Haitian immigrant in the city occurs from two biases, the first is that the Haitians were racialized and the second was their stigmatization by the established local population of Lajeado in their everyday social relations. At first, the local population used existing racial categories about the image they have of the Brazilian black people towards the Haitians, but it was later re-signified through a process of categorization of a new stereotype towards these immigrants. Noting that through a network of gossip of false and exaggerated information about Haitian immigrants were transmitted by the established population of the city. These characteristics of Haitians who corroborated to the formation of their stereotype in the region.

Keywords: Haitian Immigration; Racialization; Stigmatization; Ethnic-racial relations

LISTA DE FOTOS E QUADRO

Foto 1.....	39
Foto 2.....	40
Foto 3.....	85
Foto 4.....	101
Quadro.....	78

LISTA DE ABREVIATURAS

ACNUR: Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CONARE/MJ: Comitê Nacional para os Refugiados/ Ministério da Justiça

CGIG/MTE: Coordenação Geral de Imigração/Ministério do Trabalho e Emprego

CNIG/MTE: Conselho nacional de Imigração/Ministério do Trabalho e Emprego

CRAS: Centro de Referência de Assistência Social

DEEST/MJ: Departamento de Estrangeiros da Secretaria Nacional de Justiça/Ministério da Justiça

MINUSTAH: Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti

ONU: Organização das Nações Unidas

PPG: Programa de Pós-Graduação

STHAS: Secretaria de Trabalho, Habitação e Assistência Social

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1: O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ESTEREOTIPO DO IMIGRANTE: MARCO TEÓRICO.....	20
1.1 Ser estrangeiro.....	21
1.2 Migrações e teorias migratórias.....	27
1.3 TRANSmigração.....	31
1.4 Teoria das redes.....	32
1.5 Nova imigração Sul-Sul.....	34
1.6 Diáspora haitiana.....	37
1.7 Conceitos étnico-raciais como ideias construídas em processos históricos.....	46
1.8 Etnicidade e grupo étnico.....	48
1.9 Racialização.....	49
1.10 O conceito de raça ao longo da História.....	49
1.11 Racismo.....	53
1.12 Novo Racismo.....	54
1.13 Racismo e imigração no Brasil.....	57
1.14 Imigrantes racializados no Brasil.....	58
1.15 Estudos comparados de imigração e racismo.....	59
1.16 Estigma e Estigmatização.....	62
1.17 Imigrantes estigmatizados no Brasil.....	65
1.18 Casos comparativos de imigrantes estigmatizados.....	67
1.19 Os lajeadenses estabelecidos e os haitianos outsiders.....	70
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA.....	74
2.1 Entrevistas.....	75
2.2 Observação.....	81
2.3 Fontes midiáticas.....	82
CAPÍTULO 3: ROTA PARA UMA TERRA ESTRANHA: A CHEGADA DOS IMIGRANTES HAITIANOS AO BRASIL E O ESTRANHAMENTO DOS BRASILEIROS.....	84
3.1 A escolha pelo Brasil.....	84
3.2 Rota migratória para o Brasil.....	89
3.3 Rumo para a região Sul.....	94
3.4 Rota para Lajeado.....	96
3.5 Lajeado.....	98

3.6 Os imigrantes haitianos em Lajeado.....	103
CAPÍTULO 4: RACIALIZAÇÃO E ESTIGMATIZAÇÃO DOS IMIGRANTES HAITIANOS EM LAJEADO.....	119
4.1 A racialização dos imigrantes haitianos no Brasil.....	119
4.2 Racismo e imigração haitiana no Brasil.....	121
4.3 Os imigrantes haitianos são racializados em Lajeado.....	123
4.4 Casos de racismo.....	129
4.5 Os imigrantes haitianos estigmatizados em Lajeado.....	135
4.6 O estereótipo do imigrante haitiano.....	152
CONCLUSÃO.....	158
BIBLIOGRAFIA.....	163
ANEXOS.....	172
4.1 PI 071-03/2015.....	172
4.2 Lei 5710/96.....	175
4.3 Roteiro para entrevistas.....	177

Introdução

A questão da chamada como “nova imigração”, que na verdade é mais especificamente o crescimento das migrações internacionais, tem se tornado uma constatação em diversas regiões do mundo (MAGALHÃES, 2013, p.27), sendo assim, um assunto de grande pauta nas diversas esferas da sociedade. Todavia, o tema das migrações ao longo da construção do conhecimento das ciências sociais foi ignorado por autores denominados de clássicos, ficando muitas vezes às margens “dos principais debates paradigmáticos nesta ciência” (PEIXOTO, 2004, p.5). Todavia, atualmente apresenta-se um crescimento de pesquisas nas diversas áreas das ciências sociais para a compreensão do fenômeno das recentes migrações internacionais. Entre essas “novas imigrações” é presenciado nos últimos anos um crescente número no processo de migração haitiana ao Brasil.

Esta dissertação visa compreender o processo de formação do estereótipo dos imigrantes haitianos no município de Lajeado, no Rio Grande do Sul, para isso busca analisar o fenômeno da estigmatização dos imigrantes haitianos pelos moradores locais, chamados aqui nesta dissertação tanto de estabelecidos como de lajeadenses. Visto que a recepção destes imigrantes não tem sido tão pacífica, diferente da imagem que o Brasil tenta vender para os demais países como um país acolhedor, esta nova imigração trouxe à tona casos de xenofobia (ZENI; FILIPPIM 2014, p.13) e outras formas de discriminação. Nesta dissertação visamos focar nos aspectos da racialização e estigmatização dos haitianos, pois foram os dois vieses que fomentaram no processo de construção do estereótipo do imigrante haitiano para os moradores de Lajeado. Portanto, esta dissertação buscou verificar e demonstrar o porquê da presença de haitianos não despertou a mesma “simpatia” dos brasileiros que a de outros grupos imigrantes que encontram no Brasil o destino para buscar novas oportunidades.

O tema central desta pesquisa é compreender e descrever a relação social entre os moradores estabelecidos de Lajeado e dos imigrantes haitianos, tendo como principal foco analisar a estigmatização dos haitianos pelos lajeadenses, visto que a partir da racialização e estigmatização dos haitianos que a população estabelecida constituiu o estereótipo destes. O estudo foi orientado pela seguinte indagação: Como ocorre o fenômeno de estigmatização dos imigrantes haitianos por parte dos habitantes estabelecidos de Lajeado no processo de interação social cotidiano? A dissertação tem, como objetivo geral, compreender como se processa a formação do estereótipo dos imigrantes haitianos pelos moradores estabelecidos

em suas interações sociais cotidianas, buscando, com isso, compreender em que medida os haitianos são estigmatizados por moradores locais. Assim como tem por objetivos secundários identificar quais são os estigmas contra os haitianos por parte dos habitantes de Lajeado; descrever de que forma é apresentado a estigmatização do haitiano nas interações cotidianas; analisar em que medida os haitianos são estigmatizados; compreender como os haitianos foram racializados e; em que medida a indiferença da população lajeadense corrobora para que o estereótipo dos haitianos seja representado nas conversas informais da população estabelecida.

Esta dissertação utiliza-se de um levantamento teórico acerca das teorias migratórias, utilizando-se da transmigração e teoria das redes. Assim como uma descrição acerca das teorias raciais na qual buscamos utilizar para demonstrar o processo de racialização que ocorre na interação entre grupos étnicos distintos. Utilizamos como ênfase a relação de Estabelecido e Outsider descrita por Elias e Scotson (2000) como instrumento analítico dos dados.

A pesquisa foi realizada no município de Lajeado, localizado no Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, a 110km de Porto Alegre. Conforme o censo de 2010 do IBGE, Lajeado possui 71.481 habitantes. A cidade tem sua origem em 1760 quando 14 casais açorianos fixam-se em Taquari. Posteriormente os alemães estabeleceram-se no território em 1854 e os italianos em 1882. Situado na região do Rio Taquari, o município de Lajeado foi fundado oficialmente em 27 de janeiro de 1891. É a principal cidade do Vale do Taquari, que possui um total de 327.822 habitantes, que abrangem 36 cidades do estado. Acerca da questão étnico-racial, deve-se destacar que em 2010 o Censo Demográfico indicava que 8,6 mil pessoas (aproximadamente 2,5% da população total) do Vale do Taquari eram negras, após a recente onda migratória a população negra da cidade aumentou com a vinda de novos imigrantes haitianos, senegaleses, também surgindo na cidade a presença menos expressiva de outros grupos étnicos para a região como indianos, bengaleses entre outros. Entre esses, não há registros concretos de quantos imigrantes estejam em Lajeado, os dados variam entre seiscentos e mil haitianos residindo no município. A prefeitura local e as mídias não possuem informações concretas, mostrando que ainda carece de fontes documentais demonstrando os números exatos, e isto deve ser somado também a fácil mobilidade que estes imigrantes trocam de cidades a procura de empregos. Deve-se contatar que esta nova imigração

aumentou o contingente de negros no município, com isso, tornando mais visível a presença de indivíduos que até então era pouco presente nas regiões centrais da cidade, motivo esse que levou o desencadeamento de um desconforto por parte de alguns dos moradores estabelecidos de Lajeado. Pois até então na cidade, a maior parte da população era branca e os negros moravam em bairros afastados e pouco circulavam na região central.

O estereótipo dos imigrantes haitianos demonstrou-se a partir da racialização e estigmatização deles pelos lajeadenses, ambas sendo construídas na interação social, portanto, focaremos a dimensão da análise nestes dois aspectos, buscando verificar e compreender os sentidos e signos que surgem dentro das relações sociais entre os indivíduos na sociedade. A interação pode ser definida como “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros” (GOFFMAN, 2011, p.24), ou seja, a sociedade humana é um conjunto de ações realizadas pelos indivíduos (BLUMER, 1986, p.6). Portanto, é em sua interação social que o indivíduo cria um sentido para sua ação e compreensão do mundo, nunca de maneira isolada, mas sempre interagindo com outros. Com isso consideramos nesta pesquisa que é na interação que surge o estigma contra outro indivíduo ou um grupo social.

Com a vinda massiva dos novos grupos imigrantes a população estabelecida os enxerga como os estrangeiros, no sentido descrito por Simmel, gerando uma maneira de desconforto, justamente por ser uma presença que rompe com um “roteiro” estabelecido do que até então era o modo de se viver daquela cidade, que até então havia uma presença cultura de herança imigratória alemã e italiana na região e que a mesma é enaltecida pela população estabelecida. Um grande destaque para essa questão de desconforto se dá pelo fato de que estes novos imigrantes estão circulando por espaços centrais da cidade, e até então em tais espaços havia pouca visibilidade de pessoas negras. Com o consequente aumento da população negra da cidade advinda dos imigrantes, a população local manifestou publicamente símbolos de desconforto com a presença destes, utilizando-se de ofensas para com os haitianos ou o uso das fofocas entre os estabelecidos para construir os estigmas dos imigrantes. Corroborando para uma manifestação – e reconfiguração - de um racismo existente contra o negro, mas desta vez ressignificado com a questão de estranhamento frente a uma população estrangeira, visto que em um primeiro momento os lajeadenses compararam os haitianos com os brasileiros negros, através das categorias raciais já existentes, todavia, o mesmo foi ressignificado à medida que os imigrantes se tornavam mais presentes na cidade e

tornava-se uma figura recorrente nas conversas dos estabelecidas. No momento que um grupo de imigrantes – que são negros – surgem na cidade e começam a circular por espaços que até então a população negra local não transitava, a discriminação étnico-racial que era cordial, camuflada, torna-se mais evidente, chegando a casos de preconceitos sendo realizados abertamente.

Por esses imigrantes representarem uma mudança no que até então muitos consideravam como se “deveria viver” na região, são construídos estigmas contra os haitianos pois os mesmos são considerados como os desencadeadores das mudanças na região. A partir de fofocas que circulam entre os moradores em seus espaços de interação é transmitido o estigma ouvido em conversas paralelas e fofocas com outros habitantes. O estigma muitas vezes é desenvolvido nas rodas de conversas, nas fofocas, nos espaços em que uma interação mais informal é possibilitada entre os moradores locais. Como a maioria dos estabelecidos nunca interagiu com algum dos imigrantes haitianos, a estigmatização é propagada por não os conhecer.

A indiferença é tão grande que entre os entrevistados não houve um sequer capaz de diferenciar os imigrantes haitianos dos senegaleses, os novos imigrantes em Lajeado eram denominados como *os haitianos*, o que corroborou para a racialização dos haitianos, visto que todos os novos imigrantes eram categorizados como algo homogêneo pela população estabelecida. Todos os entrevistados relataram não gostar dos “haitianos” que vendem produtos na rua, principalmente nas conversas informais com pessoas ligadas no comércio o discurso contra estes “haitianos” vendedores informais era mais radical e preconceituoso, o cerne desta questão é que tais vendedores na verdade eram senegaleses. Os estabelecidos não se importam muito com diferenciações, tipificam o novo imigrante como algo único e pronto. Demonstrando que os moradores não buscam saber quem são estes novos imigrantes, preferem manter o contato a distância. Sendo indiferentes e evitando o contato com os imigrantes, denota uma desconfiguração da imagem construída do brasileiro como um povo receptivo e caloroso, pelo contrário, na verdade, em suas ações cotidianas, os brasileiros estabelecidos são indiferentes ou até mesmo agressivos frente à presença de um grupo estrangeiro em seu local.

A questão étnico-racial na interação social é o principal fator da estigmatização contra os imigrantes haitianos, justamente pelo fato dos recentes imigrantes serem negros. O que

existia na cidade, era um racismo dissimulado, restrito na esfera privada, pouco manifestado, pois a população negra era pouco expressiva, sendo muitas vezes resumido em conversas - algumas vezes em alemão ou italiano - entre seus semelhantes, na qual atribuíam certas características aos brasileiros negros. Todavia, ao chegar um grande número de novos moradores negros, o que até então era velado e pouco manifestado, torna-se mais recorrente. Se em um primeiro momento a população local classificou os imigrantes da mesma forma que os brasileiros negros, o mesmo foi ressignificado devido às características culturais deste grupo migrante, sendo atribuído a eles outros estigmas e atributos que os definiriam. O estrangeiro é apresentado como um ser diferente, e que deve ser evitado, pois o mesmo não sabe o “seu lugar” na cultura daquele espaço social delimitado. Entre um dos fatores que desencadeiam esta forma de racismo é a comunicação, o que diferencia toda a interação entre o estabelecido e o imigrante.

A dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo visa elaborar o marco teórico da dissertação, por isso será tratado acerca da figura do imigrante, um indivíduo estrangeiro que chega em um determinado espaço social, como na figura de um alienígena, causando estranhamento por parte da população local. Todavia este imigrante chega na região como alguém necessário para desempenhar uma determinada função específica na sociedade, isto significa que o estrangeiro ocupa o espaço que as demais pessoas não querem ocupar ou não podem ocupar.

Após tratar inicialmente acerca da figura do estrangeiro na sociologia, posteriormente será tratado a respeito do fenômeno migratório a partir de um debate das teorias migratórias utilizadas nesta pesquisa, que foram a teoria das redes e a transmigração. Tais teorias são relacionadas para a compreensão do fenômeno migratório do século XXI, algumas vezes denominado como migração de países “Sul-Sul”, ou seja, diferente de migrações de outrora em que o destino dos imigrantes eram exclusivamente os países desenvolvidos, nesta nova onda migratória, os imigrantes buscam outros locais para poderem migrar. Posteriormente será feito um breve panorama da história do Haiti, mais especificamente entrando na identidade de *diáspora* do haitiano, como ela se formou e o contexto em que ela surge, para isso, a questão geográfica, ambiental, econômica e política do país foram importantes para que os haitianos emigrassem e que posteriormente constituísse um fator identitário dos haitianos estar em diáspora. Por fim o capítulo aborda sobre a temática étnico-racial para a

compreensão deste imigrante, visto que os imigrantes haitianos são negros, o que despertou na população local brancas categorias raciais já existentes no Brasil em um primeiro momento, mas estas foram ressignificadas de forma processual até chegar a um novo estereótipo do haitiano. Este estereótipo não é construído automaticamente, mas é um processo de formação, possuindo significados que diferenciam do estereótipo do brasileiro negro. Este novo estereótipo não se origina apenas pelo fato de que estes imigrantes são negros e nem só porque são estrangeiros, há uma diferença na forma em que o estereótipo que os brancos locais fazem dos imigrantes haitianos. Buscamos verificar nessa dissertação como os brancos processam isso.

No segundo capítulo apresentaremos a metodologia, os instrumentos que foram utilizados para a coleta dos dados e como eles serão apresentados ao longo dos demais capítulos da dissertação, descrevendo sobre como ocorreram as entrevistas, conversas informais, observação e a coleta de dados midiáticos para a elaboração e construção desta dissertação.

O terceiro capítulo pretende tratar acerca do fenômeno migratório, inicialmente apresenta sobre a emigração haitiana, os motivos que levaram os imigrantes haitianos a escolherem migrarem para o Brasil, o contexto em que isso ocorreu, a rota migratória até o país, destacando algumas das cidades nas quais houveram um fluxo de entrada dos imigrantes. Posteriormente apresentaremos a sua migração até a região sul do país, que foram financiados por empresários locais, os quais foram o motivo que desencadearam sua conseqüente chegada a Lajeado. Será feita uma descrição acerca do município de Lajeado, seus moradores e o inicial impacto do repentino aparecimento de um grupo de estrangeiros em uma terra estranha, descrevendo os processos de estranhamento entre a população lajeadense estabelecida e estes novos imigrantes.

O quarto capítulo visa apresentar acerca da racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos em Lajeado, mas inicialmente será descrito este fenômeno no Brasil, principalmente nas cidades em que estes imigrantes chegaram, mostrando casos de racismo contra os mesmos. Adentrando então em Lajeado relatando alguns casos de racismo contra os imigrantes, os estigmas e formas de estigmatização que eles receberam por parte dos moradores de Lajeado e o processo de construção do estereótipo dos imigrantes haitianos. O capítulo visa demonstrar de forma empírica a informação que foi elaborada no primeiro

capítulo da dissertação demonstrando como os haitianos foram vistos pelos estabelecidos, o que despertou símbolos racistas existentes na sociedade brasileira, todavia, os mesmos foram ressignificados com uma nova forma, pois os haitianos para além de serem negros, também eram imigrantes, o que desenvolveu uma ressignificação nas relações sociais na cidade de Lajeado. A população branca estabelecida processa e constrói esse estereótipo com categorias raciais já existentes e as ressignificam através de conteúdos semelhantes e outros distintos nas quais diferenciam os haitianos dos brasileiros negros, constituindo assim a forma do estereótipo do imigrante haitiano.

Capítulo 1: O processo de formação do estereótipo do imigrante: Marco teórico

Neste capítulo será tratado acerca dos aspectos teóricos em que se baseiam esta dissertação, portanto, será descrita a formação da figura do imigrante, um indivíduo estrangeiro que chega em um determinado espaço social, como na figura de um alienígena, causando estranhamento por parte da população local. Pelo fato deste indivíduo ser estranho à população local ele é estigmatizado neste espaço, todavia, o imigrante chega no local como alguém necessário em uma determinada função específica da sociedade, isto significa que o estrangeiro ocupa o espaço que as demais pessoas não querem ocupar ou não podem ocupar. A pesquisa trata da chegada dos imigrantes haitianos no Brasil, mais especificamente na cidade de Lajeado. Este capítulo buscará abordar os aspectos teóricos para a compreensão deste fenômeno, no qual os apontamentos empíricos serão descritos nos capítulos 3 e 4 desta dissertação.

Para isso a dissertação vai abordar, inicialmente, acerca da figura do estrangeiro na sociologia, para posteriormente tratar acerca do fenômeno migratório a partir de um debate das teorias migratórias utilizadas nesta pesquisa, que foram a teoria das redes e a transmigração. Tais teorias são relacionadas para a compreensão do fenômeno migratório do século XXI, algumas vezes denominado como migração de países “Sul-Sul”, ou seja, diferente de migrações de outrora em que o destino dos imigrantes eram os países desenvolvidos, nesta nova onda migratória, os imigrantes buscam também outros locais para poderem migrar. Posteriormente será feito um breve panorama da história do Haiti, mais especificamente a identidade de *diáspora* do haitiano, como ela se formou e o contexto em que surge. Por fim o capítulo aborda acerca da temática étnico-racial para a compreensão deste imigrante, para isso, será feita uma abordagem geral sobre a questão racial para a compreensão no quarto capítulo sobre o estereótipo dos haitianos em Lajeado. Nesta seção da dissertação, inicialmente será feita uma discussão teórica acerca dos conceitos de etnia, etnicidade, grupo étnico, raça, racialização e por fim racismo. Após essa conceituação faremos uma breve descrição acerca da ressignificação do conceito de raça ao longo da História, para posteriormente tratarmos sobre o novo racismo, conceito este na qual foi utilizado ao longo da dissertação para a compreensão da racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos residindo em Lajeado. Descreveremos uma breve consideração de alguns grupos étnicos que foram racializados e estigmatizados no Brasil para fins comparativos com

a imigração haitiana. Após esse panorama da discussão da raça, será conjecturado o que esta pesquisa considera por estigmatização e estigmas. O debate teórico será organizado para a compreensão de como os imigrantes haitianos foram racializados e estigmatizados em países na qual eles imigraram, como por exemplo na República Dominicana, para com isso, demonstrar como ocorreu este fenômeno no Brasil, com as suas similaridades e diferenças. Com isso apresentarmos a relação entre os lajeadenses dominantes e os imigrantes haitianos considerados como outsiders dominados.

A construção teórica do capítulo visa demonstrar o processo de formação de um estereótipo de um grupo étnico negro por parte de uma população branca estabelecida, este grupo étnico negro é diferente dos brasileiros negros que já moravam na região, inicialmente a população local branca utiliza-se de categorias raciais já existentes para classificar estes imigrante negros, mas estas categorias são modificadas no processo de interação, gerando um novo estereótipo, diferente do brasileiro negro. Este estereótipo não é construído automaticamente, mas é um processo de formação, possuindo uma forma que se diferencia do estereótipo do brasileiro negro. Este novo estereótipo não se origina apenas pelo fato de que estes imigrantes são negros e nem só porque são estrangeiros, há um conteúdo semelhante, mas também aspectos que diferenciam o estereótipo que os brancos locais fazem dos imigrantes haitianos. Agora, abordaremos acerca da questão do estrangeiro.

Ser estrangeiro

O imigrante é em sua gênese um indivíduo em movimento, ele saiu de um país de origem por um determinado motivo em direção a outro país que pode ser completamente diferente, em termos culturais, do seu país de origem. E embora a transição geográfica tenha sido realizada após a migração, existem aspectos culturais do seu local de origem que continuam com o imigrante mesmo no novo local de destino, tornando-o assim, um indivíduo estrangeiro frente aos demais habitantes por serem considerados como diferentes. Isto significa que o imigrante se encontra em dois espaços sociais ao mesmo tempo, ou seja, ele está de maneira física no país que migrou, mas também simbolicamente encontra-se em seu país de origem, figurando-se em uma ambiguidade de pertencimento e não pertencimento a um determinado espaço social. Pelo fato do imigrante ser um indivíduo em transição e estar presente em dois espaços sociais, o imigrante utiliza-se de mecanismos que o incitam a adotar certo comportamento em vez de outro em determinadas situações específicas (BRITO, 2010,

p.433), isto significa que ele está constantemente em uma dúbia relação que forma suas ações sociais a serem tomadas no contexto específico que ele se encontra. Muitas destas ações são vistas de maneira suspeita pelos moradores estabelecidos, justamente por não esperarem que algo fora do “*script*” seja realizado. Tal roteiro é feito a partir de um conjunto de normas construídas e aceitas socialmente, isto significa que os indivíduos compartilham um conjunto de expectativas de como se deve comportar no contexto no qual estão interagindo, estas características são assumidas em determinados contextos específicos (GOFFMAN, 2013, p.140). O estrangeiro costumeiramente em um primeiro momento não sabe o roteiro elaborado pelos dominadores que deve ser seguido, o que causa um desconforto por parte dos locais. O imigrante recém-chegado pode vir a tornar-se um indivíduo estigmatizado, por ser considerado como estranho para as demais pessoas do local em que ele imigrou.

Georg Simmel em seu ensaio “o Estrangeiro” (originalmente publicado em 1908), descreve a figura enigmática do estrangeiro, um indivíduo que se apresenta em forma de transição, isto significa que ele não se encontra preso a um contexto social específico. Ele está em um lugar, mas também ao mesmo tempo não está neste lugar. O estrangeiro é aquele indivíduo que não abandonou a liberdade de ir e vir, que não está “preso” a um contexto social específico. A figura do estrangeiro em uma determinada circunstância específico torna-se evidente, pois “a sua posição neste grupo é essencialmente determinada pelo fato de não ter feito parte dele desde o início” (SIMMEL, 2004, p.133), conseqüentemente isso acarreta no fato de que lhe é introduzido atributos que não lhe são próprios. Neste sentido, a relação de existir um estrangeiro ocorre quando necessariamente existem dois grupos distintos, pois a formulação de alguém ser estrangeiro vai ser postulada nas definições construídas pelas pessoas no contexto existente.

Ou seja, o estrangeiro, ao se mover para um novo espaço físico, recebe símbolos que o caracterizam através das pessoas que já estão estabelecidas neste local que o indivíduo migrante se encontra. Mesmo que este imigrante venha a tornar-se um membro efetivo de um grupo social de pessoas que se encontravam neste local antes de sua chegada, ele vai manter um diferencial caracterizador, devido ao fato de que o mesmo estará deslocado das relações neste espaço físico, pois ele será sempre o “estrangeiro” por não ter feito parte deste grupo desde o começo. Exemplificando, um chinês que tenha se estabelecido em um determinado local, pode ser denominado como “*o chinês*” pelas pessoas locais, da mesma forma que

alguém que nasceu no Rio Grande do Sul ao migrar e morar em outro estado do Brasil, pode adquirir o apelido de “o gaúcho”. Isto significa que, o estrangeiro, ao se mover para um novo espaço, ressignifica símbolos e status das pessoas que já estão estabelecidas no local, da mesma forma, os seus próprios significados e sentidos de mundo são modificados ao entrar em contato com outros indivíduos que o consideram como um estrangeiro. Neste sentido, o estrangeiro torna-se um indivíduo em um eterno processo de não pertencimento, de deslocamento,

entendemos que grupos imigrantes possuem esses dois processos discutidos anteriormente, o sentido de pertencimento em um limbo entre ser e estar no mundo do outro entre não ser do mundo do outro e já não pertencer mais ao seu mundo (MARTINS, 2014, p.36).

O imigrante é uma figura enigmática, vista com olhos suspeitos pelos moradores do local na qual ele migra, sendo esta suspeita originada na desconfiança e insegurança com o desconhecido, pela falta de pertencimento do mesmo com os estabelecidos locais. Pois, mesmo que ele seja assimilado, alguma desconfiança pode vir a surgir em momentos de conflitos.

Ao longo da descrição acerca do estrangeiro, Simmel o apresenta para mais do que isso, quer dizer, ele mostra que na verdade em todos os grupos sociais existem estrangeiros, aqueles que são mal vistos pelos olhos dos estabelecidos, não se resumindo a forasteiros e imigrantes. Seja pela sua liberdade de mobilidade, ou seja, pelo estranhamento que causam, por serem diferentes, qualquer indivíduo ou grupo social pode vir a ser visto como um estrangeiro para os olhos da maioria dos moradores estabelecidos. Pois muitas vezes o estrangeiro “não está obrigado nos seus atos a respeitar a tradição” (SIMMEL, 2004, p.137), e esta “liberdade” de ação pode ser um dos desencadeadores que causam o estranhamento de um grupo estabelecido contra eles, por serem pessoas desconectadas com os padrões dos estabelecidos ou do modo que se espera que todos os membros de um determinado contexto social se comportem. Em consequência disto, muitas vezes o estrangeiro apresenta-se como “aquele ser geralmente enigmático que não podemos ignorar tão facilmente e cuja simples presença provoca reações contraditórias, inquietantes” (MAGALHÃES, 2013, p.29). Desta maneira, muitas vezes é na figura do estrangeiro que é construindo um sentimento de estranhamento, entre grupos que interagem no mesmo espaço social, ou até mesmo no próprio grupo caso exista um indivíduo considerado estranho frente aos demais, o mesmo torna-se um estrangeiro.

Consequentemente, o estrangeiro pode ser muitas vezes aquele indivíduo (ou grupo social) que se torna o alvo de injúrias quando uma possível ameaça surge. Podemos pensar historicamente o papel que a população judaica recebeu na Europa ocidental, como sendo os “responsáveis” por tragédias que ocorriam¹. Neste exemplo eles eram muitas vezes os “bodes expiatórios”, ou seja, aquele grupo sobre o qual recaíam as culpas quando uma ameaça surgia. Naquele contexto, a culpa era do judeu, independente do que ele realmente fazia (VOLICH, 1998, p.180). Isto quer dizer que o estrangeiro pode vir costumeiramente a se tornar o alvo quando surge uma possível ameaça que pode desestabilizar as regras vigentes em uma sociedade. Ele é considerado como o diferente, logo, um possível culpado, pois ele pode ser alguém que facilmente vai trair o grupo ou desaparecer. Em linhas gerais isso quer dizer que o estrangeiro representa simbolicamente o medo do desconhecido, do imprevisível, aquilo que não pode ser esperado.

Deve-se salientar que Simmel está descrevendo um tipo específico de imigrante ao tratar do estrangeiro, a saber, o judeu na sociedade europeia, que neste sentido é uma figura de um imigrante qualificado profissionalmente, diferente de outros fluxos migratórios na qual muitas vezes são indivíduos que mesmo qualificados, exercem funções na mão-de-obra básica da sociedade, tais como pedreiros, nas fábricas ou outros empregos. O que assemelha o estrangeiro de Simmel com a análise dos imigrantes haitianos no contexto de uma cidade do Rio Grande do Sul é a figura de um indivíduo visto de maneira suspeita pela população local, mesmo que nos dizeres de muitos moradores estes sejam bons trabalhadores, ao mesmo tempo existe a desconfiança da presença destes indivíduos, somado a isso os aspectos étnico-raciais presentes nestes imigrantes, que os destacam da maioria da população local, em sua maioria brancos. Para muitos dos estabelecidos de Lajeado, os imigrantes haitianos estão presentes ao mesmo tempo que não são vistos como pertencentes à realidade de Lajeado, eles são considerados como indivíduos à parte dos demais lajeadenses.

Os imigrantes são demonstrados nos noticiários televisivos e na internet como pessoas distantes de outras terras, com outras culturas, outras formas de viver. No momento em que este imigrante deixa de ser um ser abstrato e se torna alguém concreto com quem os indivíduos mantêm contato face a face e interagem (ou evitam a interação), pode vir a surgir

¹ Para um maior aprofundamento acerca desta questão, recomenda-se a leitura do livro “As origens do Totalitarismo”, de Hannah Arendt, mais especificamente a primeira parte do livro, intitulada de antissemitismo.

um desconforto com a presença destes “forasteiros”, pois “aquilo que era tolerável quando o estrangeiro estava longe, torna-se insuportável a partir do momento em que ele se aproxima demais e nos impõe suas ‘excentricidades’, morando ali ao lado” (MAGALHÃES, 2013, p.31). Para a população local, os imigrantes recém chegados são “incapazes de se integrarem às normas e linguagens preferidas pelas populações dominantes” (SCOTT, 2010, p.123), isto significa que, a partir do momento em que os estabelecidos se reconhecem como o grau máximo de moral e os que agem de forma diferente são pessoas consideradas como incapazes de assimilar os costumes considerados como corretos pelos estabelecidos.

Sayad (1998, p.10) apresenta o imigrante como uma questão complexa, todavia, com uma ênfase do imigrante ser uma força de trabalho provisória. Segundo Sayad, “foi o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser” (SAYAD, Op. Cit., p. 55), ou seja, para Sayad o imigrante existe em função do trabalho. O que esta compreensão de Sayad se assemelha ao estrangeiro de Simmel é que o imigrante apresenta-se como um indivíduo que se encontra em transito, esta situação de não se encontrar de forma fixa em um contexto, é um aspecto simbólico de permanência e não permanência ao mesmo tempo na qual o estrangeiro está enraizado. Em cidades na qual se espera que a população mantenha um certo ritmo de como se viver, a chegada de um grupo massivo de estrangeiros, causa um desconforto para os moradores locais, pois seu jeito de viver até então pode vir a tornar-se ameaçado por um novo grupo de atores que não sabem “qual é o seu papel”. Todavia, deve-se salientar que a migração não é determinada unicamente pela necessidade econômica (MAFFESOLI, 2001, p.51) como Sayad alegava ser a economia a matriz do imigrante. Alguns grupos étnicos podem ter o pulsar migratório como gênese de sua cultura ou identidade e os mesmos não se encontrarem ligados necessariamente junto à esfera econômica.

Muitas vezes o imigrante pode ser apresentado como um ser mitológico, alienígena, portanto, algo temido pois não se conhece. Delgado (2009) demonstra como o imigrante e o monstro se confundem no imaginário, porque os nossos monstros costumam ser imigrantes – alienígenas, demônios vindos das profundezas do inferno, ou criaturas abissais de espaços inexplorados do oceano, todos provenientes de outra realidade à nossa, como o imigrante – sendo, portanto, o alienígena um sinônimo de estrangeiro. O imigrante assume o seu papel,

não apenas na economia, mas também como um signo conceitual, o estrangeiro se torna uma nova versão de velhas figuras mitológicas (DELGADO, Op. Cit., p.21). Desenvolve-se uma estranheza que proíbe uma verdadeira interação entre ambas as partes, como na cultura helenística que consideravam os outros como sendo os bárbaros, ou os judeus em relação aos gentios (aqueles que não possuem a cultura judaica) e por fim, isto representa em última instância, a relação entre “nós e eles”. Neste caso, quem é o outro? O estrangeiro (VOLICH, 1998, p.178), este muitas vezes se apresenta como alguém abstrato, que tenho pouco contato, pouco sei sobre, mas imagino como ele é e como deve-se portar.

A permanência do estrangeiro em um espaço social significa na organização dos signos de preconceito na qual os estabelecidos realizam em suas ações sociais, uma vez que elas vão se repetindo, os estabelecidos vão formando um estereótipo e tipificando como os estrangeiros são. O preconceito em um nível mais elevado, como o racismo, a xenofobia ou a negação deste imigrante vai ser ocasionado pela “ruptura que torna impossível ver no estrangeiro um semelhante, de identificar-se com a espécie humana, impedindo que se estabeleça com esse estrangeiro um relacionamento imaginário ou simbólico de interlocução” (VOLICH, 1998, p.183). Para o xenófobo, o imigrante é o agente externo indesejável que desencadeia a alteração ou eliminação de uma ordem desejada, o anti-racista também acaba por pensar em termos semelhantes, pois ambos veem o imigrante como um germe da transformação da sociedade (DELGADO, 2009, p.14), um de forma pejorativa pois o imigrante deve ser evitado, o outro como algo positivo ou inevitável. Consequentemente, em ambos os casos, tanto quem é contra a imigração, como quem é favorável, sabe que a vinda do estrangeiro vai significar uma mudança no local, seja ela boa ou ruim.

O imigrante deverá enfrentar situações muitas vezes conflituosas, por adentrar em um espaço social que não era seu até então. Sendo obrigado a organizar suas ações a partir de relações com indivíduos que são hostis a ele. Tal hostilidade é oriunda de um estranhamento frente a um indivíduo que não era original do local e que o mesmo não se encontra preso ao roteiro dos estabelecidos, o que causa a revolta deles, pois é um grupo na qual a dominação ainda não é efetiva, pois os mesmos podem a qualquer momento mudar suas ações. Isto significa que o estrangeiro perturba nossas certezas e convicções (MAFFESOLI, 2001, p.23), por isso o imigrante é visto como uma novidade temida.

Nesta seção foi demonstrado que o imigrante se apresenta de forma desconfiada pela população local estabelecida, pois chegam como forasteiros e são vistos receosamente, pois os estabelecidos não sabem o que esperar destes estrangeiros. Conforme apresentado até então, deve ser compreendido que o comportamento do imigrante e sua respectiva ação social são oriundos do seu status de migrante, pois nas suas relações com não migrantes, ele vai estar eternamente em um processo de deslocamento e não pertencimento a esta localidade, o que caracteriza a sua identidade. Ele é necessariamente um indivíduo que está e não está no local, mesmo que venha a se estabelecer. O imigrante carrega consigo os símbolos de sua região de origem, estes são transfigurados no local atual em que ele se encontra, e é por causa dessa situação dúbia de pertencimento e não pertencimento que o estrangeiro se torna uma figura enigmática para a população estabelecida.

O recente fluxo migratório em Lajeado acarretou na entrada de um contingente significativo de imigrantes que causaram estranhamento e desconforto para a população local, a qual acreditava que a cidade estava sendo invadida. Este estranhamento decorrente da chegada dos imigrantes despertou estranhamento para a população e o desconforto foi se intensificando nas redes de conversas e fofocas, pois estes “novos negros” não sabiam o “seu lugar”, estavam circulando em espaços sociais em que até então a presença de negros era pouco expressiva, conseqüentemente alguns lajeadenses consideraram que deveria haver alguma medida para organizar essa “invasão” inesperada na cidade. Abordaremos agora o aspecto da imigração e posteriormente entraremos na discussão étnico-racial.

Migrações e teorias migratórias

No século XXI um novo fluxo das migrações internacionais torna-se uma realidade em diversas regiões do planeta (MAGALHÃES, 2013, p.27). Isto é facilmente verificável ao se ligar a televisão em um telejornal, lermos uma notícia impressa ou acessarmos algum site de notícias na qual será apresentado uma matéria acerca da crise dos refugiados na Europa ou outra questão envolvendo imigrações. Essa realidade migratória não é exclusividade de um determinado continente, tem se apresentado – de maneira diferente - em regiões do planeta.

As migrações não são fenômenos novos, já que ao longo da História da Humanidade migrações, exílios e diásporas foram sendo realizadas por diversos grupos étnicos. No caso brasileiro, por exemplo, em algumas regiões do sul do país, é um tanto quanto tradicional

revisitar os antepassados em um épico discurso de ser descendente de imigrante europeu. O que ocasionalmente muda no fenômeno migratório é o contexto e os fluxos em que ocorrem migrações e quais são os grupos étnicos que estão migrando, assim, portanto, países que por séculos haviam enviado emigrantes, podem repentinamente tornam-se países que recebem imigrantes (MASSEY et al, 1993, p.431).

É presenciado a partir de 2010 um fluxo migratório de haitianos vindos ao Brasil, para entendermos o fenômeno migratório dos haitianos, precisamos anteriormente compreender mais acerca da migração, desde as suas teorias, assim como o significado de migrar para os haitianos, para, posteriormente, podermos compreender como ocorreu a migração haitiana ao Brasil e de qual maneira alguns deles foram chegar em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul.

A migração é um movimento – forçado ou não – de um indivíduo ou um grupo deslocando-se para um outro espaço. Embora muitas vezes os termos e nomenclaturas podem vir a serem usados de maneira corriqueira sem uma devida diferenciação, imigrante e refugiado são duas coisas distintas. O imigrante decide deslocar-se, seja por desejos econômicos, isto quer dizer, a busca de uma melhor condição de vida; anseios culturais; os jovens viajando que querem “passear pelo mundo”; ou algum outro fator. Parte-se do desejo do indivíduo (ou grupo à qual ele pertence) em migrar por um determinado motivo. Já os refugiados, “deslocam-se para salvar suas vidas ou preservar sua liberdade” (ZENI; FILIPPIM, 2014, p.15). O caso haitiano é um pouco ambíguo em classificar como imigração ou refúgio, pois o refúgio ambiental não é algo reconhecido politicamente (ANNONI; VALDES, 2012), e houve um acordo no Brasil acerca do visto humanitário concedido aos haitianos. Acerca destes imigrantes,

merece destaque o fato de os haitianos não serem considerados refugiados pelo simples fato de não exatamente se enquadrarem nos pré-requisitos estabelecidos pela Convenção de 1951 e pelo Protocolo de 1967, que estabelecem como beneficiários os que sofrem perseguição, violência generalizada e desrespeito aos direitos humanos. No entanto, por vivenciarem uma situação inegavelmente calamitosa por conta da catástrofe ambiental e, diante da ausência de um dispositivo específico que proteja pessoas nesta condição, o Estado brasileiro criou, através da Resolução nº 97/2012, um visto por razões humanitárias (SANTOS; CECCHETTI, 2016, p.62).

Neste sentido, para esta dissertação optamos por considerarmos os haitianos como imigrantes.

Nos recentes fluxos migratórios, o Brasil tem recebido migrantes de países que tradicionalmente tinham como destino os Estados Unidos ou algum país da Europa, “estes destinos por muitas décadas foram (e ainda são) os preferidos dos indivíduos que, por algum atrativo, eram motivados a submeter-se a uma situação de ilegalidade e de portabilidade para viver em solo estrangeiro” (ZENI; FILIPPIM, 2014, p.12). Países que até a segunda metade do século XX tinha como tradição serem países emigrantes – como o Brasil – no início do século XXI retornam a ser países que recebem fluxos de imigrantes. Estes fluxos de imigração para o Brasil não deixaram de existir no século XX, mas no início do século XXI novos fluxos imigratórios surgem no país, principalmente devido a entrada de indivíduos de países que até então não possuíam uma expressiva entrada no país.

O imigrante surge em um contexto como a figura para exercer uma função que os demais membros daquela localidade não querem exercer, o trabalho se torna a essência do imigrante. Consequentemente o recrutamento de uma mão-de-obra vinda do exterior é o argumento principal na justificação da migração, inclusive onde se destacou as principais teorias migratórias que buscavam explicar o fenômeno migratório. Estas teorias explicavam a migração de indivíduos de países periféricos para os países industrializados, no caso, preferencialmente para os Estados Unidos ou algum país da Europa. Todavia, no século XXI novas rotas migratórias surgem e novos países se tornam projetos de rota imigratória, países como o Brasil, que embora não possam ser considerados industrializados no mesmo nível que os Estados Unidos, não são periféricos como o Haiti. Com a dificuldade de entrada de imigrantes nos países tradicionais, somadas à falta de emprego nessas regiões, ocasionou-se o surgimento de novas rotas migratórias, para países do Sul, mas com melhores condições que os seus países de origem.

Na conjuntura econômica em que o Brasil estava durante o maior fluxo migratório haitiano para o país - entre os anos de 2012 até meados de 2015 - surge nas conversas cotidianas das pessoas pelo Brasil de que estes imigrantes estariam sendo os agentes responsáveis pelo desemprego, pelo uso dos benefícios sociais e, em alguns casos, pelo aumento da insegurança nas localidades (SILVA, 2015, p.150), assim como indivíduos que iriam trazer doenças para o país e atraso cultural.

Para a compreensão da imigração haitiana para o Brasil, utilizaremos duas vertentes teóricas nos estudos migratórios, sendo elas as teorias das redes e a transmigração. Para

compreender o caso dos imigrantes haitianos e o seu histórico de diáspora para alguns países e que nos últimos anos o Brasil tornou-se um deles, esta dissertação relacionou as duas teorias para dialogar e trazer novos aspectos acerca das relações étnico-raciais, mais especificamente a racialização e estigmatização de um grupo recentemente imigrado em um determinado espaço e o estereótipo formulado pela população receptora destes imigrantes, demonstrando a sua forma. Entendemos a importância do aspecto econômico, pois a imigração haitiana vem ao Brasil como uma alternativa do empresariado para conseguir mão-de-obra mais barata, todavia, o aspecto econômico e a dimensão do trabalho não serão abordados nesta dissertação, apenas quando relacionado com o tema aqui proposto.

Não podemos compreender a imigração haitiana sem analisarmos as redes construídas por eles², estas redes constituem-se de emigrantes que já estão no país de destino, alguns locais, coíotes que podem ajudar na organização da travessia e os familiares que apoiam financeiramente (também os que cuidarão de sua casa). Da mesma forma a compreensão da transmigração é importante para elucidar acerca da identidade de diáspora do haitiano. Portanto, “as redes que se associam à migração constituem-se de relações familiares e de amizade, bem como ‘amigos de amigos’, e têm um desempenho muito influente no desenvolvimento das migrações” (PINHO, 2015, p.83). Isto quer dizer que, para ocorrer a imigração para um novo local, deve haver um contato prévio, seja de um nativo ou existir um primeiro imigrante desbravando novas terras. Já a transmigração seria a constatação de que os imigrantes mantem contato simultâneo entre o novo país e o seu país de origem, fazendo com que ambos os territórios sejam um só em sua ação social.

Mesmo a imigração sendo uma ação individual, o imigrante pode estar sendo pressionado ou estimulado por parentes ou amigos, para conseguir uma melhor oportunidade de emprego, e em consequência disso, poder enviar remessas de dinheiro para auxiliar seus familiares. Portanto, é necessária a existência de um motivo prévio em um grupo para que ocorra uma migração, o imigrante não surge no local em que chegou, ele já existe antes mesmo de sair de seu país de origem. O ato de migrar leva os imigrantes a mudarem seus hábitos de consumo e a adquirir estilos de vida não encontrados nos locais de origem

² Na experiência pessoal do autor quando foi para o Haiti, que ocorreu entre os meses de janeiro e fevereiro de 2014, foi presenciado de forma constante vários haitianos que interpelavam pedindo o contato (telefone na maioria das vezes, mas também e-mail ou perfil do Facebook) e informações sobre o Brasil, mas principalmente acerca da cidade e a região na qual o autor morava e como eram as oportunidades de emprego no local, tentavam construir uma rede, tendo intermediários entre o Haiti e uma cidade do Brasil.

(SANTOS et al, 2010, p.13), estimulando os demais membros a também migrarem, vide as ótimas oportunidades de melhora de vida no local de destino. Assim como caso eles retornem, eles podem comprar uma melhor casa ou ter um melhor carro, demonstrando aos demais que eles foram bem-sucedidos, o que estimula outros indivíduos a emigrarem.

TRANSmigração

A teoria da transmigração engloba diversas esferas na qual marcam a experiência migratória atualmente (MAGALHÃES, 2013, p.28), deve-se salientar que o fenômeno transmigratório começou a ser utilizado a partir dos anos 90 do século XX. Para compreender o transmigrante é preciso levar em consideração que o imigrante mantém contato com o seu país de origem ao mesmo tempo em que realiza a sua ação social no país migrado (GOMES DE CASTRO, 2011, p.27). Isto ocorre devido aos avanços tecnológicos da internet e da comunicação que facilitaram e fizeram com que os imigrantes pudessem entrar em contato com seus familiares e amigos que ficaram em sua terra natal, através de transmissão quase simultânea, possibilitando a comunicação diária com seus familiares. Diferente de imigrantes de outros contextos históricos no qual o contato com os familiares muitas vezes nunca mais vinha a ocorrer, ou ocorria apenas em forma de cartas não corriqueiras. Portanto, a ação do transmigrante pode ser realizada em dois espaços simultaneamente, em um físico e outro simbólico, pois o (trans)migrante encontra-se em distintos locais ao mesmo tempo, fazendo com que ele esteja e não esteja em uma relação social, da mesma forma que Simmel descreveu acerca do estrangeiro.

O transmigrante, diferente do que ocorreu nos estudos sobre os imigrantes na Escola de Chicago, não busca ou não quer essencialmente ser assimilado na cultura local, pois ele mantém contato direto com os seus conterrâneos. Esta não busca do novo imigrante em ser assimilado pode vir a ser a gênese do desconforto e desconfiança que a população local tem destes imigrantes, visto que os imigrantes podem se apresentar como um grupo fechado, ao contrário dos imigrantes que não tinham contato com seus conterrâneos e em alguns casos na primeira geração já se tornavam assimilados à cultura receptora. Nesta perspectiva transnacional devemos compreender a possibilidade que o imigrante tem em manter contato com o lugar de origem. Portanto, “a existência do migrante transnacional coloca-nos para reconceitualizar as categorias de nacionalismo, etnicidade e raça” (SASAKI; OLIVEIRA ASSIS, 2000, p.15).

O fenômeno transnacional demonstra a necessidade de complexificar e compreender o fenômeno migratório não restringindo apenas aos aspectos econômicos, nos quais os migrantes parecem indivíduos que agem desconectados de relações sociais (SASAKI; OLIVEIRA ASSIS, Op. Cit., p.10), demonstrando que a relação de não-pertencimento ao local de destino e pouca interação com os moradores locais são fortes fatores para o desenvolvimento de estranhamento e desconfiança com estes indivíduos imigrantes. Outro fator importante a ser destacado nesta questão é a importância de compreender as redes de relações construídas para ser realizada e mantida a imigração, portanto, será abordado agora a outra teoria dos estudos migratórios que utilizamos nesta pesquisa.

Teoria das Redes

A teoria das redes, para a compreensão do fenômeno migratório, é importante para a constatação de que o imigrante não é um ser isolado, ele encontra-se em interação com outros indivíduos, pois, mesmo que ele decida migrar sozinho, pode ter recebido apoio – desde moral, financeiro, ou outro – de familiares, para que consiga em seu novo país um melhor emprego e com isso, sustente os seus familiares, evento este recorrente na diáspora haitiana. Mesmo em sua ação individual, o indivíduo não é uma ilha isolada, as suas escolhas são feitas a partir de uma rede de contatos com diversas outras pessoas, as quais vão corroborar – ou não – para que este indivíduo migre. Com isso, o imigrante sempre vai constituir uma rede de contatos para a sua migração, inclusive, abrindo portas para outros imigrantes depois dele.

A rede dos imigrantes é um instrumento no qual facilita a realização de todo o processo migratório, pois serve como um instrumento para disseminar informações, desde rotas como também oportunidades de trabalho, isto é, “a difusão de informações favorece especialmente o conhecimento prévio sobre o mercado de trabalho do destino” (COSTA DE SÁ, 2015, p.102), os fluxos dos imigrantes posteriores aos primeiros aventureiros tendem a melhor se localizarem e discernirem quais locais são mais aptos para recebe-los, e estas informações são provenientes das redes migratórias, nas quais os primeiros imigrantes transmitem suas informações para os seguintes que anseiam em ir ao local de destino, constituindo assim um sistema de informações para futuros imigrantes. Entre as redes, estão presentes além dos indivíduos do mesmo grupo étnico que migrou para o local, também pessoas locais ou intermediários na qual podem ser facilitadores para eles encontrarem empregos e moradia, por isso, devemos compreender que

As “redes” desmentem, no entanto, as teorias explicativas gerais das migrações internacionais, pois, em lugar de estabelecerem “padrões globais” generalizados, separam as características dos fluxos segundo contextos históricos de actuação, ou condicionantes específicas de espaço e tempo. A noção de “sistemas migratórios” é, originariamente, uma crítica às abordagens teóricas clássicas, de cariz “positivista” (PEIXOTO, 2004, p.28).

As teorias clássicas buscavam ver apenas a escolha racional do indivíduo em migrar, puramente por interesses econômicos em ganhar salários de maior valor na qual seu país de origem. Todavia, estas teorias desconsideravam outros aspectos importantes, como as relações destes indivíduos com outros que os influenciavam na imigração. Outro aspecto importante é que com a chegada de um grupo migrante vai ocorrer uma mudança no local receptor, e com isso vir a provocar reações internas (SANTOS et al, 2010, p.12) que levariam os moradores locais a tentarem retornar tudo à normalidade, como era antes, visto o desconforto ou sentimento de estarem sendo ameaçados frente à vinda deste novo grupo na região que pode romper com a normalidade e o roteiro que se era vivido até então. Algo que as teorias clássicas desconsideravam.

Portanto, as redes de migrações, são teias interpessoais que conectam os migrantes, àqueles que já migraram e os não migrantes nos locais de origem e destino (MASSEY et al, 1993, p.448), sendo importante a formação de uma rede, pois elas diminuem os riscos dos futuros imigrantes, diminuem o preço da imigração e aumentam o fluxo migratório neste local de destino. Neste sentido, esta teoria não busca analisar os indivíduos, mas as relações que eles estabelecem com um grupo de indivíduos, focando a interação de forma processual. “É na sociologia formal de Simmel que se identifica a origem sociológica do conceito de rede e respetiva análise. O autor define a sociedade como processo, a sua existência depende das ações recíprocas” (PINHO, 2015, p.84-85). Um exemplo que podemos compreender a teoria das redes para a análise da imigração haitiana é no caso da cidade de Tabatinga,

Quanto ao deslocamento, 62% haviam viajado com amigos ou familiares e 8%, com outros haitianos. Esses dados evidenciam uma migração coletivamente planejada e efetuada, obedecendo a uma forte lógica de rede. Essa pode ser a explicação principal para a distribuição geográfica desigual da origem dos migrantes. O terremoto é um fator, mas a existência de uma rede transforma a situação objetiva em uma oportunidade subjetiva. O tratamento midiático e político foi dominado pela ideia de que “os imigrantes haitianos que chegam ao Brasil são profissionais qualificados, oriundos da classe média, como engenheiros, professores, advogados, pedreiros, mestres de obras e carpinteiros”. Os dados apontam para um padrão bastante diferente: trata-se de uma migração de trabalho carregando consigo a realidade dominante no Haiti: a de uma população pouco qualificada e assolada por múltiplas vulnerabilidades (VÉRAN, et al, 2014, p.1015).

Este caso demonstra a rede utilizada para a imigração, isto é, mais da metade do percentual dos imigrantes viajaram entre amigos e familiares próximos, demonstrando algo coletivamente planejado, ou seja, um grupo maior migrando ao local. Neste sentido, a imigração é uma rede social composta por relações sociais cotidianas entre diversas pessoas (FAZITO, 2010, p.98). No caso haitiano,

verifica-se que as redes de contatos existentes no país de destino estão articuladas em torno de relações fortes de parentesco e amizade, o que permite classificá-las, de modo mais adequado, como cadeias migratórias ou redes pessoais. Além disso, envolvem atores que se relacionam sobretudo na residência que compartilham, na igreja que frequentam ou na ONG de acolhida. As redes também dificultam a aculturação, já que reforçam laços fortes dentro dos domicílios de imigrantes e entre os domicílios de imigrantes, além de comprometerem a assimilação do idioma. Este último aspecto, por sua vez, condena as famílias, domicílios e grupos de conhecidos haitianos a continuarem mantendo relações fortes entre si, o que compromete o crescimento profissional do grupo no mercado de trabalho brasileiro (COSTA DE SÁ, 2015, p.121).

As redes sociais são os meios que os imigrantes obtêm e coletam informações acerca do local de destino almejado por eles. Portanto, as redes são a forma na qual as migrações desenvolvem-se em um fluxo de forma contínua. É claro, que as redes de migrantes não explicam, sozinhas, as dinâmicas da migração internacional (PINHO, 2015, p.94), na verdade, nenhuma teoria migratória pode explicar a imigração em sua totalidade, todavia, para a compreensão da chegada de um grupo étnico diferente da dos habitantes do local de destino e o eventual desconforto que a população faz destes imigrantes, as teorias transmigrantes e o estudo das redes sociais mostram-se importantes para a análise deste fenômeno social. Estas teorias auxiliam para compreender que os imigrantes haitianos em Lajeado mantinham contato com seus conterrâneos, enviando quantias em dinheiro para eles e também utilizaram-se de suas redes comunicando das oportunidades de trabalho na região, o que ocasionava em maiores entradas deles na cidade, aumentando o desconforto da população com receio de estar ocorrendo uma invasão. Descreveremos agora sobre o novo fenômeno imigratório, o qual a literatura muitas vezes trata como imigração Sul-Sul, ou seja, indivíduos de países periféricos que escolhem migrar não para os países mais industrializados ou considerados como potências, mas para países intermediários.

Nova imigração Sul-Sul

As mudanças migratórias recentes mostram que países que por décadas foram considerados como países de emigração tornam-se repentinamente em países receptores de

imigrantes (MASSEY et al, 1993, p.431). O fenômeno da globalização tem alterado e transformado diversas sociodinâmicas do mundo contemporâneo, e tem gerado um forte impacto nos movimentos migratórios de até então. Com os países tradicionais de imigração haitiana como Estados Unidos, Canadá e França (incluindo também o seu departamento extra marinho, a Guiana Francesa), estando com menos oportunidades para os imigrantes devido à falta de empregos ou políticas mais restritivas para imigrantes, ocasiona na abertura de novas portas para a imigração, estas provenientes de países até então sem uma tradição de imigração destes grupos étnicos ou cuja imigração encontrava-se relativamente estagnada tendo uma entrada de constantes contingentes de determinados países. Em decorrência da crise financeira internacional, países que não eram considerados como plenamente desenvolvidos, como o Brasil (SANTOS; CECCHETTI, 2016, p.62), começaram a receber significativos fluxos migratórios internacionais oriundos de países periféricos do capitalismo contemporâneo, como o Haiti.

Segundo a ACNUR, o número de solicitações de refúgio no Brasil³, passou de 966 em 2010, para 28.670 em 2015. Também, no dia 12 de novembro de 2015 foi publicado no Diário Oficial da União⁴, na página 48 da seção 1, um despacho proferido pelos CONARE/MJ, CNIG/TEM e DEEST/MJ, concedendo a permanência – na vigência de um ano - para 43.871 haitianos no Brasil. O CGIG/MTE apresentou no relatório de abril a junho de 2015 da autorização de trabalho concedidas a estrangeiros (OBMigra, 2015, p.15), que no primeiro semestre de 2014 foram concedidas 21.000 autorizações de trabalho, no primeiro semestre de 2015 foram 18.213 e no segundo semestre de 2015 houve uma diminuição para 8.801 de autorização de trabalhos concedidas a estrangeiros. Estes dados são oriundos dos solicitantes de refúgio assim como dos imigrantes que realizaram registros junto à Polícia Federal, portanto, o número das entradas ilegais – seja por refúgio ou imigração – são muito maiores que tais números apresentados, mas elas não são apresentadas nos dados estatísticos do governo.

No século XIX e início do século XX, o Brasil recebeu um grande fluxo de imigrantes, com a política de cotas da Era Vargas nos anos 1930, mais especificamente a partir de 1933, a imigração foi regulada de forma restritiva. Estabeleceu-se que o Brasil receberia anualmente

³ Disponível em <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>, acesso em 28/11/2016.

⁴ Disponível em <http://voce.mj.gov.br/lista1.pdf>, acesso em 28/11/2016.

2% do total de imigrantes da cada nacionalidade que tivessem imigrado nos últimos 50 anos (VÉLAN, et al, 2014, p.1007). Esta regularização ocorreu para manter uma migração desejada, com as cotas, a imigração foi regulamentada de forma restritiva ao mesmo tempo em que os trabalhadores nacionais⁵ eram favorecidos. Durante a ditadura militar foi elaborada a lei do imigrante, a lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980⁶ a qual não possui mais o caráter restritivo como a cota da era Vargas, todavia, pode abrir a possibilidade para formas de discriminação por classe⁷.

O Brasil a partir da metade do século XX torna-se um país emigrante, muitos brasileiros foram para outros países em busca de melhores oportunidades, principalmente Estados Unidos, países da Europa e Japão. O contexto na qual o mundo apresentava-se no início do século XXI, com a crise no norte e fechamento de fronteiras, ocasionou em uma conjuntura de eventos para que surgisse a possibilidade do Brasil tornar-se novamente um país que recebe fluxos de imigração. Os demais países olharam para o Brasil como um país que estava crescendo economicamente, ao mesmo tempo que sediaria respectivamente a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos, este na cidade do Rio de Janeiro, fazendo com que o Brasil entrasse na nova rota migratória contemporânea. Com isso, países periféricos que estavam tendo dificuldades em imigrar nos países com redes já estabelecidas, em sua maioria devido à falta de emprego nestes países, começam a construir uma nova rede migratória, proveniente neste novo fluxo Sul-Sul, de modo que os países periféricos começaram a buscar oportunidades nos países em maior desenvolvimento, mas que ainda não são considerados potências industriais, como o caso do Brasil, um país intermediário. Em alguns casos, o Brasil tornou-se uma zona de trânsito migratório, um caminho para se percorrer até chegar ao país desejado, que para os haitianos são Estados Unidos, Canadá e França⁸. Haitianos relataram que escolheram migrar para o Brasil devido às oportunidades que estavam surgindo no país, mas que, assim que tivessem condições financeiras e a situação econômica melhorasse com o surgimento de novas vagas de empregos, eles migrariam para os Estados Unidos. Outros vendo que a situação nos países da diáspora – Estados Unidos, Canadá e França – encontram-

⁵ Os filhos dos imigrantes eram considerados como nacionais.

⁶ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6815.htm, acesso em 26/01/2017.

⁷ Existe a PL 2516/15 que foi aprovado na Câmara dos Deputados e aguarda nova votação no Senado, na qual visa implantar uma nova lei da imigração, entre os princípios desta lei encontra-se a garantia de igualdade de dos imigrantes com os nacionais em seus direitos sociais.

Disponível em http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1366741, acesso em 26/01/2017.

⁸ Considerados *peyi blan*.

se com dificuldades para encontrar emprego, escolhem permanecer nos países intermediários do Sul e constroem sua diáspora nestes países.

Neste contexto de novos fluxos de imigrantes é que acabam ocasionando casos de xenofobia (GRANGER, 2014) contra este novo grupo imigrante, visto que o país receptor dos imigrantes não está acostumado com a vinda repentina de distintos grupos étnicos em suas terras, apenas a “esperada” imigração tradicional que vinha ocorrendo. Outro aspecto de mudanças da migração Sul-Sul é que os países pelos quais os imigrantes transitam até chegar na nova rota também se tornam locais de fomento das redes dos imigrantes, transformando assim a rede migratória da região. Neste novo território em que os imigrantes haitianos chegam, o qual não estava acostumada com a vinda repentina de um número considerável de estrangeiros, estes tornam-se um problema para os governos locais e para a população.

Neste sentido apresenta-se a questão de que alguns grupos étnicos mantem fluxos contínuos de imigração, construindo assim um sentimento cultural de realizar uma diáspora. Mesmo que as “portas” dos países em que até então migravam se fechem repentinamente, os mesmos procuram novas portas para seguir, se vendo obrigados a encontrar novos países para imigrar. Entre eles, um que surge neste contexto é o Brasil, todavia, o mesmo não estava “preparado” para receber imigrantes – indesejados pela população e governo – o que desenvolveu em casos de xenofobia e estigmatização destes imigrantes. Agora trataremos acerca da Diáspora para a compreensão sobre o fenômeno migratório do Haiti.

Diáspora haitiana

A relação de emigrar e imigrar constrói as redes migratórias e desenvolve uma cultura migratória em parte de uma população. Muitas vezes, quando organizada e realizada de maneira corriqueira, apresenta-se como a diáspora de um grupo étnico. Neste subcapítulo trataremos acerca da diáspora haitiana e como a mesma se apresenta de maneira que se torna um fator identitário entre os haitianos. Inicialmente, deve-se compreender que o processo migratório haitiano possui sua singularidade e, portanto, é específico e diferente de outras imigrações, pois o caso haitiano “provém de sociedades que têm a migração inscrita em sua história” (BRITO, 2010, p.439). No Haiti a imigração é um importante aspecto cultural (BRITO, op. Cit., p.439), a diáspora é um atributo (PATARRA, 2006) que já predispõe aspectos simbólicos que influenciam os indivíduos a migrar (COSTA DE SÁ, 2015, p.120), a

diáspora tornou-se parte da cultura haitiana por causa de massivas ondas migratórias que ocorreram. Deve-se compreender que a concepção da diáspora, para os haitianos é mais ampla que o ato de migrar pois

O termo diáspora é uma categoria organizadora do mundo, pois designa pessoas, qualifica objetos, dinheiro, casas e ações. O termo diáspora é utilizado para referir aos compatriotas residentes aleanje⁹mas que voltam temporariamente ao Haiti e logo retornam para o exterior: Diaspora ki jan ou ye? (Diáspora, como você vai?) [...] A categoria diáspora também serve para qualificar ações (HANDERSON, 2015, p.40).

Estima-se que entre 4 a 5 milhões de haitianos estejam espalhados pelo mundo em diáspora. Para os haitianos, o termo *diáspora* serve como adjetivo para qualificar pessoas, além de designar a comunidade haitiana transnacional. Deve-se também compreender que para os haitianos “quem parte e nunca volta não é chamado de diáspora, é considerado como alguém vivendo na diáspora, fora do Haiti [...] Diáspora é vista assim como uma categoria de interação” (HANDERSON, Op. Cit., p.361). Os haitianos possuem em sua cosmovisão o sentido de ser mobilidade, tornar-se diáspora significa estar em mobilidade (HANDERSON, Op. Cit., p.248).

A primeira questão a ser destacada é que o Haiti é uma ilha e conseqüentemente, como qualquer ilha, ela possui terra limitada para a população. Além disso, a ilha é montanhosa e com poucas terras férteis para a agricultura, havendo também o problema da erosão. Portanto, os haitianos acabam saindo por motivos ecológicos e demográficos. No Haiti, 80% da população vive abaixo da linha da pobreza, além do fato de que dois terços sobrevivem da pesca e da agricultura que são realizadas em terrenos erosivos e áreas bastante desmatadas, estimando-se que 2% da área do país consista em florestas (MEJÍA et al, 2014, p.1).

Foto 1: Interior de Pourt-au-Prince

⁹No estrangeiro, tradução nossa.



Fonte: Acervo fotográfico do próprio autor

A foto acima é de uma estrada pela qual se passa para ir da capital para uma região interiorana. Ela não representa todo o Haiti, pois há bastante áreas com vegetação expressiva, principalmente no interior, todavia, as áreas que podem ser cultivadas são mínimas, o que estimula os haitianos à migrarem para outros países.

Deve-se compreender que, atualmente, “boa parte da economia do Haiti é mantida pelas remessas da *diáspora*” (HANDERSON, 2015, p.356), mostrando com isso a importância de estar em diáspora para os haitianos. Somado a isso há o aspecto econômico, não existindo emprego para toda a população, os obrigando a migrar para outros países em busca de melhores oportunidades. Existe também a questão histórica do país, principalmente os aspectos políticos que serão descritos posteriormente, que desencadearam a necessidade do haitiano em emigrar de seu país, com isso, ao longo do tempo, constituindo uma identidade de diáspora dos haitianos, na qual o haitiano que está em diáspora (isso é, o imigrante bem-sucedido) adquire um bom status em seu país, podendo facilmente ser reconhecido pelas melhores casas das regiões, as chamadas casas diáspora (HANDERSON, Op. Cit.).

Foto 2: Casa Diaspora em Les Cayes



Fonte: Acervo fotográfico do próprio autor

O haitiano em diáspora – o bem-sucedido – costuma apresentar as melhores casas da região, na maioria das vezes pintada, com melhor material de construção e também adornos que a identificam. No caso haitiano é muito presente a questão da diáspora como um atributo cultural próprio¹⁰. Esta experiência de diáspora supõe que o espaço geográfico do Haiti é considerado como um ponto de partida ou local provisório, pois a mobilidade para outro país

¹⁰ Quanto a isto, no período em que o autor esteve no Haiti, muitos haitianos relatavam o desejo de ir para um outro país.

enraizou-se no imaginário da população haitiana, sendo inclusive estar em diáspora considerado como uma extensão de estar no Haiti.

A identidade de diáspora do haitiano é semelhante ao *ser* estrangeiro de Simmel, isto é, estar dentro e estar fora do Haiti ao mesmo tempo, visto que a população em diáspora constantemente envia remessas de dinheiro aos seus familiares e buscam estar envolvidos nas questões políticas do seu país de origem. Para alguns haitianos mesmo que eles estejam no Haiti, eles planejam sua partida para outro lugar o quanto antes, ao mesmo tempo que os haitianos migrados, trazem aspectos culturais e revivem o ser haitiano no novo espaço em que se encontram, mantendo, assim, uma extensão extra marítima do Haiti em um outro local. Muitos dos haitianos em diáspora almejam retornar ao Haiti com recursos financeiros e se tornar um “*Diaspora*” (HANDERSON, 2015), isto é, alguém que triunfou na imigração e conseguiu construir uma boa casa e comprar um bom carro. Isto significa que os haitianos imigrantes se tornam indivíduos que estão e não estão no espaço social físico (país em que se encontram) e simbólico (Haiti), em um duplo (não)pertencimento. Devemos compreender como o Haiti se tornou um país diáspora, pois além dos aspectos ecológicos e econômicos, o impacto político também exerceu uma influência na diáspora haitiana. Para isso, enfocaremos de forma breve alguns pontos da história do Haiti.

O Haiti foi o primeiro país das Américas a abolir a escravidão, ao declarar a sua independência com o fim da revolução, em 1804. Foi o país que instituiu a primeira república negra do mundo (PIMENTEL; COTINGUIBA, 2012, p.100). A independência do Haiti construiu uma insegurança coletiva entre lideranças dos países das Américas a partir do medo de que algo semelhante ao que havia ocorrido no Haiti poderia acontecer em seus respectivos países, isto é, que em outras regiões das Américas os negros pudessem se revoltar contra os seus senhores da mesma forma que ocorreu no caso haitiano, fazendo com que os pactos comerciais até então existentes com a colônia fossem selados.

A situação do Haiti piorou com a morte de Dessalines, em 1806, dividindo o país em dois regimes, um monarquista e outro republicano, sendo em 1820 ambos reunificados por Jean Boyer, adotando um sistema republicano. “Como forma de retaliação, a partir de 1804, os escravistas europeus e estadunidenses mantiveram o Haiti sob forte bloqueio comercial por 60 anos” (SANTOS; CECCHETTI, 2016, p.65). A rebelião nunca foi “perdoada” pelos países colonizadores, colocando o Haiti em embargos econômicos que perduram até hoje, pois além

de não terem a independência reconhecida por muito tempo, tiveram que pagar tributos para sua antiga metrópole. Outro fator a ser destacado é que a sua história está marcada pela tensão étnica com a vizinha República Dominicana. As pressões de países exteriores tornaram o Haiti o país mais pobre do Caribe e das Américas, com a maior parte da população vivendo em condições extremas de pobreza (PIMENTEL; COTINGUIBA, 2012, p.99).

Entre 1913 e 1934, os Estados Unidos invadiram o território para defender seus interesses, e entre 1957 a 1986, a ditadura de Papa Doc e seu filho Baby Doc, instalou um regime de terror e assassinatos, além do sucateamento do Estado e da exploração da população. Ao final deste período, o Haiti se tornou a nação mais pobre das Américas, com altíssimo índice de analfabetismo, caos na saúde pública (SANTOS; CECCHETTI, 2016, p.65).

A imigração haitiana ganha força no século XX, principalmente durante as ditaduras de Papa e Baby Doc, respectivamente, François Duvalier (Papa Doc), de 1957 até 1971, quando o poder político passou de pai para filho, Jean Claude Duvalier (Baby Doc) que presidiu o país de 1971 até 1986 (ALMEIDA; BRANDÃO, 2015, p.65). No período da ditadura de Papa e Baby Doc muitos haitianos começam a solicitar asilo nos Estados Unidos (PIERRE-LOUIS, 2013), e ao solicitarem o asilo, os refugiados haitianos acabaram gerando uma atenção ao mundo a respeito do regime dos Duvalier, este, com apoio dos Estados Unidos. Os primeiros exilados do regime dos Duvalier utilizaram muito de seu tempo se organizando contra o regime. Já nos anos 1980, novos líderes organizam novas formas de articulação, não focando mais sobre o regime dos Duvalier, mas sim, buscando formas de manter a identidade e cultura haitiana nos Estados Unidos, criando pequenos bairros culturais, e buscando auxiliar suas cidades natais no Haiti, deixando o regime e confronto político um pouco de lado, mantendo uma posição neutra, o que causa estranhamento por parte dos primeiros exilados.

O segundo fluxo de grupos imigrantes haitianos nos Estados Unidos trouxe uma visão diferente da dos da primeira leva. Primeiro que eles eram mais negros que os membros da classe média que migraram (PIERRE-LOUIS, 2013, p.27) no primeiro fluxo, assim como eram mais pobres, eles foram fortemente associados com o vírus da AIDS, o que ocasionou em algo que a classe média haitiana tentava ocultar, a noção do Haiti como um país pobre e com baixa escolaridade, visto que os membros da classe média que migraram no primeiro fluxo aos Estados Unidos eram associados com os indivíduos letrados que falavam francês, a

população mais pobre muitas vezes não falava o idioma, em sua maioria das vezes, a única língua que falavam era o *kreyol*.

Neste sentido, os haitianos se diferenciavam de outros habitantes da comunidade caribenha em cidades como New York, justamente por causa da língua falada. Os caribenhos imigrantes de fala inglesa eram costumeiramente vistos como um modelo positivo de minoria devido a suas histórias de sucesso (PIERRE-LOUIS, 2013, p.23), visto que esses caribenhos de fala inglesa construíam uma imagem sua e a projetavam de maneira positiva, em razão de que eles estavam competindo com outros grupos de imigrantes nas cidades de New York e Miami, precisando se diferenciar dos demais. Ao contrário dos caribenhos de fala inglesa, os haitianos tiveram um tratamento diferente, não sendo vistos como um modelo de minoria, mesmo tendo também imigrado do Caribe, os haitianos precisaram de décadas para conseguir se estabelecer nos Estados Unidos, em regiões como o *Little Haiti* (GADEA, 2013, a, b) em Miami.

Embora habitando nos Estados Unidos, estes haitianos mantiveram sua identidade e cultura ligada ao Haiti, criando redes que facilitavam familiares e amigos a migrarem aos Estados Unidos, constituindo assim um status social o fato de poder imigrar, conseguir uma boa renda e enviar levas de dinheiro ao país de origem, da mesma forma que construir belas casas no Haiti, por isso, o haitiano nos Estados Unidos tornou-se uma categoria de diáspora bem-sucedida. Construía-se assim a diáspora como parte da cultura haitiana, devido ao fluxo emigratório. Jean Bertrand Aristide foi o primeiro presidente haitiano a reconhecer o potencial da diáspora e a sua organização transnacional, criando em seu governo uma pasta que tratava do assunto, em 1991 criou o “decimo departamento” (PIERRE-LOUIS, 2013, p.32), na qual uma parte do dinheiro enviado da diáspora fica com o Estado.

Conseqüentemente, o governo haitiano organizou com o seu Decimo Departamento para que os haitianos em diáspora pensassem ainda estar participando da vida política de seu país, mesmo não estando participando - de maneira física - dele. Todavia, embora eles não estejam presentes no país, os haitianos diáspora desempenham grande pressão no governo (MENA, 2009, p.41) devido ao seu poder econômico, por possuírem o dinheiro diáspora, uma das maiores rendas do país se dá no acolhimento de impostos sobre o dinheiro diáspora. Com isso, o governo haitiano busca “desenvolver uma série de políticas extraterritoriais no sentido de fortalecer as relações com as suas diásporas e fazê-las participar na construção nacional”

(MENA, 2009, p.37). Devemos compreender também que no caso haitiano, “a imigração é fundamental na reconstrução do Haiti, pois um terço do orçamento do país é financiado por imigrantes” (MEJÍA et al, 2014, p.2), ou seja, o dinheiro diáspora é de fato importante no país.

Isto significa que o retorno deve demonstrar o sucesso pessoal, mas também do coletivo, ou seja, dos familiares que apoiaram financeiramente a empreitada, portanto, a diáspora deve trazer o benefício econômico para a rede do imigrante. Neste sentido, a decisão da viagem não é apenas individual, pois existe um anseio familiar, por isso o haitiano é pressionado em cumprir de maneira positiva a diáspora, pois o imigrante haitiano “não busca somente o seu bem-estar, mas o de toda a família, por vezes, pensando como poderá contribuir com o país quando retornar” (HANDERSON, 2015, p.312). No caso brasileiro, muitos haitianos acabaram relatando vergonha em dizer que estavam vivendo em péssima situação, por isso fingiam que estavam muito bem no Brasil ao falar com seus familiares. Todavia, o ser diáspora também demonstra pessoas que quando voltarem, querem “poder ‘andar de carrão e abrir um negócio’ para se sustentar quando se aposentasse” (HANDERSON, Op. Cit., p.342), isto quer dizer que a dimensão individual também está presente na diáspora, o que deve ser salientado é que, mesmo esse que anseia em voltar para ter uma boa casa e exibir o melhor carro na rua, vai precisar de uma rede de contato no Haiti, pois alguém vai cuidar de sua casa enquanto ele está em diáspora construindo ela.

A transmigração tem demonstrado acerca das diásporas que os países de origem dos imigrantes possuem um papel importante sobre os seus emigrados (MENA, 2009, p.39), no caso haitiano, a diáspora serve como uma unidade identitária (MEJÍA et al, 2014, p.8) entre os haitianos dispersos pelo mundo. A diáspora muitas vezes se organiza em seu nível transnacional através da organização de grupos coletivos dos próprios imigrantes (MENA, 2009, p.42) nas cidades em que se encontram, criando pequenos bairros ou locais na qual expressam a sua cultura.

Devemos compreender que a preferência dos haitianos ainda são os Estados Unidos, o Canadá e a França (HANDERSON, 2015, p.39), considerados países *blan*. O Brasil surgiu devido à crise no Norte, com a diminuição de ofertas de emprego e o fechamento das

fronteiras. O Brasil não é considerado como um país *blan*¹¹, isto é, o local de desejo que todo imigrante haitiano almeja chegar, mas foi a opção que surgiu no contexto para que pudessem migrar e buscar novas oportunidades até que a situação dos países *blan* melhorassem e pudessem migrar para lá.

O Brasil tornou-se visível para o Haiti após alguns eventos, como a ida das tropas brasileiras organizadas pela ONU para organizarem a MINUSTAH, que é uma missão das Nações Unidas para tentar reestabelecer e organizar o Estado haitiano; o jogo de futebol da seleção brasileira no Haiti e; após o terremoto em 2010, a visita do presidente brasileiro – na época Lula - ao Haiti que, em um discurso aberto afirmou que os haitianos poderiam ir para o Brasil que seriam recebidos de braços abertos (PIMENTEL; COTINGUIBA, 2013, p.3). Estes eventos tornam o país visível aos haitianos, justamente no contexto de fechamento do Norte, os haitianos que almejam migrar direcionam-se para o Brasil tornando-o, nos anos seguintes, um dos países preferenciais para a diáspora. O país se tornou um dos destinos de preferência, devido à criação de um imaginário positivo construindo uma imagem do Brasil, esta imagem sendo originada a partir do discurso construído sobre ser um país aberto para receber os imigrantes, onde não existe racismo e preconceito e que todos são bem-vindos. Porém, em muitos casos quando estes imigrantes chegaram nas terras brasileiras não foi o que aconteceu, aqui depararam-se com “dificuldades de sociabilidades, por conta de preconceito étnico, cultural e com a veiculação de notícias sobre suas locomoções e ingresso em grandes quantidades no país” (ALMEIDA; BRANDÃO, 2015, p.64).

Por exemplo, no caso de Miami, nas relações étnico-raciais pode-se presenciar uma “tendência crescente entre os negros do Caribe e ‘latinos’ a integrarem-se mais do que os “afro-americanos” nos bairros brancos tradicionais” (GADEA, 2013, p.35, a), todavia, no caso brasileiro, por serem um grupo étnico recentemente imigrado, eles ainda são bastante estigmatizados por partes da população brasileira. Como na cidade de Cascavel, no Paraná, na qual um terço dos haitianos declara sofrer alguma forma de preconceito pelo fato de serem negros e imigrantes, o racismo neste caso se manifesta em alegações da população local que dizem que os haitianos são uma praga e epidemia, alegam que eles “estão por toda parte”. Outro fator é que os haitianos que chegam com maior qualificação não encontram empregos

¹¹ Os haitianos consideram os estrangeiros como *blans*. Mas um país *blan* é apenas os países desenvolvidos nas quais os haitianos em diáspora já construíram o sonho da imigração sucedida.

correspondentes à sua formação (SANTOS; CECCHETTI, 2016, p.67), pois os mesmos são vistos como mãos-de-obra para as funções básicas da produção.

Feito esse panorama inicial acerca dos aspectos das teorias das migrações e compreensão do atual fenômeno da migração Sul-Sul, assim como a diáspora haitiana, pode-se compreender que o imigrante já parte do país com anseios e desejos de melhorar, mas não sabe o que pode esperar ao chegar em um novo território, da mesma forma, a população local ao deparar com um indivíduo estrangeiro sente desconforto e desconfiança pois não sabem quem este indivíduo é, assim como o que ele pode trazer para o local. Um fator importante a destacar deste imigrante é que ao contrário de outros imigrantes que chegam muitas vezes de forma singular ou em pequenas famílias, os haitianos vieram repentinamente em um considerável grande fluxo de indivíduos para o país. Somado a essa grande leva de imigrantes repentinos existe o aspecto étnico-racial, isso é, quando o imigrante que se muda para Lajeado é alemão ou italiano há uma forte receptividade, inclusive da população querendo demonstrar seu parentesco com o país de origem. Agora abordaremos acerca dos conceitos étnico-raciais para compreender como se desenvolveu o estereótipo dos imigrantes haitianos.

Conceitos étnico-raciais como ideias construídas em processos históricos

Esta seção pretende apresentar os aspectos étnico-raciais que a dissertação apresentará no capítulo 4, para isso, é feito um levantamento teórico acerca da construção elaborada nos processos de interação na qual denotam a significação dos conceitos de etnicidade, o significado de um grupo étnico ser racializado, assim como também a construção da ideia de raça ao longo da História, e posteriormente o racismo e o novo racismo. Em seguida, um breve levantamento sobre o racismo no Brasil sobre quais grupos étnicos foram racializados e alvos de racismo pela população estabelecida. Devendo-se salientar que estamos desconsiderando o racismo sistemático existente nas instituições brasileiras, pois nosso foco e interesse de análise são os processos interacionais na qual constroem o estereótipo de um grupo étnico, portanto, o nosso levantamento sobre estes conceitos ocorrerá a partir da análise de construção das compreensões étnico-raciais originadas na interação entre distintos grupos étnicos.

Para isso, apresentaremos um resgate da noção de raça e em que medida fatores biológicos e culturais - que são sobrepostos aos indivíduos variando conforme o contexto

social no qual estão inseridos – podem ser considerados como linguagens construídas na interação. Desta maneira, demonstrando que existem traços físicos que são utilizados como mecanismos para gerar um preconceito contra um grupo social variando conforme um contexto específico.

Buscamos analisar nesta pesquisa os fenômenos sociais através dos símbolos de linguagem que os indivíduos utilizam em suas vidas diárias, pois “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 35). Isto significa que é na interação cotidiana que o mundo real é construído a partir dos símbolos que surgem nos processos da linguagem e da interação, e estes preenchem a vida dando-lhe significado. Por símbolos entende-se que “alguns signos que transmitem informação social podem ser acessíveis de forma frequente e regular, e buscados e recebidos habitualmente; esses signos podem ser chamados de símbolos” (GOFFMAN, 2013, p. 53). E por signo, “objetos ou ocorrências perceptíveis por visão, audição, tato e olfato, como luzes de diferentes cores, elementos de vestimenta, letreiros, declarações orais, tons de voz, gestos, expressões faciais, perfumes e assim por diante” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 207).

Isso significa que traços, objetos e percepções geram sentidos e significados para os diversos grupos existentes, variando conforme um contexto específico. Porém, isso não significa uma interpretação pessoal isolada das demais, pois as significações sempre são processuais, isso é, construídas em interação entre indivíduos ou grupos sociais. Ao longo da História, alguns símbolos foram gerando um significado constante e igual, a repetição dos significados de tais símbolos construiu uma compreensão subjetiva que tornou-se objetivada para uma grande parte da população. Isto significa que a experiência proveniente de um determinado símbolo “pode ser compartilhada por outra pessoa que não a vive” (FANON, 2008, p. 86), logo, mesmo não vivenciado pelo indivíduo, os símbolos já foram elaborados por outros, isto quer dizer que, no seu processo de interação, ele irá utilizar-se de tais símbolos já significados e organizados, pois os símbolos existem para significar e dar sentido do mundo existente para os indivíduos. Todavia, esta relação dos os símbolos não são estáticos, eles possuem sua mutabilidade.

Com essa compreensão processual dos símbolos nas sociedades é que ideias e pensamentos foram surgindo. Uma dessas ideias foi a do conceito de raça, este conceito pode

significar muitas coisas, conforme o contexto e o agente que está expressando este termo, segundo Wade, a grande maioria dos cientistas sociais concorda que as raças são construções sociais, a ideia de raça é justamente isso, uma ideia (WADE, 2000 p. 21). Cabe, com as pesquisas sociais, verificar em que medida esta ideia interpõe a interação entre dois grupos étnicos distintos, fazendo com que um grupo possa subjugar o outro através de ações, gestos e falas.

Utilizando-se de um exemplo para ilustrar esta questão da construção da ideia de raça, a relação do ser negro na América do Norte e América do Sul. Na primeira, o ser negro inclui qualquer pessoa com a conhecida “gota de sangue”¹², este fator significará ser negro mesmo que o indivíduo possua um fenótipo branco. Já na América Latina, a situação é apresentada diferente, tendo muito maior importância o aspecto fenótipo do indivíduo. No Brasil há também a possibilidade de uma transitoriedade racial, isto é, alguém que se considera branco em seu estado ao migrar para o Rio Grande do Sul pode deixar de “ser” branco para os olhos da população deste estado. Embora nos censos as classificações raciais no Brasil ocorram de forma autodeclarada, a principal forma de classificação é como os outros – dominantes – veem este indivíduo. Na América Latina muitas vezes só se identifica como negras as pessoas com aparência muito parecidas com o fenótipo do africano tipificado no imaginário popular (WADE, Op. Cit.). Mas antes de adentrarmos especificamente na questão da raça, abordaremos sobre etnia, Etnicidade e grupo étnico.

Etnicidade e Grupo étnico

Grupos étnicos, são grupos que alegam possuir uma mesma origem em comum (WEBER, 2009, p.270, a) manifestada nos costumes deste grupo. A etnicidade é utilizada para “descrever os processos de organização das relações sociais e formas de atribuir categorias entre grupos étnicos a partir de diferenças culturais presumidas como essenciais” (PUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p.17), isto quer dizer, os símbolos culturais que diferenciam os grupos étnicos. Portanto, a etnicidade é um elemento cultural que surge através de significados compartilhados, a etnicidade é produzida e ressignificada na interação social (JENKINS, 1997). Portanto,

A coisa importante a enfatizar é que grupos étnicos, de fato todos os grupos são instituições, padrões de prática social identificando pessoas que se tornaram

¹² Possuir qualquer grau de ascendência africana.

estabelecidas sobre o tempo de como as coisas são feitas em um contexto particular local, sendo que as pessoas neste local estão conscientes disso (JENKINS, op. Cit., p. 61).

Deve-se salientar que a questão étnico-racial não pode ser pensada apenas como um discurso de significado, pois existem fatores externos à linguagem que categorizam as diferenciações, muitas vezes utilizando-se de alguns determinados traços fenotípicos e físicos para manifestar a diferença. Quanto a isso é importante compreender a “cor de pele como um determinante ativo de relações sociais” (MILES, 1993, p. 87), todavia, estes traços de diferenciação nem sempre foram os mesmos, eles variam conforme o contexto (MONSMA, 2016) e significados ao longo da História, isto significa que tais traços são construídos simbolicamente. O fenótipo, que é uma questão biológica, é compreendido e explicado através de uma relação de linguagem e significados, isto quer dizer que é na interação que tais traços biológicos são significados para os indivíduos que estão envolvidos na ação. Feito esse panorama sobre grupos étnicos e etnicidade, será apresentado a seguir acerca da racialização que alguns grupos étnicos sofrem e posteriormente o conceito de raça ao longo da História.

Racialização

Enquanto que a etnicidade descreve os processos de organização das relações sociais e constrói formas elaboradas de atribuir categorizações entre grupos étnicos a partir de diferenças culturais presumidas como essenciais. A racialização é o processo pelo qual um grupo étnico essencializa outro grupo, considerando o grupo racializado como sendo portador de determinadas características inerentes a todos os indivíduos deste grupo, servindo como marcadores do pertencimento ao grupo étnico. A racialização

envolve a imposição de categorias ao grupo subordinado pelo grupo dominante, junto com definições do grupo assim categorizado como intrinsecamente inferior. Ou seja, a racialização decorre da dominação simbólica que acompanha a dominação econômica e política de um grupo étnico por outro (MONSMA, 2016, p.50).

Quando um grupo étnico domina outro de maneira sistemática, a racialização geralmente assume formas mais negativas. A racialização significa, portanto, o processo de essencializar um grupo étnico, e essa essencialização é decorrente de uma dominação de um grupo étnico sobre outro grupo étnico racializado.

O conceito de Raça ao longo da História

Atualmente as ciências sociais demonstram que a raça é uma construção social, Wade (2000) desenvolve a ideia de que as próprias diferenças físicas também são construídas socialmente. A seleção das características físicas que dão significados ao conceito de raça são um processo social variado conforme o contexto (MONSMA, 2016). A concepção do que entende-se por raça foi ganhando seus respectivos significados e ressignificados ao longo da História, a palavra racismo, por exemplo, não existia durante os séculos XVIII e XIX (MILES, 1993, p. 81). No decorrer da História houveram clãs e outros grupos possuíam atributos que essencializavam todos os indivíduos membros, estes atributos foram posteriormente utilizados para classificar a diferença de grupos por raças. Nestes termos, “Elias mostra que a burguesia a partir do século XVI começa a ver seus valores e maneiras mais como uma questão de herança do que uma construção social” (Id. Ibid., p. 90). Com o passar do tempo, o termo “raça” começou paulatinamente significar termos para classificar grupos étnicos (MONSMA, Op. Cit., p.44). Comportamentos e condutas, de forma gradual, tornam-se heranças pertencentes de maneira inata ao grupo étnico subjugado, como uma “raça”.

No século XVIII, a palavra raça era primeiramente usada para a descendência comum de um conjunto de pessoas; as suas características distintivas eram dadas por assentes e a categoria raça usava-se para explicar como as conseguiram. No século XIX, raça tornou-se um meio de classificar as pessoas por essas características (BANTON, 1979, p. 39).

A palavra *raça* que até então tinha o seu termo utilizado no sentido de linhagem, tem no início do século XIX o seu significado modificado com o advento das pesquisas científicas da época, somados ao pensamento darwinista, fazendo com que raça viesse a significar uma qualidade física inerente. Ou seja, o termo raça se tornou um conceito para classificar certos grupos sociais a partir de características biológicas.

Deve-se salientar que descrever e compreender a raça como uma ideia construída socialmente não significa que os efeitos do racismo sejam algo facilmente suplantados, bastando “substituir” os símbolos do seu significado que o racismo acabaria. As experiências históricas mostram que não, pois mesmo que o discurso de raça tenha decaído após a segunda guerra mundial, ao menos no meio científico, os efeitos do racismo ainda são muito presentes nos grupos racializados. Tratar a raça como uma ideia construída não significa que suplantando outra ideia vai apagar uma herança histórica de desigualdade e preconceito. Portanto, utilizar os conceitos de etnicidade, racialização e raça como construções sociais não significa tirar a

culpa dos grupos étnicos dominadores, mas compreender de que maneira elas se (re)produzem nos aspectos cotidianos da vida social, pois os mesmos apresentam-se como símbolos herdados e aprendidos através de nossas interações.

Como os conceitos raciais são ideias surgidas em um determinado contexto histórico, os seus significados não são estáticos, eles se modificam ao longo do tempo, atualmente podemos compreender que “estamos vivendo uma profunda transformação na maneira pela qual a ideia de “raça” é entendida e praticada” (GILROY, 2007, p. 29). Pois

A ideia de “raça” perdeu muito de sua credibilidade de senso comum, porque o elaborado trabalho cultural e ideológico voltado para a sua produção e reprodução é mais visível do que nunca, porque ela tem sido despida de sua integridade moral e intelectual, e porque há uma chance de impedir sua reabilitação. [...] a “raça”, tal como foi definida no passado, também se tornou vulnerável às reivindicações de uma biologia muito mais elaborada e menos determinista (Id., Ibid., p. 50).

Alguns traços fenotípicos que diferenciavam grupos étnicos foram utilizados para definir as raças, e os símbolos de diferenciação destes traços foram originados e ressignificados historicamente. Traços como a pigmentação de pele, formato do rosto, nariz, cabelo, cor dos olhos, foram símbolos usados para a definição de raça em um determinado contexto de acordo com os interesses dos grupos dominantes. Portanto,

não podemos deixar de nos lembrar sempre que o conceito de “raça”, tal como é empregado na linguagem cotidiana de senso comum, para significar características conexas e comuns em relação ao tipo e à ascendência, é uma invenção relativamente recente e absolutamente moderna (GILROY, op. Cit., p. 52).

Deve-se salientar que até o século XIX, não havia uma separação clara entre biologia e cultura (MONSMA, 2016) ao se tratar do racismo, portanto, ambas andavam interligadas. Atualmente, Wieviorka (2006) apresenta o racismo através da diferença e hierarquização cultural, deixando mais de lado o aspecto biológico. O racismo se tornou um instrumento de dominação de um grupo sobre o outro, demonstrando, assim, a diferenciação entre grupos sociais distintos. A partir do holocausto surge um forte questionamento nas esferas científicas, políticas e religiosas, este questionamento é proveniente de uma crítica da ideia de uma suposta existência de diversas raças e estas sendo deterministas, os cientistas na época trataram de demonstrar que a ideia de uma existência de diversas raças humanas era uma construção social. Todavia,

tratar o racismo como somente um conjunto de ideias erradas é desconsiderar a racialização das instituições sociais e a consequente durabilidade do racismo, ao

mesmo tempo em que tende a esvaziar o sentido real, e muitas vezes material, da dominação racial para aqueles que a sofrem” (MONSMA, 2016, p.42).

Não se pode com isso desconsiderar os efeitos históricos dos grupos que foram racializados e alvos de racismo, deve-se analisar quais são os efeitos que a ideia de raça desencadearam em grupos étnicos racializados.

A etnicidade não se apresenta apenas como eu me vejo ou como quero me representar, mas também como o Outro me vê e tem o poder de subjugar a minha identidade. Portanto, não significa desconsiderar os aspectos biológicos em prol dos culturais para a análise do racismo, na verdade, uma definição coerente de racismo não pode se basear na distinção entre fenótipo e cultura. Ou seja, deve ser analisado a relação de dominação entre grupos étnicos distintos em um determinado contexto. Portanto, o racismo é uma ferramenta de subjugação de um grupo étnico ressignificado constantemente, presente de forma sistemática nas organizações e instituições sociais e reproduzidas na interação social para o grupo dominante manter e exercer dominação sobre o outro.

Acerca do racismo, segundo a perspectiva da escola de pensamento pós-colonial, foi a partir da expansão europeia que se racializou o mundo, portanto, para os pensadores pós-coloniais, não basta dizer que um conceito como a raça ou o ocidente não existem, é preciso ver quais são os efeitos históricos disso. Os pós-coloniais abarcam a importância do racismo na gênese da modernidade, todavia, deixam de lado a relação de conflitos étnicos entre grupo em que a colonização europeia não exerceu influência. Esta compreensão epistemológica limita a compreensão do racismo a partir do expansionismo europeu na época colonial, não mostrando o racismo em toda a sua essência. Jenkins (1997) e Miles (1993) apresentam, por exemplo, que os europeus racializaram outros grupos europeus, mostrando com isso que devemos nos ater ao racismo como uma dominação sistemática de um grupo étnico dominante sobre um dominado, não exclusiva dos europeus contra outros grupos étnicos no processo expansionista.

Não se pode pensar no racismo como um produto do colonialismo europeu desconsiderando conflitos étnicos entre grupos nos quais não houve contato com a expansão marítima europeia. Pois eventos como o antissemitismo na Alemanha não podem ser explicado pelo expansionismo colonial europeu, assim como a racialização dos chineses pelos japoneses. Não podemos entender o racismo apenas como projeção do expansionismo

européu, pois as raças se definem mais por relações de poder e dominação do que por diferenças fenotípicas (MONSMA, 2016, p.49). Portanto, nesta relação de dominação entre dois grupos étnicos distintos,

um dos aspectos mais notáveis das abordagens atuais das relações estabelecidos-outsiders com conotações “raciais” é a frequência com que as discussões são conduzidas em termos de um problema do aqui e agora. A exclusão dos processos grupais de longo prazo – que não devem ser confundidos com o que chamamos “história” – do estudo desse tipo de relação estabelecidos-outsiders tende a distorcer o problema. Ao discutir os problemas “raciais”, tende-se a pôr a carroça adiante dos bois. Afirma-se, em geral que as pessoas percebem as outras como pertencentes a outro grupo porque a cor de sua pele é diferente. Seria mais pertinente indagar como foi que surgiu no mundo o hábito de perceber as pessoas com outra cor de pele como pertencentes a um grupo diferente (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.46).

Portanto, a raça é construída ao longo da História em determinados contextos e a racialização de um grupo serve para um grupo étnico exercer dominação sobre outro, essa dominação ocorre a partir da elaboração sistemática de formas que instituem atributos inerentes nos grupos dominados, os racializando, e com isso construindo um estereótipo na qual estes indivíduos racializados são inferiores aos indivíduos dominantes, por outro lado, ao mesmo tempo os dominantes constroem atribuídos e características superiores para eles mesmos.

Racismo

Esta dissertação parte da compreensão de que o racismo não é existente apenas na ordem de excluir, mas adicionalmente na ordem de “marginalizar uma coletividade social com a particular questão de relações de dominação” (MILES, 1993, p. 101). Racismo é “a dominação étnica e uma ideologia que essencializa e categoriza negativamente o grupo subordinado, justificando sua subordinação” (MONSMA, 2016, p.43), ou seja, todos os indivíduos de um grupo étnico possuem as mesmas características pejorativas que são inerentes a eles. Isto significa que a partir de interesses de um determinado grupo étnico dominante é construído o racismo para manter sua legitimação e dominação sobre outros grupos étnicos.

É na interação cotidiana que surgem práticas racistas que afirmam e fortalecem a dominação racial (MONSMA, 2016, p.19), as práticas racistas ocorrem quando um grupo étnico racializa outro grupo. Entendemos existir duas formas de dominação para que ocorra o racismo, a primeira é a dominação de um grupo para explorá-lo; a segunda é a dominação

com o desígnio de excluí-lo (MONSMA, Op. Cit., p.54), não sendo preciso ocorrer estas duas dominações simultaneamente para ocorrer racismo, pois existem casos de racismo em que ocorre apenas uma das dominações. Veremos que no caso dos imigrantes haitianos a dominação por exploração reforça a dominação por exclusão. Portanto, o racismo consiste em uma dominação de um grupo étnico sobre um outro, acompanhada pela essencialização negativa do grupo étnico dominado. Por dominação, consideramos o significado descrito por Weber, segundo ele, “a dominação é a probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de determinado grupo de pessoas” (WEBER, 2009, p.139, a). Ela é a imposição de um determinado comportamento a outros que não feita de vontade própria (WEBER, 2009, p.188, b) por esses.

Na segunda metade do século XX uma forma de racismo foi se apresentando, não mais dominando outro grupo por supostas características essencialistas biológicas que os grupos subjugados possuíam, mas através da diferenciação cultural.

Novo Racismo

Apresentamos o racismo como uma dominação étnica sobre outro grupo, todavia, este racismo esteve interligado com o aspecto biológico de diferenciação entre grupos étnicos. Foi durante a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente com o nazismo, que utilizou-se ao extremo das teorias racistas científicas em voga à época ao mesmo tempo que as teorias raciais tiveram o seu conseqüente declínio. Após a Segunda Guerra, com a derrocada das teorias racistas científicas, viu-se uma gradativa extinção da noção – ao menos no discurso científico – de humanos pertencentes a raças distintas. Todavia, ações de exclusão e exploração advinda de práticas racistas contra grupos étnicos minoritários continuaram ocorrendo, mesmo com toda a demonstração da não existência biológica das raças humanas. Neste contexto, alguns pesquisadores começaram a analisar como o racismo permanecia existindo, elaborando assim o que se denominou como “novo racismo”.

Nos anos 60 do século XX ocorreram grandes conflitos por reivindicações étnicas, sendo possível ilustrar como exemplo neste contexto as ações de Martin Luther King Junior nos Estados Unidos em prol dos direitos dos negros. É o mesmo período que

a questão das diferenças culturais começa a se desenvolver, o racismo, por sua vez, transforma-se. Esse racismo renovado diz de seus alvos e de suas vítimas que elas são diferentes culturalmente, irredutivelmente diferentes, fundamentalmente

incapazes de integrar-se à sociedade e de partilhar os valores do grupo dominante (WIEVIORKA, 2006, p.143).

Posteriormente nos anos de 1980, começou uma inflexão de casos de racismo,

esse racismo exigia a exclusão, o separar, o expulsar ou a desqualificação de populações acusadas de serem diferentes culturalmente. Os imigrantes na Europa ou os negros americanos são então acusados de não se conformarem aos valores da sociedade dominante e de serem irredutivelmente incapazes de uma tal conformidade (WIEVIORKA, Op. Cit., p.111).

Conforme visto anteriormente, o racismo organiza-se a partir da exclusão e/ou exploração de um grupo étnico sobre o outro (WIEVIORKA, 2006; PUCCI, 2013; MAGALHÃES, 2013), o racismo científico havia constituído um maior destaque na biologia dos indivíduos que os diferenciava racialmente. O novo racismo, por outro lado, mantém a dominação a partir dos vieses de exclusão ou exploração, todavia enfatizando a justificativa para isso a partir de diferenças culturais entre os grupos étnicos. Isto significa que “não se trata mais de afirmar uma superioridade biológica de uma raça sobre a outra, mas sim de demarcar negativamente as diferenças culturais” (FRANÇA, 2012, p.6). Aqui deve-se fazer uma ressalva, conforme demonstrado por Monsma (2016, p.42) antes do século XX, as ideologias racistas raramente distinguem biologia e cultura, esta diferenciação entre cultura e biologia é um produto contemporâneo. Neste sentido, a essencialização do grupo racializado organiza-se da forma de um discurso racista, na qual as vítimas são tão diferentes que são incapazes de integrar-se à sociedade, bem como de partilhar valores do grupo dominante.

Para Wieviorka, a principal função do novo racismo não é contribuir à exploração, mas encorajar a marginalização e a segregação do grupo discriminado, mantendo uma exclusão sistemática (WIEVIORKA, 2006, p.170). O que não se mostra como concreto no caso dos imigrantes haitianos em Lajeado, pois embora eles sejam sim excluídos e marginalizados sendo a exclusão o instrumento de fomentação da formação de estereótipo dos haitianos, foi pelo viés da exploração que eles foram mais alvos de racismo, pois foram um grupo étnico que vieram como mão-de-obra para suprir necessidades dos empresários locais, e há relatos de haitianos por diversas cidades do país alegando estarem em situação de semiescravidão em seus trabalhos.

A maior justificativa das populações receptoras destes imigrantes considerados como indesejados por parte da população é que eles nunca poderão se adaptar aos costumes da população, e que inclusive trarão problemas, desde doenças, violência ou retrocesso para a

região. O novo racismo se dissimula no discurso acerca das diferenças culturais, este novo racismo tolera o diferente, mas somente na medida em que este se mantenha distante, segregado e excluído. Como o grupo étnico dominante busca explorar esses grupos racializados, é mais vantajoso para ele insistir nas diferenças culturais do que na inferioridade das raças (PUCCI, 2013, p.21), pois pode com isso utilizar-se de um discurso menos agressivo ao tratar do grupo racializado e explorar ele. Como no caso dos bolivianos em São Paulo, grupo étnico bastante estigmatizado, há brasileiros que afirmam a existência de diferenças culturais, algumas pejorativas, entre os brasileiros e os bolivianos, todavia, eles negavam ser racistas (PUCCI, 2013, p.23). Portanto, este novo racismo apresenta-se salientando mais as diferenças culturais com o objetivo de segregar o outro grupo, neste caso o estrangeiro.

É na figura do imigrante que surgem as formas contemporâneas de racismo e xenofobia (MAGALHÃES, 2013, p.28; VOLICH, 1998), no novo racismo os imigrantes são racializados, estigmatizados e tornam-se um problema que precisa ser regulado. Sobre eles recaem todos os medos e rejeições da sociedade ao mesmo tempo em que considera a população imigrante como causadora de todos os males atuais da sociedade, como a falta de emprego, superlotação dos postos de saúde (FRANÇA, 2012, p.5), o declínio dos “bons tempos”, entre outros fatores.

Este racismo aparece mais como influenciado por momentos em que a sociedade receptora encontra-se em dificuldades sociais, ou seja, a presença do imigrante suscita o surgimento de um sentimento de ameaça à integridade cultural do grupo estabelecido. O cerne deste novo racismo, portanto, não está em uma inferioridade natural do grupo étnico, mas justamente no distanciamento que constroem sobre a cultura dos grupos étnicos entre si, tornando os grupos alvos de racismo, pois os mesmos são supostamente incapazes de se integrarem plenamente com a cultura dos moradores locais, dita por eles, como superior. Portanto, o grupo dominante visa segregar o grupo racializado para que ele não se integre na vida cotidiana da população, apenas seja um sujeito para trabalhar como mão-de-obra necessária.

Realizada a construção do debate étnico-racial, abordaremos agora como o racismo se manifestou no Brasil, sendo que nesta dissertação enfatizaremos mais os grupos imigrantes que foram racializados e o conseqüentemente racismo contra esses grupos, para

posteriormente adentrarmos no debate dos estigmas e estigmatização e na questão destes imigrantes que foram estigmatizados no Brasil.

Racismo e imigração no Brasil

Não pretendemos fazer uma análise sobre a formação do racismo no Brasil, muito menos descrever o racismo sistemático nas instituições sociais brasileiras, pois esta pesquisa não visa analisar isso, tampouco verificar os atores que sofrem de maneira cotidiana esse racismo. Mas é imprescindível fazer um panorama geral acerca do racismo no Brasil, para tentarmos compreender como novos grupos imigrantes se tornam racializados, pois “pesquisas focalizadas somente nas desigualdades raciais de hoje, que congelem um momento em um longo processo histórico, não são capazes de captar os processos de reprodução do racismo e de acúmulo de vantagens raciais dos brancos” (MONSMA, 2016, p.325). Neste subcapítulo apresentaremos três grupos de imigrantes que foram racializados no Brasil, os japoneses, chineses e bolivianos, num momento posterior descreveremos também a estigmatização destes três grupos de imigrantes.

Os negros vieram forçados como mão-de-obra escrava, em todas as regiões do país, como no oeste paulista (MONSMA, 2016), já os imigrantes europeus vieram para o Brasil exercendo funções laborais para ocupação de postos de serviços determinados. Esse grupo imigrante foi absorvendo o racismo das elites brancas brasileiras da época e utilizou-se deste instrumento para se diferenciar do negro brasileiro, pois também encontravam-se em situação de exploração, e com isso, gradativamente, se tornando agentes do racismo contra os negros. Conforme Monsma,

do Brasil que receberam grande número de imigrantes constituem casos excepcionais na história mundial, em que imigrantes e seus descendentes rapidamente alcançaram posições econômicas melhores que a maioria da população já existente no lugar que os recebeu. Entender como isso aconteceu pode contribuir para apurar teorias sociológicas de processos migratórios e de desigualdades raciais e étnicas (MONSMA, 2010, p.510).

Em sua pesquisa, Monsma descreve que os fazendeiros e elite paulista acreditavam que os europeus seriam trabalhadores mais pacatos e submissos que os negros libertos (MONSMA, 2016, p.340), pensamento parecido que, em outro contexto, foi utilizado como justificativa que levaram os empresários lajeadenses e da região do Vale do Taquari até o norte do país na busca da mão-de-obra haitiana, pois viam os haitianos como trabalhadores

mais submissos e pacatos, dispostos e aptos a trabalharem sem reclamar, diferente dos lajeadenses que reclamavam e não estavam ocupando vagas de trabalho, deixando setores ociosos.

Imigrantes racializados no Brasil

Entre estes grupos étnicos de imigrantes que já foram racializados no Brasil, há os bolivianos (PUCCI, 2013; SILVA, 2006, 1999) nas recentes imigrações em São Paulo, os japoneses (TAKEUCHI, 2008) no início do século XX, os chineses no final do século XIX (AZEVEDO, 2012) entre outros. Como este não é o enfoque desta dissertação, utilizaremos estes três casos para ilustrar esta questão.

Acerca dos bolivianos, é apresentado que eles são alvos do novo racismo descrito anteriormente, isto é, o racismo que se fundamenta na irredutibilidade das diferenças culturais (PUCCI, 2013, p.2). O racismo apresenta-se com a associação que a população brasileira faz dos bolivianos sendo vistos como escravos, constatação essa principalmente por ser um produto da aparição dos bolivianos nas mídias televisivas, mostrando os ateliês de trabalho nos quais os bolivianos em São Paulo encontram-se em situação beirando ao trabalho escravo.

Acerca dos japoneses e chineses, eles eram considerados na época como sendo a raça amarela. Na segunda metade do século XIX a elite brasileira já dialogava a respeito de como se substituiria a mão-de-obra escrava, pois neste contexto circulava entre os intelectuais da época o debate sobre o branqueamento da população. Uma forma de transição e branqueamento gradativo que foi discutida seria em relação a vinda dos “amarelos”, como um intermédio até que houvesse uma população significativa de europeus brancos. Em relação aos amarelos, o debate pautou-se relativo a vinda dos chineses e japoneses, neste caso, a imigração dos japoneses acabou se tornando mais recorrente, a dos chineses desenvolveu-se em apenas algumas experiências, mas logo abandonadas, principalmente por influência de acontecimentos nos Estados Unidos na época, na qual haviam fechado os portões para a imigração chinesa,

enquanto nos Estados Unidos a imigração foi espontânea e não planejada, aliás, dando continuidade a um grande fluxo de imigrantes estabelecido desde tempos coloniais, no Brasil as elites políticas não só puderam debater o tipo de imigrante ideal ao país, como também o fizeram já informadas pelas teorias raciais científicas cada vez mais em voga em meados do século XIX (AZEVEDO, 2012, p.13).

O debate dos intelectuais frente a vinda de asiáticos não condizia com o futuro almejado para a nação brasileira (TAKEUSHI, 2008, p.174). A imigração japonesa é uma das grandes imigrações no Brasil no século XX, e os mesmos foram alvos de racialização, principalmente nos jornais da época, demonstrando eles em figuras caricaturadas de forma pejorativa. No período em que se discutia sobre a possível entrada de uma imigração chinesa no país surge a metáfora racista do *Perigo Amarelo*. Segundo Azevedo, nenhum outro personagem coletivo estrangeiro foi tão debatido no Brasil num curto período para ser “esquecido” logo em seguida (AZEVEDO, 2012, p.23) como os chineses. Ela demonstra que os “amarelos” seriam uma raça de transição – pois a raça dos asiáticos possuiria graves “defeitos”, tais como sua “natureza moral perversa”, sua paixão pelo jogo e seus impulsos para “atos torpes e nocivos” (AZEVEDO, op. Cit., p.26), sendo, portanto, incapazes para a civilização desejada. A vantagem para a vinda desta mão-de-obra se daria pela sujeição ao trabalho e pelos baixos preços que os chineses se submetiam, comparados com os trabalhadores nacionais, estes valores seriam muito abaixo. Porém, esta ideia da contratação de mão-de-obra imigrante amarela foi encerrada e não efetuada devido ao fato de que alguns anos antes havia ocorrido o caso norte-americano de fechar os portos – aos estrangeiros indesejados – para os chineses, o que acabou influenciando no encerramento do debate para a entrada de imigrantes chineses como uma raça intermediária até a vinda dos europeus brancos.

Apresentamos brevemente estes três exemplos para demonstrar grupos imigrantes que foram racializados e alvos de racismo no Brasil, deve-se denotar que nenhum dos três grupos são de imigrantes negros, portanto o racismo antinegro não é uma exclusividade, embora seja o caso mais recorrente no Brasil. A racialização e desconfiança com imigrantes foi algo que ocorreu ao longo da história brasileira quando decorreu-se fluxos migratórios para o país. Para uma compreensão desta questão, apresentaremos estudos raciais comparados para demonstrar que a racialização varia conforme o contexto.

Estudos comparados de imigração e racismo

Os estudos que estão analisando a xenofobia e racismo contra grupos imigrantes tem se intensificado nos últimos anos por se tratar de um fenômeno contemporâneo que vem ganhando bastante espaço na mídia. Os países da Europa vêm enfrentando aquilo que é noticiado e chamado como crise dos refugiados, principalmente acerca dos sírios, mas de

outros grupos étnicos também. Em determinados grupos de europeus vem crescendo um racismo somados a uma xenofobia contra a população imigrante e refugiada, havendo uma constante reconfiguração do contexto migratório, pois “como muito bem observa um imigrante subsaariano, antes eles eram trazidos à força da África para Europa para serem escravizados, como também ocorreu no Brasil. Hoje, simplesmente, utilizam a força para impedi-los de entrar” (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2015, p.151).

Devemos ter em mente, quando tratamos da discussão a respeito do racismo no Brasil, que existe uma ideia no cotidiano das pessoas brancas do negro como criminoso, essa ideia persiste no imaginário brasileiro (ROCHA, 2014, p.129), assim como a ideia deles serem vagabundos, alcoolatras, inferiores e que produzem atraso. Em relação a figura do negro na sociedade brasileira, devemos considerar que a história brasileira enfatiza o papel dos imigrantes europeus em meados do século XIX e início do século XX como agentes da urbanização brasileira, relegando os negros à invisibilidade (ROCHA, Op. Cit., p.122). Um destes grupos que ficaram invisíveis foram os imigrantes caribenhos que migraram ao norte do Brasil nos anos de 1920 e não fazem parte da tipificação que foi construída sobre o imigrante no Brasil como o agente responsável pela modernização do país, apenas os europeus são lembrados como imigrantes que trouxeram o progresso e urbanização ao país. Esta ideia de que o negro era inferior e produzia atraso criou uma preocupação de que imigrantes negros caribenhos entrassem em grandes fluxos no país, pois os caribenhos poderiam trazer ideias de rebelião – por causa da história de libertação do Haiti - a um país onde o negro já sabia o seu lugar, principalmente caso estes negros fossem haitianos, pois existia o medo haitiano nas Américas, justamente devido ao fato do país ter se emancipado em uma revolução conflituosa. Deve-se salientar que estes imigrantes caribenhos nos anos de 1920 “entraram no país em situação de vantagem em relação a muitos outros imigrantes, porque tinham garantia de trabalho e maior escolaridade, não ascenderam economicamente como os europeus” (ROCHA, Op. Cit., p.130). Este imigrante negro foi invisibilizado na narrativa épica de progresso que veio com os imigrantes no Brasil, ao mesmo tempo em que o Estado buscou barrar a entrada destes imigrantes indesejados. Pode-se dizer que os imigrantes caribenhos dos anos 1920 estavam em uma situação parecida com a dos haitianos em 2010, devendo-se indagar porque a entrada de alguns milhares de haitianos causou pânico a ponto de se acionar o comitê de segurança nacional? (ROCHA, Op. Cit., p.122). Chegando inclusive

a gerar um pânico por alguns brasileiros, que temiam que estes haitianos iriam trazer doenças, entre outros tipos de problemas e também que eles eram intrusos indesejados.

Os haitianos constituíram em sua diáspora como uma das formas de manifestação de sua cultura, nos países em que eles imigraram e formaram comunidades, acabaram se tornando grupos racializados, como nos Estados Unidos, na cidade de Miami (GADEA, 2013, a; b). Também na República Dominicana, onde foram um grupo bastante racializado e estigmatizado, o caso da República Dominicana nos interessa para mostrarmos o racismo não como um produto do expansionismo europeu¹³. Deve-se constatar que a República Dominicana também foi notificada pela Corte Interamericana de Direitos Humanos por diversas vezes em relação à violação dos direitos humanos dos haitianos em solo dominicano (ROSA, 2010, p.100). Há toda uma relação de diferenciação dos haitianos e os dominicanos, estes consideram existir características que claramente diferenciam ambos os grupos, na República Dominicana surgiu um fenômeno chamado de haitianofobia (ROSA, Op. Cit., p.102). Nos interessa questionar neste caso não tanto a xenofobia e racismo declarado dos dominicanos contra os haitianos, mas um silêncio dos haitianos frente a esse racismo declarado. Rosa vai dizer que o silêncio dos haitianos é uma ação política que garante a sua permanência em solo dominicano (ROSA, Op. Cit., p.110). Acerca do silêncio como forma de manter-se em solo estrangeiro, em conversas com haitianos em Lajeado, eles comentaram que já haviam sofrido preconceito na República Dominicana e esperavam vir ao Brasil e não sofrer preconceito, o que acabou não ocorrendo, há também um silenciamento por parte de alguns haitianos, este silenciamento muitas vezes ocasiona nos haitianos não comentarem muito sobre os atos de racismo e preconceito que recebem da população local estabelecida. Acerca desse silenciamento, alguns moradores estabelecidos de Lajeado acham que isso pode ser uma estratégia, até que os haitianos fiquem estabelecidos na cidade,

Eu não sei, como é que vai ser o haitiano depois que ele já estiver bem estabilizado e bem inserido no mercado de trabalho e convívio social eu não sei o quanto da cultura que ele traz de fora ou de dentro, porque lá tem muitas gangues, violência lá a história do Haiti é que nenhum governo eleito conseguiu terminar o mandato, é de pura anarquia e de infraestrutura zero. Não sei se quando eles estiverem mais à vontade, eles não vão deixar transparecer mais claramente algo que eles possam estar trazendo historicamente pra cá (Guilherme).

¹³ Pode-se questionar que eles foram racializados e alvos de racismo porque os europeus impuseram essa cultura sobre a população local, embora os estudos de estigmatização e haitianofobia na República Dominicana não tem mostrado uma influência europeia sobre este fenômeno específico.

Muitos moradores de Lajeado mostram-se receosos frente aos haitianos, pois na verdade eles podem estar escondendo quem realmente são, podendo só se manifestar verdadeiramente quando estiverem assimilados na sociedade brasileira, e quando isso ocorrer, alguns moradores estabelecidos alegam que será tarde demais. Para moradores de Lajeado, “*o que não pode é o governo deixar essa peteca cair, deixarem esses imigrantes se tornarem grupos vulneráveis, mais propensos à criminalidade*” (Evandro), portanto, o governo deve estar sempre atento acerca disso. Este medo do que os haitianos podem vir a ser ou fazer ocasiona na formulação de estigmas que constituem as características dos haitianos, segundo a população estabelecida, para compreender isso, trataremos no próximo subcapítulo acerca da questão do estigma e estigmatização.

Estigmas e Estigmatização

Utilizamos o termo estigma “em nosso discurso diário com fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original” (GOFFMAN, 2013, p.15). O significado da palavra estigma, pode nos direcionar ao sentido e as formas que manifestam o conteúdo dos estigmas, eles caracterizam-se por signos de

estatura, cor da pele, a cor e a forma dos cabelos, a cor e o formato dos olhos, a pilosidade do corpo e de determinadas partes dele, o porte corpóreo, a presença ou ausência de mutilações ou malformações ósseas, quer inatas, quer adquiridas por causa do tipo de nutrição ou do clima, ou por meio de intervenções humanas ou de idade (GALLINO, 2005, p.640).

Nos processos de interação é que os grupos constroem características positivas ou negativas deles mesmos, ou impõem a outros grupos. Estas características, na interação entre os indivíduos, corroboram para o surgimento de símbolos que originam as formas acentuadas de diferenciação social, ou seja, determinados tipos de desigualdade e discriminação podem ter sua origem no processo de interação, visto que os atores vão reproduzindo em suas ações estes símbolos que possuem significados. Quando um signo é objeto de “avaliações negativas especialmente difusas e hostis, capazes de marcar severamente a identidade e a autoestima do indivíduo [...] isto se chama estigma” (GALLINO 2005, p.641). Utilizaremos o sentido de estigma e estigmatização conforme apresentados pelo sociólogo canadense Erving Goffman, presentes em seu livro *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (2013). A primeira questão que Goffman descreve acerca do estigma é que ele consiste em

uma situação na qual o indivíduo encontra-se inabilitado para a aceitação social plena. Ou seja, existe algo que inibe uma completude do ser individual em uma interação social.

Para uma melhor compreensão acerca dos estigmas, Goffman faz inicialmente uma compreensão histórica da origem do conceito, algo que remete aos tempos *helênicos*. Os gregos foram o grupo étnico que criou o termo estigma que foi utilizado para descrever sinais corporais que pretendiam evidenciar alguma coisa, seja positiva ou negativa, sobre o status moral de quem apresentava tais sinais. Já no período europeu medieval, quando a fé católica começa a exercer influência sobre a sociedade vigente, o termo estigma neste contexto é compreendido como algo para expressar sinais corporais da graça divina. Atualmente, ao menos na interação cotidiana, o termo serve para designar algo referente a uma “desgraça”, ou seja, pejorativo que um indivíduo ou um grupo étnico possuem. Goffman descreve três tipos de estigma,

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família (GOFFMAN, 2013, p.14).

Isso quer dizer que o indivíduo que de alguma maneira teria sido aceito em uma interação social cotidiana facilmente, possui um traço que pode impor uma forma de atenção afastando os outros que ele encontra, muitas vezes desconsiderando outros possíveis atributos seus. Em consequência disso, o estigma é um símbolo, um elo utilizado por um grupo ou indivíduo, para exercer dominação sobre outro. Essa dominação pode ocorrer de diversas formas, desde agressão física a sanções sociais (como questões econômicas, políticas e culturais) e até mesmo de caráter simbólico.

Cabe verificar quais são as formas e “condições em que um grupo consegue lançar um estigma sobre outro” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.23). Acerca disso, deve-se compreender que a estigmatização é a “referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso” (GOFFMAN, Op. Cit., p.13). Portanto, a estigmatização e a condição para que um grupo estigmatize outro grupo está intrinsecamente

ligada na relação de dominação. Esta dominação é ligada a partir dos mecanismos de linguagem utilizada pelo grupo que estigmatiza, isto quer dizer que as “pessoas dispõem de uma gama de termos que estigmatizam outros grupos, e que só fazem sentido no contexto de relações específicas entre estabelecidos e outsiders” (ELIAS; SCOTSON, Op. Cit., p.27). Nesta pesquisa, tratamos o estigma como sendo um símbolo que um grupo - que possui alguma característica de “estabelecido”, ou seja, detém o poder de dominação sobre um grupo subjugado – impõe sobre um grupo dominado simbolicamente. Entre os três tipos de estigmas apresentados por Goffman, daremos mais atenção ao terceiro tipo, que são os estigmas ligados à questões étnico-raciais e nacionais, que são transmitidas através da linhagem e “contaminam” por igual todos os membros deste grupo étnico, pois todos possuem os mesmos atributos.

Em consequência desta atribuição de estigmas a todo um grupo étnico, muitos dos moradores estabelecidos veem com maus olhos os imigrantes, a população local atribui aos haitianos características na maioria das vezes fantasiosas, pois pouco se relacionam com eles, o que corrobora para a proliferação do preconceito contra os imigrantes. A comunicação e a incapacidade de conversar – devido ao idioma – com o imigrante corrobora para a estigmatização, uma vez que você não consegue se identificar com o grupo por não falar o mesmo idioma, isso amplia as barreiras de divisão entre os grupos, facilitando e potencializando assim a dominação contra o grupo minoritário através de elos simbólicos realizados no cotidiano.

A estigmatização de grupos imigrantes que foram racializados são decorrentes do fato deles serem estrangeiros na realidade em que se encontram, isto desenvolve um estranhamento e desconfiança por parte da população local ao mesmo tempo em que esses imigrantes são de um grupo étnico distinto da maioria da população local. Conforme visto, os estigmas são construções sociais que se originam de atitudes carregadas de pré-conceitos de pessoas que se consideram pertencentes a um grupo superior, isto pode vir a “desenvolver relações xenófobas e racistas, na qual serão destacados elementos que diferenciam os grupos, reafirmando estereótipos, padronizando conceitos sobre um grupo, alimentando e/ou intensificando comportamentos discriminatórios” (TELLA, 2008, p.155). A exaltação da tradição local é uma forma que alguns grupos estabelecidos usam frente à ameaça da vinda de estrangeiros.

Os imigrantes são racializados devido a seus fenótipos, a estigmatização toma forma a partir da constatação de sua cultura ser diferente da dos locais. Os estigmas contra os imigrantes são uma forma que o grupo dominante usa para exercer sua dominação. Para isso, em suas redes de fofocas transmitem informações sobre características nas quais estes imigrantes supostamente possuem, tornando-os indivíduos desacreditados, ou seja, cuja virtude está sempre em cheque. São considerados como um mal necessário – trabalhadores dos setores que careciam de mão-de-obra – mas que devem ser constantemente vigiados para não extrapolar suas características nos lugares indesejados.

O conteúdo e a forma que se apresenta o estereótipo do imigrante haitiano serão apresentados nos capítulos 3 e 4 desta dissertação. Descreveremos abaixo, imigrantes que foram estigmatizados no Brasil, e estudos comparados mostrando como a estigmatização de imigrantes ocorreu no Brasil. Para isso, utilizaremos como exemplo os mesmos grupos de imigrantes racializados descritos anteriormente, posteriormente apresentaremos a estigmatização dos haitianos em outros países e por fim, entrar acerca dos haitianos em Lajeado.

Imigrantes estigmatizados no Brasil

É interessante salientar o fato de que os grupos étnicos imigrantes que foram estigmatizados no Brasil também foram racializados, visto que a racialização é uma das formas que os grupos imigrantes são estigmatizados. Podemos verificar novamente os estudos que foram realizados acerca dos bolivianos (PUCCI, 2013; SILVA, 2006, 1999) estigmatizados em São Paulo e a estigmatização histórica contra os japoneses (TAKEUCHI, 2016, 2008) e chineses (AZEVEDO, 2012) vistos como “ameaça amarela”, a racialização foi uma das formas da estigmatização contra estes grupos. Acerca dos bolivianos, o grande cerne de sua estigmatização é o fato de serem vistos como escravos,

os bolivianos são vistos como “coitadinhos” pelos brasileiros, principalmente quando estes se referem àqueles como “escravos”. Isto resulta na vitimização e negação da autonomia dos indivíduos bolivianos. O estigma da escravidão [...] está estreitamente associado à maneira como a mídia lida com esta questão (PUCCI, 2013, p.4).

O estigma da escravidão torna-se muito presente ao tratar dos bolivianos, especialmente associado pela mídia, conseqüentemente inferiorizando a subjetividade deste

grupo étnico. Algo a ser salientado frente aos bolivianos é que eles não são considerados como “pacatos” ou “sossegados” por parte da população brasileira dominante, na verdade

os bolivianos passam, no caso, a serem associados com o aumento da sujeira, do barulho e da violência no bairro [...] há um estigma em relação aos bolivianos que não varia de um bairro para outro e nem está associado com a presença ou ausência de feiras onde ocorre baderna após certo horário. É o estigma da escravidão (PUCCI, 2013, p.13).

Consequentemente, os vizinhos utilizam-se de estigmas que caracterizam os bolivianos para justificar uma diferença cultural entre bolivianos e brasileiros (PUCCI, Op. Cit., p.14) associada ao novo racismo. Para alguns moradores de Lajeado, o haitiano também é visto pelo prisma de coitadinho e escravo pela população, ao mesmo tempo que para determinados lajeadenses, os haitianos também são associados à sujeira e barulho. A questão da violência por outro lado não é mencionada, pelo contrário, consideram os haitianos pessoas pacíficas, embora alguns moradores aleguem que isso é uma estratégia para poderem permanecer no país.

Já os imigrantes da “raça amarela”, especificando os japoneses e seus descendentes, foram qualificados como indivíduos feios, hipócritas, portadores do eterno sorriso, que obedeciam tão-somente às ordens de seus chefes (TAKEUSHI, 2008, p.178). Durante as políticas migratórias do governo Vargas, o discurso antinipônico e a mentalidade xenófoba e racista repercutiram no imaginário político brasileiro dos anos 1920 e 1940, criando assim o mito do perigo amarelo (TAKEUSHI, op. Cit., p.178). Os desenhos criados pela mídia em formas de charges foram instrumentos de estigmatização dos japoneses, utilizando-se de desenhos que distorciam e exageravam traços deste grupo étnico, produzindo uma forma desfigurada e exagerada dos japoneses (TAKEUSHI, 2016), construindo assim um estigma contra eles, criando desta forma imagens no imaginário da população local, totalmente distorcidos da realidade. Os japoneses, como imigrantes históricos, utilizaram-se de uma estratégia para superar a estigmatização, embora muitas vezes estes estigmas estejam ainda presente em discursos e falas de população não-nipônica. Optou-se em valorizar o sucesso profissional e a ascensão social como forma de se superar os traumas e os conflitos antes e depois do fim da guerra (TAKEUSHI, 2008, p.182). Já os chineses teriam por natureza uma “moral pervertida”, conforme dito anteriormente, teriam uma paixão por jogos, que caracterizaria um estigma assim como também impulsos para “atos torpes e nocivos” (AZEVEDO, 2012).

Nos três casos vemos a importância e impacto de instrumentos como a mídia e as redes de focos que circulam informações da população estabelecida para a elaboração e proliferação de estigmas contra os grupos étnicos imigrantes racializados e estigmatizados, fazendo com que indivíduos da população estabelecida reproduza estes estigmas mesmo jamais tendo conversado – ou até mesmo visto pessoalmente – um indivíduo do grupo estigmatizado. Descreveremos agora alguns casos para fins comparativos acerca da questão de imigrantes estigmatizados e entraremos então na descrição de países em que os haitianos migraram e foram estigmatizados.

Casos comparativos de imigrantes estigmatizados

A racialização é uma das formas em que um grupo étnico é estigmatizado. Em estudos comparados, podemos compreender que no contexto ocidental, os negros – como no caso de São Paulo e Lisboa (TELLA, 2008) – são um grupo étnico bastante estigmatizado. Partimos do pressuposto de que a cor da pele dos negros em ambos os países é determinante na percepção do racismo. Sendo, portanto, traços fenótipos ressignificados conforme o contexto para estigmatizar o grupo imigrante minoritário.

Conforme escrito anteriormente, os estigmas surgem no processo de interação entre grupos étnicos. Em tais processos, os membros de um grupo observam semelhanças e diferenças com um outro grupo, essa diferenciação será utilizada como um instrumento para justificar a dominação de um grupo sobre o outro, neste sentido

a desqualificação social, a estigmatização unilateral, a atribuição de crenças e valores aos grupos com poucos recursos de poder, a segregação espacial e a exploração da sua força de trabalho são ferramentas poderosas para a preservação e afirmação dos seus princípios, superioridade e defesa, como um processo natural ou verdade absoluta (TELLA, Op. Cit., p.164).

O processo de estigmatização torna-se uma estratégia para a dominação um grupo étnico imigrante. Os estigmas que são associados à cor da pele, ao local onde moram atualmente e também região de origem servem como instrumentos dos dominantes para desqualificar e inferiorizar os imigrantes ou outro grupo étnico minoritário.

O estudo comparativo do caso de subsaarianos na Espanha e haitianos no Brasil (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2015) mostra que tanto uma migração quanto outra, tem se apresentado de forma sensacionalista nos noticiários nacionais, que buscam construir o discurso para a opinião pública de que esses imigrantes são uma ameaça e uma fonte de

problemas para os respectivos países receptores. Da mesma forma, por exemplo, que na primeira metade do século XX os japoneses eram apresentados como uma ameaça, entre outros grupos étnicos imigrantes. Ou seja, um novo fluxo imigrante é apresentado como eventual ameaça quando a sua presença começa a se tornar mais corriqueira e constante no local em que esses imigrantes chegam.

Deve-se destacar também o caso haitiano em relação à República Dominicana, conforme descrito anteriormente, este caso apresenta a haitianofobia. Nesta relação,

a xenofobia tende a mostrar seu viés mais agressivo, não porque os haitianos disputariam hipoteticamente as vagas com os dominicanos [...] mas porque os haitianos entram na hierarquia dominicana como o estrato mais inferior desta sociedade, exposto a todos os tipos de violações dos direitos humanos (ROSA, 2007, p.72).

Na relação dos dominicanos com os haitianos há um forte marcador de etnicidade (ROSA, Op. Cit., p.74), este pode apresentar-se na diferença de cabelo entre as haitianas e as dominicanas, visto que as dominicanas tendem a utilizar chapinha no cabelo, enquanto as haitianas tendem a deixar o cabelo natural, o que é mal visto pelas dominicanas. No caso dominicano, a identidade dominicana é construída baseada na oposição com o Haiti, portanto, “a xenofobia que adquire a forma de antihaitianismo, consolida-se a partir da elaboração de uma alteridade absoluta, elementar, uma oposição binária equivalente às existentes entre homens e mulheres; negros e brancos” (ROSA, Op. Cit., p.75). Neste sentido, os haitianos são percebidos pelos dominicanos como seres inferiores, trazendo miséria, cultura atrasada e outros problemas para o seu país.

Também pode-se considerar o caso da diáspora haitiana nas Bahamas que ocorreu a partir dos anos 1950, quando a economia da região começava a se tornar próspera devido ao turismo, ao mesmo tempo que a situação política do Haiti se deteriorava sob a ditadura de papa Doc, nesta época os haitianos começam a migrar em grande quantidade às Bahamas, surgindo o “problema haitiano” (FIELDING et al, 2008, p.38) nas Bahamas. Os jornais começam neste período a trazer escritos xenofóbicos e tendenciosos, mostrando a ameaça que essa imigração poderia trazer para o país. Em Gadeloupe, a população haitiana sofreu uma exclusão estrutural e simbólica, ficando à margem da sociedade, exercendo cargos que a população local não queria se empregar ao mesmo tempo em que foram estigmatizados pela sociedade receptora (FIELDING et al, Op. Cit., p.39) semelhante ao caso de Lajeado. Ser

haitiano, nas Bahamas, significou portar um estigma, neste caso, a distinção entre os grupos, se aprimora devido à sua distinção laboral, todavia, dependendo da situação, pois quem trabalha na mesma função que os imigrantes, vai utilizar-se da distinção linguística e cultural para não ser associado aos haitianos. Os imigrantes são apresentados como portadores de uma cultura inferior, criando assim uma barreira de separação (FIELDING et al, 2008, p.40) entre eles. Quando os grupos são semelhantes – em termos fenotípicos – surge o discurso da existência de uma suposta diferença muito clara, mas que muitas vezes só é visível pelos grupos dominantes, como no caso dos burakumin (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.30) no Japão, que segundo os japoneses estabelecidos, os burakumin teriam uma mancha azul visível na axila deles, assim os diferenciando. O estigma então – assim como a identidade – serve como um componente de separação entre nós e eles (FIELDING et al, Op. Cit., p.44), com isso, a diferenciação existente entre indivíduos dominantes e dominados que são de um mesmo grupo étnico ou semelhante, é uma construção social, pois determinados traços construídos socialmente – reais ou imaginários – são utilizados para justificar uma dominação ou inferiorização de um grupo étnico sobre outro.

Outro estigma presente nos haitianos em outros países do Caribe é de que eles são portadores de HIV/AIDS (FIELDING et al, Op. Cit., p.46) por serem pobres. O estigma de serem portadores do vírus foi muito espalhado pela República Dominicana (LÓPEZ-SEVERINO; MOYA, 2007, p.7), neste caso sendo os haitianos os supostos responsáveis pelo surgimento do vírus pelo país. No caso da pesquisa em Lajeado, alguns entrevistados e nas conversas informais também mostravam medo de que os haitianos poderiam trazer doenças para o Brasil, de modo que a população de Lajeado questionava quem eram esses haitianos, se eles poderiam trazer AIDS ou outras doenças para a região, neste sentido, o fato de serem possíveis portadores de doenças foi um forte mecanismo de estigma contra os haitianos.

A estigmatização que é construída e mantida pelos estabelecidos para manterem seu monopólio do sentido de visão de mundo pode acarretar em casos extremos de discriminação, na qual ocorre violência física contra os imigrantes, como no caso ocorrido na cidade de São Paulo, na qual seis haitianos foram baleados¹⁴ e, segundo notícias vinculadas ao acontecimento, antes dos disparos os agressores teriam dito “*haitianos, vocês roubam nossos*

¹⁴Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/seis-imigrantes-haitianos-sao-baleados-em-sao-paulo-9027.html>, acesso em 08/08/2015.

empregos” (sic). Este caso demonstra a falta de informação junto ao preconceito racial construído socialmente no cotidiano. A matéria mais adiante, demonstra mais claramente o racismo e xenofobia, relatando que os haitianos precisaram passar por duas unidades de saúde até serem atendidos, e segundo os mesmos, não foram atendidos por causa de racismo.

Agora, como últimos apontamentos teóricos para esta dissertação, descreveremos a relação de dominação dos lajeadenses que são os estabelecidos e os imigrantes haitianos que são os outsiders na pesquisa realizada para esta dissertação.

Os lajeadenses estabelecidos e os haitianos outsiders

Um dos principais apontamentos teóricos utilizados na pesquisa foi a questão das relações de dominação apresentada por Elias e Scotson, na obra *Os Estabelecidos e os Outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000). Nesta obra, o que pode ser destacado para a compreensão do imigrante é acerca da construção da imagem aceita e a mal vista pela população. Os estabelecidos utilizam-se de suas redes para espalhar as informações exageradas e falsas a respeito do imigrante, podendo alegar que eles são uma possível ameaça do seu modo de vida, assim construindo um estereótipo na qual todos os outsiders possuem intrinsecamente determinadas características que os estigmatizam. Dialogando com Simmel (2004) nesta compreensão, o estrangeiro, embora mal visto pela população estabelecida, pode ser importante nos processos de transações e ações sociais, nas quais muitas vezes os estabelecidos precisavam, mas não podiam (ou não queriam) exercer. Como no caso descrito por Georg Simmel, dos comerciantes judeus na Europa medieval, da mesma forma, o outsider, pode ser justamente a figura de todo o mal da localidade, ou seja, qualquer problema que venha a existir, não é oriundo dos estabelecidos, mas dos outsiders.

O principal cerne é que a própria figura de estabelecido e estrangeiro mostram características “comuns e constantes” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.22), ou seja, é esperado que tanto o estabelecido porte-se de uma determinada forma, assim como o estrangeiro assuma determinados símbolos naturalizados que os caracterizem, construindo desta forma, uma relação de nós e eles. Elias e Scotson relatam que o cerne da questão é compreender que

o problema é saber como e por que os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer ‘nós’, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como ‘eles’ (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.38).

Elias e Scotson analisam as relações de poder em determinados grupos em uma mesma comunidade (MARTINS, 2014, p.31). A pesquisa de Scotson que foi posteriormente analisada sociologicamente por Elias é um trabalho que visou analisar a capacidade de manter os subordinados no “seu lugar” (MONSMA, 2016, p.62). A relação entre estabelecidos e outsiders busca compreender as condições em que um grupo consegue lançar um estigma sobre outro, através da sociodinâmica da estigmatização. Isto ocorre na generalização e tipificação do grupo estigmatizado, no qual se caracteriza o discurso de que todos os indivíduos deste grupo estigmatizado são portadores de determinadas características negativas, sendo eles, portanto, pertencentes a um grupo coletivamente inferior. Isto quer dizer que

Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos outsiders pode fazer se prevalecer (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.23).

Rotular outro grupo como inferior é um instrumento de poder, utilizado para manter a superioridade social do grupo estabelecido, no caso de Lajeado, manter o grupo imigrante em seu devido lugar. Portanto, a estigmatização é algo coletivo, construído pelo grupo dominante, na qual serve como um símbolo de identificação e marcação do grupo estigmatizado, conseqüentemente, acarreta na classificação de grupos como sendo inferiores e superiores, isto é, uma estratégia de poder (MARTINS, 2014, p.31). A estigmatização torna-se um símbolo utilizado pelos estabelecidos para manterem os outsiders em seus respectivos lugares, ou melhor, onde os estabelecidos consideram que os outsiders devam ficar. Neste mesmo sentido, a estigmatização é usada para fazer com que os estabelecidos se representem como sendo naturalmente superiores.

No que tange aos aspectos étnico-raciais que são visíveis inicialmente na relação dos lajeadenses estabelecidos com os imigrantes haitianos, pode-se analisar que seus fenótipos são diferentes da maioria da população de Lajeado, conseqüentemente, o mesmo tornou-se um símbolo que foi utilizado para remeter à estigmatização dos haitianos, servindo como referência para comportamentos discriminatórios (TELLA, 2008, p.166). Ou seja, eles eram negros e esse era o desconforto inicial por parte da população, pois associavam esses imigrantes com o racismo existente na sociedade. Acerca da questão étnico-racial, deve-se compreender que

As chamadas “relações raciais”, em outras palavras, simplesmente constituem relações de estabelecidos-outsiders de um tipo particular. O fato de os membros dos dois grupos diferirem em sua aparência física ou de os membros de um grupo falarem com um sotaque e uma fluência diferente a língua em que ambos se expressam serve apenas como um sinal de reforço, que torna os membros do grupo estigmatizado mais fáceis de reconhecer em sua condição (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.32).

Os haitianos são facilmente reconhecidos pela população, inicialmente pelo seu fenótipo, vindo a ser associados aos brasileiros negros. Somado a isso eles possuíam diferenças dos brasileiros, seja pela língua diferente falada por eles, assim como outros aspectos culturais os quais levavam a população branca a desconfiar destes imigrantes. Isto conota que a vinda destes estrangeiros se mostra para os estabelecidos como uma intromissão importuna, pois o grupo que já estava no local em que os imigrantes aparecem podem se sentir ameaçados com a presença de um grupo até então inexistente, pois “os recém-chegados são percebidos pelos estabelecidos como pessoas ‘que não conhecem seu lugar’; agridem-lhes a sensibilidade, portando-se de um modo que, a seu ver, traz claramente o estigma de inferioridade social” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.174). Há uma ameaça na mudança de como era vivido a vida até então e o que poderá vir a ocorrer, por isso que os estabelecidos utilizam de estigmas para inferiorizar o grupo imigrante.

Como o grupo estabelecido atribui a seus membros como sendo superiores, eles excluem os estigmatizados do contato social não profissional. Como muitos estabelecidos não possuem contato algum com um haitiano, a fofoca surge como um importante instrumento de proliferação da estigmatização. Por fofoca, entende-se como uma reação a uma situação específica, ela origina-se na crença dos estabelecidos como sendo superiores, e o grupo imigrante como um desconforto que surge na cidade – para preencher um espaço, o papel usual do estrangeiro – e que desestabiliza como a vida era até então. A fofoca depende das normas e crenças coletivas e das relações comunitárias (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.121) para se efetivarem nas redes de interação da população estabelecida.

Um importante aspecto a ser considerado é que, semelhante ao caso de Winston Parva descrito na obra de Elias e Scotson, os haitianos em Lajeado também chegaram em um grande fluxo repentino, os primeiros vinte haitianos em uma cidade vizinha, tornaram-se centenas chegando à Lajeado repentinamente.

Este capítulo buscou descrever a construção do processo de formação do estereótipo do imigrante a partir dos aspectos teóricos. Apresentou a figura do imigrante como um indivíduo com uma determinada função em uma sociedade receptora, a de exercer algo que os locais não querem fazer, mesmo assim, o imigrante é visto de forma desconfiada pela população local. Apresentamos as teorias migratórias para a compreensão da imigração haitiana para o Brasil, demonstrando como o contexto histórico nas mudanças de fluxos migratórios para países do Sul fazendo com que o Brasil viesse a se tornar uma escolha para os haitianos migrarem. Abordamos também acerca da diáspora para os haitianos, como um sentido de busca de melhores oportunidades e como ela é um importante instrumento econômico para o país. Posteriormente entramos no debate étnico-racial, no qual demonstramos a constituição da raça como uma ideia que é significada nas interações entre grupos étnicos conforme o contexto específico, descrevendo mais especificamente sobre o racismo contra grupos imigrantes no Brasil. Demonstramos em casos comparados também acerca dos estigmas que são atributos que grupos dominantes constroem sobre outros, dotando-os de características pejorativas, verificando que muitos dos imigrantes racializados também foram estigmatizados no Brasil. Descrevemos, ainda, casos de regiões na qual os haitianos imigraram e foram estigmatizados pela população local. O imigrante encontra-se no limiar de duas questões ao chegar no local de destino da imigração, o primeiro aspecto é que ele é um estrangeiro, diferente dos moradores, o mesmo apresenta costumes diferentes o que pode causar estranhamento da população local; o segundo aspecto é étnico-racial, caso este imigrante seja de um grupo étnico distinto da população local, o estranhamento poderá ocorrer a partir da diferenciação étnica e a construção de uma racialização deste grupo imigrante. Essas relações vão variar conforme o contexto específico em que ocorreu o fenômeno migratório.

Portanto, o aspecto étnico-racial assim como a situação de ser estrangeiro é a via para a compreensão da formação do estereótipo contra os imigrantes haitianos. Este estereótipo se dá a partir da percepção dos moradores locais estabelecidos de que estes indivíduos são imigrantes, ou seja, indivíduos suspeitos pela sua condição de serem forasteiros que vieram para desestabilizar a vida até então. Somado ao aspecto étnico-racial, pois estes imigrantes são negros. O conteúdo, a forma e o processo de formação do estereótipo do imigrante haitiano serão apresentados nos capítulos 3 e 4.

Capítulo 2: Metodologia

Neste capítulo será abordado acerca dos instrumentos metodológicos utilizados para a coleta de dados, a seleção dos materiais que foram utilizados para o desenvolvimento da dissertação, assim como uma breve descrição acerca da aproximação do pesquisador com o tema e o que o interessou em pesquisar a imigração haitiana¹⁵.

A minha aproximação com o tema de pesquisa ocorreu inicialmente no período de janeiro e fevereiro de 2014. Nesta época, trabalhava como assessor político na Câmara Municipal de Vereadores de Lajeado, foi neste período que realizei um trabalho voluntário no Haiti, nas cidades de *Port-au-Prince* e *Les Cayes*. Ao retornar ao Brasil, fui convidado junto ao poder executivo para participar de uma reunião com um representante dos haitianos e também funcionários da prefeitura, principalmente do setor da STHAS e um pastor evangélico para organizarmos um encontro junto com haitianos no município de Lajeado. Este encontro seria para ouvir eles, saber quais eram suas reivindicações e tentar realizar uma aproximação do poder executivo com este grupo étnico. Este encontro com os haitianos, na época acabou não ocorrendo, todavia, posteriormente foram realizados encontros com os haitianos, nas quais eu não tive participação. Portanto, tais eventos foram a gênese desta dissertação de mestrado. Foi nesta mesma época em que comecei a realizar uma pesquisa exploratória, visto que era constantemente abordado pelas pessoas para falar sobre os imigrantes haitianos, pois eram um novo grupo bastante expressivo na cidade. Entre as pessoas haviam muitas que falavam de forma pejorativa sobre os haitianos, alguns outros perguntavam e mostravam-se interessados em compreendê-los melhor, construí um projeto de pesquisa para que pudesse compreender melhor acerca dos imigrantes haitianos.

A pesquisa de campo ocorreu entre os meses de janeiro e junho de 2016, mas conforme dito no parágrafo anterior, já havia sido feito uma pesquisa exploratória na cidade desde 2014, com conversas informais e leituras de matérias jornalísticas que abordavam a temática dos imigrantes haitianos. Deve-se salientar que esta dissertação é o produto de uma pesquisa explicativa, isto quer dizer que ela tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência do fenômeno (GIL, 2010, p.28)

¹⁵ Para devidos fins de expressar e descrever a aproximação com o tema, este capítulo será escrito em primeira pessoa, visto que, falar em terceira pessoa dizendo os interesses e motivo para pesquisar o tema, soaria um tanto quanto abstrato demais.

que foi buscado analisar. Deve-se destacar que esta pesquisa foi delimitada geograficamente para os fenômenos que ocorrem apenas no município, portanto tanto os imigrantes haitianos quanto os moradores de outras cidades da região do Vale do Taquari não foram considerados, embora para fins ilustrativos e comparativos, casos em que ocorreram discriminação contra haitianos ou outros imigrantes em cidades brasileiras são utilizados para ilustrar o argumento. Da mesma forma, os demais grupos étnicos imigrantes não foram considerados nesta pesquisa¹⁶, embora deve-se salientar que para os estabelecidos todos os imigrantes em Lajeado passaram a ser chamados de “haitianos”, o que corroborou para o argumento de que os haitianos foram os imigrantes racializados em Lajeado. Nos poucos casos em que as pessoas especificavam mais os grupos étnicos imigrantes na cidade, eram os funcionários públicos que tinham alguma atuação direta com os imigrantes, já para a maioria da população local, todos os imigrantes eram “os haitianos”.

Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos e um terceiro como forma de complemento, a principal fonte foram as entrevistas realizadas de maneira semiestruturada, pois a pesquisa teve como propósito capturar as subjetividades dos atores acerca do tema para com isso tentar compreender a visão que os lajeadenses têm sobre esse novo grupo na cidade, foram realizadas também entrevistas e conversas informais com os moradores locais. A segunda fonte utilizada como método foi a observação para analisar como ocorrem a (falta de) interação entre os moradores estabelecidos de Lajeado e este novo grupo migrado, assim como observar os gestos, olhares, falas negativas nos espaços públicos e todas as formas de símbolos oriundas da interação entre os indivíduos que podem ser vistas no processo de observação. Por fim, como material suplementar para a construção da vida cotidiana lajeadense, também foram utilizadas matérias de jornais e programas de rádios locais para poder analisar percepções sobre os imigrantes haitianos que são escritas e vinculadas para a população local. As fontes midiáticas são um complemento do que foi apresentado nas entrevistas e observação. A seguir, será feito um panorama com uma visão geral do que foi obtido com a coleta de dados para a pesquisa.

Entrevistas

¹⁶ na verdade, a hipótese de racialização dos haitianos ocorreu justamente em relação a um outro grupo étnico imigrante na cidade que não era citado pela população e que a maioria desaprovava a forma de trabalho em que eles desempenhavam.

Esta pesquisa é um estudo de caso, o universo dela são os moradores de Lajeado, a amostra se deu a partir da coleta de vinte entrevistas com moradores estabelecidos e uma entrevista com um haitiano, que serão apresentados posteriormente no quadro. Também foram realizadas entrevistas e conversas informais com haitianos e moradores estabelecidos da cidade, estes não aparecem no quadro, mas suas falas foram utilizadas para a construção do texto. Foi utilizado a amostragem estratificada, pois foi tentado encontrar atores sociais nos mais diversos espaços da cidade, desde oriundos de diferentes profissões, assim como também aqueles que residiam em bairros distintos, para tentar analisar as nuances de distância da localidade onde moram os haitianos, pois os mesmos acabaram se limitando em morar em um pequeno número de bairros, que já eram estigmatizados pela população não residente destas regiões. Da mesma forma a seletividade das profissões ocorreu para verificar aquelas nas quais há nenhuma forma de contato com os imigrantes haitianos como também aquelas que poderiam porventura existir alguma forma de interação pelo trabalho, buscou-se com isso, entrevistar indivíduos na qual pudesse dimensionar diversos espaços da cidade.

A principal ferramenta utilizada foi a entrevista, e entre os diversos tipos de entrevista para uma pesquisa sociológica, a aplicada para esta pesquisa foi a semiestruturada para possibilitar uma priorização de um viés qualitativo, buscando a compreensão da subjetividade acerca da racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos por parte dos moradores locais de Lajeado. Este modelo de entrevista é utilizado para dar liberdade ao entrevistado, possibilitando com que ele se expresse acerca do objeto do qual a pesquisa está buscando analisar (GIL, 2010, p.112), a partir das entrevistas semiestruturadas os atores relataram sua visão sobre o assunto. A amostragem foi feita de forma intencional, a escolha das entrevistas se deu por amostragem estratificada, buscando verificar cada subgrupo da população considerada. Portanto, entrevistou-se atores de todo o estrato social do município de Lajeado, desde moradores de bairros próximos a distantes, pessoas que tem contato com os haitianos, assim como pessoas que nunca conversaram com um haitiano. Da mesma forma que pessoas que trabalham ou estudam nas mais diversas áreas da cidade.

Devido ao fato de que as entrevistas buscam verificar questões subjetivas acerca da opinião dos entrevistados sobre os imigrantes haitianos, uma alternativa metodológica utilizada foi a realização das entrevistas em espaços cotidianos informais, buscando construir

questionamentos¹⁷ que não direcionassem os atores para respostas esperadas, mas dando liberdade para que eles manifestassem suas opiniões acerca dos novos imigrantes na cidade. As perguntas foram realizadas de forma aberta, possibilitando com que os entrevistados falassem de diversos assuntos, fazendo com que muitos dados diversos fossem coletados, todavia, devido ao foco na qual a pesquisa foi delimitada, os assuntos nos quais não se abordasse a racialização, estigmatização, racismo e interação com os imigrantes haitianos foram descartadas. A opção por respostas mais abertas e não tão direcionadas foi decidido para tentar receber respostas mais características da vida cotidiana dos indivíduos que interagem e vivem em Lajeado, partindo de um escopo fenomenológico para análise, compreensão e descrição do fenômeno social em si.

Deve-se salientar que a pesquisa busca verificar a interação dos indivíduos da cidade, por isso, a identidade dos entrevistados não era o destaque a ser analisado, mas o que importava era o espaço que ele ocupa na sociedade lajeadense, buscou-se analisar os discursos de diversas esferas sociais presentes na cidade, buscamos analisar as falas e interação desses indivíduos. Metodologicamente foram analisados os símbolos e a interação dos atores sociais, buscando focar nas relações interpessoais (GIL, 2010, p.23). Procurou-se os significados que as pessoas criam para as outras pessoas ou objetos dentro de suas relações sociais (BLUMER, 1986, p.57), analisando como a ação social é formada.

Como o principal enfoque desta pesquisa são os discursos da população local analisando suas respectivas ações sociais, os atores entrevistados importam pela posição social na qual eles estão na organização social da sociedade lajeadense, portanto, os mesmos serão identificados por nomes fictícios, caracterizados na primeira coluna do quadro, a faixa etária na segunda e a profissão ou outra ocupação que eles exerçam na terceira coluna. Esta pesquisa busca analisar os discursos e falas, portanto, nos importa verificar de que forma símbolos que expressam a interação entre dois grupos étnicos distintos em um mesmo espaço social, em um contexto no qual um destes grupos é recentemente migrado na região. O grupo recentemente migrado é composto de imigrantes em sua maioria negros, de distintos países, tendo predominância haitianos. O grupo de moradores assim chamados de “estabelecidos”, consideramos como um grupo étnico homogêneo, pois é composta por brasileiros brancos, em sua maioria, descendentes de alemães e/ou italianos.

¹⁷ O roteiro de entrevista consta nos anexos desta dissertação.

Quadro: Organização dos entrevistados e dados coletados

Nome	Faixa etária	Profissão
Alexandre	Entre vinte e trinta anos	Universitário
Álvaro	Cinquenta anos	Área da política
Denise	Entre vinte e trinta anos	Professora
Douglas	Entre vinte e trinta anos	Empresário
Evandro	Entre vinte e trinta anos	Universitário
Felipe	Entre vinte e trinta anos	Universitário
Frederico	Faixa dos quarenta anos	Trabalha em jornal
Frodo	Cinquenta anos	Empresário
Gilberto	Perto dos 60 anos	Aposentado
Guilherme	Quase trinta anos	Bancário
Ismael	Entre vinte e trinta anos	Policial Civil
João	Mais de cinquenta anos	Cabeleireiro
José	Entre vinte e trinta anos	Engenheiro Mecânico
Julia	Cinquenta anos	Empresária
Márcio	Trinta anos	Professor
Maria	Quarenta anos	Diretora
Mathias	Entre vinte e trinta anos	Empresário
Matheus	Quarenta anos	Aluga imóvel para haitianos
Paulo	Faixa dos trinta anos	Arquiteto
Samuel	Quarenta anos	Funcionário da Secretaria da Saúde
Thiago	Entre vinte e trinta anos	Funcionário público

Fonte: Próprio autor

As citações são provenientes dos entrevistados e serão identificados a partir destes nomes fictícios. As entrevistas ocorreram com indivíduos de várias esferas sociais de Lajeado, para buscar verificar a existência de opiniões nos diversos espaços da cidade na qual a população local pensa sobre os imigrantes haitianos. Nas observações e conversas informais também ocorreram entrevistas. Como não se buscou com esta pesquisa analisar a identidade dos entrevistados, mas sim os seus discursos e como os mesmos expressavam suas opiniões acerca dos haitianos, buscamos dar uma ênfase em sua posição ocupada na sociedade de Lajeado, para com isso construir uma organização textual para demonstrar de que forma ocorre o fenômeno da estigmatização dos haitianos nos discursos e na interação dos moradores locais estabelecidos. Muitas falas que apareceram nas entrevistas foram se repetindo, o que nos possibilitou a confirmação de que era uma informação pertinente a ser utilizada no texto.

Será feita uma breve descrição dos entrevistados, com os seus respectivos nomes ficticionais, descrevendo a ocupação deles na sociedade de Lajeado e a faixa etária na qual eles estão situados. Vale salientar que quase todos os entrevistados são brancos, com exceção de

um, Alexandre, que é descendente de árabes, e dois, denominados como Ismael e Thiago, respectivamente um brasileiro negro e um haitiano. Alexandre é estudante de engenharia civil e trabalha em uma construtora da cidade, jovem na faixa etária entre os vinte e trinta anos, é descendente de árabes. Álvaro trabalha no setor político da cidade, é homem branco na faixa dos cinquenta anos. Denise é professora de história em rede privada, mulher branca jovem na faixa etária entre vinte e trinta anos. Douglas é empresário do ramo alimentício, outra área de grande contratação dos haitianos, é homem branco na faixa entre os vinte e trinta anos. Evandro é formado em logística e atualmente estudante de engenharia de produção, trabalha em uma empresa da área da construção, jovem branco na faixa etária entre os vinte e trinta anos. Felipe é formado em um curso técnico e atualmente é estudante de engenharia de controle e automação, jovem branco na faixa etária entre os vinte e trinta anos, trabalha em uma empresa de peças automotivas. Frederico trabalha para um jornal da região, homem branco na faixa dos quarenta anos. Frodo é empresário, possui uma empresa no ramo da construção civil, que foi uma das áreas que mais contratou imigrantes, é homem branco na faixa dos cinquenta anos. Gilberto homem branco, quase completando setenta anos, é aposentado, trabalhou como agricultor e frequenta diversos espaços da cidade. Guilherme é economista, funcionário de um banco público, homem branco com quase trinta anos de idade. Ismael é policial civil, é jovem, negro e está na faixa etária entre os vinte e trinta anos. João é cabeleireiro de um salão do centro da cidade, é homem branco com mais de cinquenta anos, o seu local de trabalho é um costumeiro espaço para as pessoas irem falar fofocas e trocar informações, foi um ponto de referência também para conversas informais com moradores de Lajeado. José é um jovem branco na faixa etária entre os vinte e trinta anos, é engenheiro mecânico, está desempregado, fato este importante a ser destacado, pois em suas falas José era muito contrário aos haitianos e aos “vagabundos” que não trabalhavam e que ganhavam “*mamatas*” do governo, este discurso ocorria na mesma forma em que ele estava desempregado sendo sustentado pelos pais. Julia é empresária, ela possui uma loja de moveis, mulher branca na faixa dos cinquenta anos. Márcio é professor de escola da rede municipal, branco na faixa etária dos trinta anos. Maria é diretora de uma empresa e se relaciona constantemente com os lojistas da cidade, mulher branca na faixa dos quarenta anos. Mathias é jovem branco e possui uma oficina de carros, está na faixa etária entre os vinte e trinta anos. Matheus aluga imóveis para os haitianos, é homem branco, na faixa etária dos quarenta anos. Paulo é arquiteto, trabalha para uma empresa e possui a sua própria empresa na qual exerce

trabalhos na área, é homem adulto na faixa dos trinta anos. Samuel trabalha na secretaria da saúde, é homem branco, na faixa etária dos quarenta anos. Thiago é funcionário público, é haitiano, acabei o entrevistando por ser o único funcionário público imigrante da região, exercendo o trabalho de intermediário entre o poder público, as empresas e os imigrantes, é negro e está na faixa etária entre os vinte e os trinta anos. Os demais haitianos foram entrevistados apenas em conversas informais. Muitas das falas dos entrevistados foram depois verificadas nas observações e nas conversas informais com as mais diversas pessoas, portanto, muitos dos discursos se repetiam, com pequenas alterações, principalmente quando ao uso das palavras conforme cada contexto específico.

Deve-se salientar que além de buscar entrevistar indivíduos que morassem nos diversos bairros da cidade, também procurou-se entrevistar pessoas nas mais diversas profissões e que circulam nos espaços sociais da cidade. Contudo, deve-se enfatizar que os indivíduos que trabalham diretamente com os haitianos, sendo seus colegas de trabalho assim como também pessoas que moram nos mesmos bairros, não mostraram-se dispostas a serem entrevistadas, entretanto, por outro lado eram bastante abertas para conversar e respondiam sobre os imigrantes haitianos nas conversas informais, aceitando participar da pesquisa desta forma, permitindo que as considerações fossem utilizadas na dissertação. As mesmas apresentam-se no escopo do texto, fazendo parte da análise e reflexão da dissertação, sendo, portanto, não atribuído nomes fictícios a estes moradores, visto que suas falas eram anotadas posteriormente em uma caderneta de pesquisa de campo e não computadas e gravadas como nas entrevistas. Da mesma forma, as conversas com os haitianos ocorreram de forma informal, sendo apenas um haitiano entrevistado de maneira formal – com as perguntas modificadas buscando questionar sobre a opinião dos haitianos acerca da cidade, o que achavam dos moradores estabelecidos e se presenciaram casos de racismo e estigmatização contra os haitianos em Lajeado ou se haviam sido alvos.

As entrevistas estarão incorporadas junto ao texto, portanto quando utilizarmos passagens em que constarem frases exatas conforme foram ditas em forma de citações diretas, elas estarão em itálico e entre parênteses o nome identificado no quadro. Nas vezes em que o discurso era semelhante, escolhemos as falas de forma intencional, para não ficar enfadonho e repetitivo demais a leitura ao longo do texto, mostrando três ou quatro entrevistados falando algo semelhante, mas com outras palavras, portanto, muitas das falas apresentadas foram

manifestadas por mais de um ator entrevistado, os demais trechos foram incorporados no trabalho, quando pertinentes. Será apresentado agora acerca de como ocorreu a observação.

Observação

O segundo instrumento utilizado foi o método da observação, a observação ocorreu em espaços de interação cotidianos, como praças, rodoviária, pontos de taxi, centro da cidade, locais de entretenimento, ou seja, os espaços de circulação comum¹⁸, assim como festas e eventos do município. Foi percorrido os espaços da cidade em que costumeiramente as pessoas transitam e interação de maneira corriqueira, são aqueles espaços em que os haitianos e os moradores estabelecidos frequentam. Buscou-se observar, gestos, como olhares de reprovção, falas entre si ou comentários que os habitantes estabelecidos se comunicam quando um imigrante haitiano passa por eles ou está circulando pelo mesmo espaço físico. A observação serviu para verificar a existência de símbolos manifestados abertamente ou camuflados de repugnância com a permanência de imigrantes no local. Junto com a observação foram feitas conversas informais com as pessoas, neste caso tanto moradores estabelecidos como imigrantes haitianos, para verificar de maneira cotidiana e informal como as dimensões da estigmatização e racialização apresentavam-se nas falas cotidianas das pessoas transitando por locais de Lajeado.

Foi utilizado principalmente o método da observação sistemática, tendo em consideração de que os objetivos da pesquisa já eram claramente definidos (GIL, 2010, p.104), devido tanto a pesquisa exploratória como a experiência anterior de ter morado na cidade. Portanto, já estava organizado o que seria observado e em quais espaços da cidade. Por isso o uso da observação sistemática, pois ela é muitas vezes utilizada para pesquisas em que já estão definidos os aspectos importantes a serem analisados assim como o que é significativo para alcançar os objetivos pretendidos.

A observação demonstrou constantes casos de pessoas utilizando-se de gestos de desdém com os haitianos, como olhares desconfiados, pessoas que evitavam contato trocando de rua, até mesmo casos de pessoas falando mal – de maneira alta e bem audível - dos

¹⁸ Aqui deve ser feito uma constatação para as pessoas não familiarizadas com a cidade, até 2012 a presença de pessoas negras no centro da cidade era pouco expressiva (existente, mas não tão presente de forma cotidiana), com a vinda dos novos imigrantes esse contingente de pessoas cresceu, o que causou desconforto por parte dos moradores locais, um dos fatores que desencadeou o interesse desta pesquisa.

imigrantes haitianos, as ofendendo de maneira aberta, estes aspectos foram visíveis na observação realizada. Portanto, com a observação foi possível colher dados acerca da estigmatização e também como a racialização dos haitianos ocorreu em Lajeado.

Na maioria das vezes as entrevistas deixavam subentendidas ou não eram manifestados os aspectos dos estigmas contra os haitianos, elas vinham de comentários sutis feitos, ou de opiniões que ouviram de outros, poucos foram aqueles que abertamente manifestaram a sua opinião sobre o que achavam dos haitianos, muitos utilizavam-se do mecanismo de que eles tinham ouvido falar alguém dizer algo sobre os haitianos. As observações, da mesma forma que as entrevistas semiestruturadas, ocorreram em espaços da cidade com diversos atores, buscando analisar e confirmar os apontamentos dos atores entrevistados.

Compreende-se que para a análise desta dissertação, a organização social tem sua gênese nos sentidos e ações que os indivíduos constroem ao longo do seu processo de interação cotidiana (HAGUETE, 2013, p.62), logo a observação apresenta-se como uma importante ferramenta para a análise e compreensão do processo de interação que os atores sociais realizam em sua vida cotidiana. Abordaremos agora acerca das fontes midiáticas, que foram materiais suplementares para a compreensão da vida cotidiana de Lajeado.

Fontes midiáticas

Por fim, a terceira e última ferramenta metodológica utilizada nesta pesquisa, como elemento suplementar, é o uso de fontes midiáticas da própria cidade, assim como a produção da mídia nacional que tratou dos imigrantes haitianos de forma geral, mas dando um especial foco para a cidade de Lajeado e região. Por fontes midiáticas quer-se dizer as matérias de jornais ou programas de rádio que foram publicados escrevendo sobre os imigrantes haitianos, outro instrumento utilizado foi a coleta de comentários na internet feitos por moradores locais expressando suas opiniões acerca dos imigrantes haitianos nas opções de comentários dos leitores nas matérias jornalísticas. A escolha do material se deu de forma seletiva, a partir de notícias que tratassem sobre os imigrantes haitianos. A busca, portanto, foi catalogada como “imigração haitiana”, focando apenas as matérias que tratassem da cidade de Lajeado, conforme escrito anteriormente, as demais cidades da região foram desconsideradas. Vale destacar que algumas notícias eram menores que um parágrafo de jornal, com questões

básicas que tratavam de diversos aspectos da realidade social, mas que ajudam a construção da ideia que a população local tem destes novos imigrantes. No caso que é ilustrado acerca da agressão contra imigrantes haitianos em São Paulo assim como os comentários pejorativos em matérias de aporte nacional, as respectivas escolhas das fontes ocorreram de forma intencional. Portanto, as mídias locais e nacionais foram apenas um complemento para a construção da visão que a população local tem dos imigrantes haitianos, pois a mesma poderia ser organizada como uma pesquisa a parte, vide a vasta produção de materiais midiáticos realizados com a temática dos imigrantes haitianos desde o ano de 2012.

Foi realizada a leitura da maior quantidade de matérias que tratavam da temática dos imigrantes haitianos em Lajeado pelos principais meios de comunicação local, entre os anos de 2014 e 2015. Deve-se salientar que como a produção que a mídia constrói sobre os imigrantes haitianos não era um dos objetivos desta pesquisa, as leituras jornalísticas foram realizadas apenas para perceber as construções simbólicas feitas acerca dos imigrantes haitianos e em que medida a população local reproduzia estas informações vinculadas pela mídia em suas falas cotidianas. Portanto, a escolha das matérias para esta dissertação ocorreu de forma por conveniência, pois não era o propósito da dissertação realizar um dado estatístico sobre as matérias jornalísticas. As matérias que estarão citadas ao longo do texto, assim como os comentários que foram escritos por leitores no espaço dos comentários, serão transcritos na dissertação para ilustrar as informações que foram coletadas nas entrevistas e observação e que de alguma forma servem como adendos ao texto da dissertação, logo, os dados midiáticos são apenas complementos para a compreensão de como a população local de Lajeado vivencia e se relaciona com os imigrantes haitianos em suas vidas cotidianas e de que forma elas elaboram suas considerações e opiniões sobre este novo grupo étnico imigrante na cidade.

Deve-se por último salientar que para fins de compreensão, as matérias estarão citadas com os seus respectivos links e data de acesso em notas de rodapé, assim como os nomes dos leitores e a forma que eles escreveram os seus comentários, estarão transcritos literalmente como o mesmo foi apresentado na matéria.

Capítulo 3: Rota para uma Terra Estranha: A chegada dos imigrantes haitianos ao Brasil e o estranhamento dos brasileiros.

Este capítulo visa descrever o processo migratório, inicialmente apresentando os motivos que levaram os imigrantes haitianos a migrarem até o Brasil, o contexto em que isso ocorreu, a rota migratória até o país, destacando algumas das cidades nas quais houve um fluxo de entrada dos imigrantes haitianos. Posteriormente apresentaremos a sua migração até a região sul do país, quais foram as causas que desencadearam isso e a consequente chegada deles em Lajeado. Será feita uma descrição acerca do município, seus moradores e o impacto inicial da chegada de um grupo de estrangeiros em uma terra estranha, descrevendo os processos de estranhamento que surgiram na cidade.

A escolha pelo Brasil

Conforme apresentado no capítulo 1 da dissertação, no que tange a descrição da história do Haiti, desde a sua libertação e emancipação, o país convive com a instabilidade política, é quase inexistente o serviço público, a rede privada detém aproximadamente 85% dos hospitais e escolas, apenas 12% da terra do país pode ser utilizada para a agricultura e o desemprego beira aos 80% (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2015, p.138). Consequentemente um dos principais problemas no Haiti é o desemprego, motivo desencadeador da emigração (junto à falta de terra), estima-se que das 2,9 milhões de pessoas que pertencem à população ativa, 1,9 milhão estão no setor informal (HANDERSON, 2015, p.164). O terremoto que ocorreu no dia 12 de janeiro do ano de 2010 com magnitude 7,0 na escala Richter, e as mais de três dezenas de réplicas sismológicas nas horas e dias seguintes, com magnitudes acima de 4,0 na escala Richter (ANDRADE DE PAULA et al, 2013, p.58) vieram a aumentar os problemas já existentes no país, outro aspecto é que o terremoto ocasionou na morte de mais de 200 mil pessoas e 500 mil feridos.

Foto 3: Atual moradia de alguns haitianos após o terremoto, em Pourt-au-Prince



Fonte: Acervo fotográfico do próprio autor

A foto acima é do início do ano de 2014 em uma região mais afastada da capital Port-au-Prince, a imagem demonstra que muitas pessoas desde o terremoto (em 2010) ainda não retornaram às suas casas ou não tiveram condições de construir uma nova. Da mesma forma que circulando pela capital em muitas construções podem ser vistas ainda marcas e rachaduras que foram decorrentes do terremoto, o mesmo também ocasionou em um aumento do desemprego, que já era alto (MEJÍA, SIMON, 2015, p.27). Somado a isso ainda houve no país uma epidemia de cólera em 2011, evento este que muitos haitianos denunciaram alegando que essa epidemia chegou ao país através dos militares em missão da MINUSTAH (ALMEIDA; BRANDÃO, 2015, p.67). Após a ocorrência do terremoto houve um aumento na procura em migrar para poder estar em um outro país auxiliando financeiramente os seus familiares e na reconstrução do seu país, muitos haitianos em diáspora retornaram ao Haiti na época e outros enviaram remessas de dinheiro para o auxílio aos familiares estavam no país.

Todavia, conforme apresentado acerca da diáspora haitiana, ao contrário do que foi vinculado pela mídia brasileira, a imigração haitiana não é uma consequência única do terremoto ocorrido no Haiti em 10 de janeiro de 2010 (PIMENTEL; COTINGUIBA, 2013, p.2), pois desde o período ditatorial de Papa e Baby Doc vários haitianos já estavam em diáspora, não no Brasil, mas em outros países, principalmente Estados Unidos, França e Canadá, assim como a pouca terra para agricultura e baixas oportunidades de emprego já eram elementos que desencadeavam a emigração dos haitianos para outros países. Portanto, a

entrada dos haitianos no Brasil, não ocorreu de maneira aleatória, da mesma forma, a escolha pelo Brasil ocorreu devido a acontecimentos nos últimos anos que ocasionaram na escolha como país de destino.

Entre os acontecimentos que geraram um destaque para a escolha do Brasil como um país para os haitianos imigrarem, pode-se destacar que no período entre 2009 e 2014, havia toda uma avaliação positiva do Brasil na economia internacional, considerado como um país próspero, com muitos empregos e oportunidades para estudarem e, conseqüentemente, melhorarem de vida. Outros fatores que deram visibilidade do Brasil para os haitianos foram os eventos como a presença militar brasileira no Haiti na coordenação da MINUSTAH, estabelecida em 2004; a partida de futebol da seleção brasileira contra o Haiti, realizada na capital Pourt-au-Prince em 2004; assim como o convite do presidente Lula em visita realizada ao Haiti, um mês depois do terremoto (MEJÍA, SIMON, 2015, p.14) para os haitianos emigrarem para o Brasil, pois o país estaria de portas abertas para receber imigrantes haitianos, tais eventos corroboraram para o Brasil tornar-se um destino para muitos haitianos imigrarem e buscaram novas oportunidades. Ao mesmo tempo, houve pressão dos empresários para a contratação da mão-de-obra imigrante e o fluxo de entrada de haitianos ocasionou devido ao fato de que o Brasil ofereceu uma facilidade para a entrada dos haitianos através da concessão do visto humanitário¹⁹ para os haitianos, fato novo na história brasileira. Neste período o Brasil se tornou um dos favoritos locais de destino para os haitianos migrarem (ZENI; FILIPPIM, 2014, p.18). Entre os motivos na escolha do Brasil, pode-se destacar que

as principais razões apontadas pelos haitianos que motivaram sua vinda ao país são: trabalhar e estudar; buscar novas oportunidades; ajudar a família que ficou no Haiti; recomeçar uma vida após ter perdido tudo no terremoto; altos índices de violência; e por ouvir dizer que o “porto” do Brasil estava “aberto” (SANTOS; CECCHETTI, 2016, p.66).

Como as fronteiras dos países do Norte, aqueles que ocorrem a diáspora nos países considerados pelos haitianos como *blan*, ou seja, a imigração desejada (Estados Unidos, França e Canadá) estavam dificultando o acesso dos imigrantes haitianos, principalmente devido ao desemprego que os países passavam na época, o Brasil tornou-se um país de imigração “intermediário”, ou seja, os imigrantes haitianos permaneceriam no país até surgir a

¹⁹ Disponível em <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/08/concessao-de-visto-humanitario-para-haitianos-e-prorrogada>, acesso em 31/01/2017.

oportunidade de ir para um país *blan*. Como no relato, que se tornou um livro, de um haitiano, “fiquei sabendo que o Brasil estava recebendo estrangeiros, o pessoal estava vindo desde 2010” (MEJÍA, SIMON, 2015, p.29). Por outro lado, outros imigrantes almejavam desde o início imigrar para o Brasil e permanecer no país em seu período de diáspora, outros, por outro lado, ansiavam imigrar até a Guiana Francesa, mas os coiotes acabavam os enganando e os levando até o Brasil (HANDERSON, 2015, p.49), neste sentido, perante as dificuldades de migrar para os países *blan*, os haitianos procuraram o Brasil (MEJÍA, SIMON, 2015, p.14) e outros países, construindo assim uma nova rota migratória.

Junto a isso, existia toda uma propaganda – criada pelo próprio governo brasileiro – do Brasil ser um paraíso sem discriminações (HANDERSON, 2015, p.50), alguns desses haitianos que migraram para o Brasil já haviam conhecido pessoalmente as faces do racismo e estigmatização, pois haviam morado na República Dominicana um dos países em que os haitianos foram fortemente racializados. Ao chegarem no Brasil, passam a ser alvos de racismo pela população local, frente à massiva presença de estrangeiros que passaram a ser considerados indesejados pelos brasileiros.

O início do fluxo migratório ao Brasil ocorreu de forma tranquila, pois o mesmo aconteceu em um momento em que a sociedade brasileira carecia de mão-de-obra (ALMEIDA; BRANDÃO, 2015, p.69), quanto a isso, no começo da migração podia-se perceber

Um fluxo maciço de imigrantes haitianos atravessou pela fronteira norte brasileira. A cidade de Brasileia, no Acre, representa bem essa situação. É possível encontrar nas suas ruas, haitianos vagando, sem direção e sem emprego. Segundo dados da Polícia Federal, estima-se que até maio de 2013, aproximadamente 7 mil haitianos adentraram as fronteiras brasileiras, buscando melhores condições de vida no Brasil. Passaram por Manaus, também segundo a Polícia Federal, cerca de 4.500 haitianos (TAMER; POZZETTI, 2013, p. 56).

Todavia, quando este grupo de imigrantes começou a aumentar, a mídia não demorou a produzir matérias xenófobas com tons de que estaríamos sendo invadidos.

Frente a esse fluxo repentino de grupos de haitianos chegando massivamente para as cidades de entrada gerou-se um problema para os órgãos públicos, pois da mesma forma em que ocorriam as entradas registradas pela Polícia Federal, muitos haitianos estavam entrando ilegalmente no país, o que impossibilitou a Polícia Federal de reunir os dados concretos da quantidade de haitianos presentes no país, inclusive deve-se destacar que todos os dados

relativos à presença de imigrantes haitianos no país devem ser relativizados, pois não estão computados os que entraram de maneira clandestina no Brasil. Por ilegal ou entrada clandestina estamos nos referindo aos imigrantes não registrados pela Polícia Federal, conseqüentemente, não é possível encontrar dados estatísticos que expressem a presença dos migrantes (PEREIRA, 2006, p.213) plenamente. A entrada dos haitianos ocasionou em uma série de problemas para o governo brasileiro, neste sentido ainda há uma carência de estudos que tratem mais a fundo os haitianos no Brasil para compreendê-los melhor e quais são as suas demandas, assim como mapear os principais setores que acolheram eles. Sabe-se que muitos foram para a região sul e sudeste do país, para trabalhar principalmente na construção civil e em frigoríficos alimentícios nas regiões da Serra Gaúcha e Vale do Taquari no Rio Grande do Sul por exemplo.

A dificuldade da língua apresentou-se como um grande problema, tanto para os próprios haitianos como para os empregadores e funcionários de setores do governo ou ONGs nas quais se buscava intermediar e auxiliar o contato entre o governo, os empresários e os imigrantes. Também deve-se salientar a negligência do governo para com os imigrantes haitianos, sendo os mesmos “jogados aos cuidados” das ONGs, especialmente as ligadas às religiões cristãs, nas quais desempenharam o trabalho de acolhimento, auxílio e busca de emprego para tais imigrantes. Há uma carência de uma política pública adequada às demandas do acolhimento destes imigrantes, sem a presença destas ONGs, a situação dos imigrantes seria ainda pior. Tais políticas públicas poderiam amenizar as barreiras culturais, que garantiriam um bem-estar social para estes indivíduos que dependem necessariamente do acompanhamento há longo prazo para evitar situações de marginalização pela falta de trabalho e eventuais casos de xenofobia e estigmatização. A desconfiança da população das cidades em que os haitianos entraram ao Brasil somado ao discurso midiático do Brasil estar sendo invadido por haitianos decorreu pelo fato de que estes imigrantes não entraram no país de maneira lenta e gradual, mas que repentinamente, como que da noite para o dia, centenas de haitianos estavam surgindo nas cidades fronteiriças. Essa entrada repentina de um número expressivo de imigrantes – aos olhos dos brasileiros – causou aos moradores locais das cidades uma antipatia e desconforto com a presença destes imigrantes em suas cidades, este estranhamento foi um dos motivos que vieram posteriormente a desencadear o estereótipo do imigrante haitiano. O mesmo incomodo e aversão aos imigrantes ocorreu nas cidades em que eles migraram para trabalhar, como no caso de Lajeado, se em um primeiro surgiram 20

haitianos para trabalhar em uma cidade vizinha, na manhã seguinte haviam centenas circulando pela cidade, o que trouxe o desconforto para a população local. Tendo sido descrito esses apontamentos iniciais, abordaremos agora acerca da rota migratória que os haitianos utilizaram para chegar ao Brasil.

Rota migratória para o Brasil

O Brasil se tornou uma opção migratória para os haitianos após a destituição do presidente Aristide em 2004 (GRANGER, 2014, p.10), pois isso ocasionou na entrada das tropas brasileiras chefiando a MINUSTAH, nesta época, os haitianos imaginavam que o Brasil era um país rico e com muitas oportunidades. A informação sobre o Brasil era transmitida boca a boca entre as redes dos haitianos, incluindo nestas redes muitos missionário e voluntários que foram realizar trabalhos sociais no país. Os haitianos tinham uma imagem do Brasil como um país “*blan*”, isto é, um país do “Norte”, industrializado e com ótimas oportunidades (GRANGER, 2014, p.12) de emprego, e imaginavam o Brasil como um caso atípico de outros países do Sul, que exercia uma influência na região da América Latina. Em suas rotas para chegarem ao Brasil muitos dos haitianos,

seguem para a República Dominicana, onde embarcam em voo da Copa Airlines até o Equador e, de lá, seguem de ônibus, utilizando a Autopista Interoceânica, em viagens que chegam a durar uma semana, para o Peru e a fronteira do Acre ou Tabatinga, que são pontos mais vulneráveis, o que facilita o trabalho dos atravessadores. De acordo com uma pesquisa liderada pelos Professores Duval Fernandes e Maria da Consolação de Castro, cerca de 2/3 da imigração haitiana seria intermediada por coyotes [...]Ao adotarem a forma irregular como estratégia de ingresso mais rápido ao Brasil, essas pessoas se expõem a todo tipo de violações de direitos, como abusos sexuais, maus tratos por policiais, tortura, sequestros-relâmpago, roubos, furtos, sobretudo no Peru, que, segundo os migrantes, é o local em que a viagem é mais difícil e arriscada. Para alcançar o Brasil, muitos desses haitianos chegam a investir 5.000 dólares com transporte (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2015, p.142).

Entre os haitianos que saíram da República Dominicana, havia alguns que já estavam lá em diáspora, e ao chegarem ao Brasil, continuaram presenciando o racismo que sofriam na República Dominicana sendo estigmatizados pela população local de ambos os países. Em terras brasileiras por dois motivos, o primeiro, por serem haitianos, isto expressava uma medida de xenofobia, segundo, pela tonalidade preta da pele, isto conotando o racismo (HANDERSON, 2015, p.147) presente na sociedade brasileira.

Estes novos imigrantes não encontraram tanta receptividade, muitos estão empregados, mas não são bem vistos por parte da população local, havendo poucos espaços para sociabilidade com as pessoas que não sejam haitianas. Os imigrantes em seus

novos vínculos que os migrantes estabelecem no destino têm sido restritos às relações de trabalho, igreja e, eventualmente, ONGs de apoio. A inserção e a aculturação têm sido difíceis pelo fraco domínio do português e pelos fortes laços com outros imigrantes. Porém, os mesmos laços fortes, que encaminham os migrantes ao primeiro emprego no país, também dificultam a criação de novos vínculos e a acumulação de capital humano necessário à ascensão a patamares de renda mais adequados às suas necessidades (COSTA DE SÁ, 2015, p.100).

As principais cidades brasileiras de entrada para os imigrantes haitianos foram Tabatinga (VÉРАН, et al, 2014; MEJÍA, SIMON, 2015, p.29; DAMASCENO; SUCUPIRA, 2015, p.23) na Amazonia e Brasília (SILVA, 2006; DAMASCENO, SUCUPIRA, 2015, p.23) no Acre. Estima-se que por volta de 7 mil haitianos haviam passado pela Colômbia e Peru entre 2010 e 2013, e no ano de 2015 seriam entre 35 a 40 mil entrando no Brasil (HANDERSON, 2015, p.41). Todavia, conforme demonstrado anteriormente, os dados não são concretos, pois há também as entradas clandestinas, por isso, alguns registros muitas vezes divergem quanto a quantidade de imigrantes que entraram no país, ou até mesmo quantos imigrantes estão em cada cidade. Pode-se estimar que a média destes dados apontam para a entrada de 15.000 haitianos entre 2010 e 2014 (GRANGER, 2014, p.10) totalizando uma entrada de 40 mil haitianos a partir de 2010 (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2015, p.136).

Na cidade de Tabatinga, entre os anos de 2010 e 2012, a Polícia Federal brasileira contabilizou a entrada de 3.814 haitianos (456 em 2010; 1.898 em 2011 e 1.460 apenas no mês de janeiro de 2012), esses haitianos estavam explorando uma nova rota migratória (VÉРАН, et al, 2014, p.1011) para a formação de uma nova diáspora. Eles rapidamente se tornaram uma minoria visível na cidade, e a cor da sua pele tornou-se um fator que a população local se utilizou para caracterizar e identificar os imigrantes haitianos. Devemos compreender que na época em que migraram os primeiros haitianos para a cidade fronteira de Tabatinga, era pouco provável para a população local – como para o governo – que em pouco tempo a cidade se tornaria a porta de entrada e a futura instalação de uma grande comunidade haitiana no Brasil.

A chegada dos haitianos à cidade de Tabatinga constitui um evento crítico na história migratória brasileira: a entrada do Brasil nas rotas migratórias globalizadas. Tal evento confirma a atratividade do país no novo cenário geopolítico do século XXI. Revela também que, desde a implementação das cotas

migratórias na década de 1930, os tempos mudaram: a globalização dos fluxos de comunicação e o transporte tornam consideravelmente complexo o controle dos fluxos migratórios (VÉRAN, et al, Op. Cit., p.1034).

A entrada de haitianos em Tabatinga foi aumentando paulatinamente, em medida oposta, a Polícia Federal foi diminuindo a emissão de vistos, demorando mais para os efetuar. Tabatinga acordou para o ano 2012 com mais de mil e quinhentos haitianos (COSTA, 2012, p.91). Acerca da impressão dos haitianos da cidade de Tabatinga, pode-se ver que

muitos dos meus interlocutores pensavam ser Tabatinga uma cidade abandonada no meio do mato, não era ainda o Brasil por eles imaginado e visto na televisão, quando assistiam às novelas, aos carnavais cariocas ou às partidas de futebol com os grandes craques brasileiros (HANDERSON, 2015, p.138).

A partir de março de 2012 diminuiu o ritmo da chegada de haitianos em Tabatinga, porém, novos fluxos continuaram a entrar no país, particularmente no estado de Acre na cidade de Brasileia (HANDERSON, Op. Cit., p.49), provavelmente proveniente da formação e estabilização das redes migratórias dos haitianos, nas quais eles organizavam com os familiares, que já se encontravam no país, as melhores rotas e formas de se chegar ao Brasil. Deve compreender que entre os primeiros haitianos, aqueles chegados entre fevereiro de 2010 e 2011, havia pouca bagagem, na maioria das vezes apenas as roupas gastas da viagem. Mas conforme eles foram se estabelecendo e organizando as suas redes de contatos (HANDERSON, Op. Cit., p.97), os grupos posteriores de imigrantes já entravam mais informados acerca do percurso até o Brasil e os materiais necessários para a viagem.

Na cidade de Brasileia, surgiram representantes do governo local que negociavam com empresários o envio de haitianos para empresas no sul e sudeste do Brasil. Deve-se destacar frente a isso que muitos dos haitianos que estão em Lajeado ou em cidades da região do Vale do Taquari, especificamente os primeiros que chegaram, reportaram que não sabiam para onde estavam indo, esses acabaram chegando na cidade de Encantado. Posteriormente, em suas redes com familiares e amigos falaram sobre a cidade de Lajeado e suas oportunidades de emprego, surgindo assim um fluxo para a região, e muitos haitianos se organizaram para poderem ir até o município. Acerca das redes dos migrantes,

No território brasileiro recebem ajuda humanitária organizada pelo governo local com recursos federais, auxílio de igrejas, sociedade civil e voluntários doadores de alimentos e vestuário. Em Brasileia, por exemplo, o governo provê a documentação necessária para ingressar no mercado de trabalho. Isso motiva a que os haitianos que moram no Acre convidem seus conterrâneos, provocando o fluxo migratório constante (MEJÍA et al, 2014, p.2).

Em Manaus, os números dos primeiros migrantes também não são concretos, os cadastrados pela pastoral eram de 1.300 haitianos (COSTA, 2012, p.92). Muitos dos haitianos nessas regiões não encontravam emprego, mas isso foi sanado com a vinda de empresários procurando pela mão-de-obra haitiana, em 2012

Quanto ao destino, com base em nossos registros, até o momento destacam-se os estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Santa Catarina. Especificando: a) para o Paraná (376): Curitiba 6; Campo Largo 32; Londrina 54; Arapongas 16; Loanda 21, Paranavaí 20; Pato Branco 56; Palotina 32; Maringá 39. b) para o Rio Grande do Sul (112): Marau 11; Nova Roma 6; Bento Gonçalves 8; Caxias do Sul 35; Flores da Cunha 18; Porto Alegre 6; Carlos Barbosa 5; Antônio Prado 6; Rio Grande 17 (COSTA, 2012, p.95).

O discurso de estranhamento sobre os imigrantes em Manaus foi se tornando em comentários que estigmatizavam os haitianos a medida em que as pessoas começavam a questionar que a vinda dos imigrantes haitianos iria trazer um maior índice de violência para a cidade, todavia, foi mostrado que a vinda deles (TAMER; POZZETTI, 2013) não trouxe um aumento na violência, este foi apenas um discurso que a população temerária com o desconhecido espalhou.

Outra importante cidade de entrada para os haitianos foi Porto Velho. No período de março de 2011 até junho de 2012, estima-se que mais de cinco mil haitianos tenham migrado para lá, muitos fixaram residências, outros seguiram viagem para outras cidades do país, entre elas

“Cuiabá, Campo Grande, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Pato Branco, no Paraná, Goiânia, Criciúma e Navegantes, em Santa Catarina, Porto Alegre, Caxias do Sul, Encantado entre outras cidades. O motivo da entrada no Brasil pela região norte ocorreu devido a questões de cunho de praticidade é o ponto mais próximo do Brasil, de suas saídas do Caribe” (PIMENTEL; COTINGUIBA, 2013, p.5).

Por isso que estas cidades foram a porta de entrada dos haitianos no Brasil e tornaram-se centros de “negociações” de empresários de outras regiões do país e algum responsável local para intermediar a contratação de haitianos para empresas que precisavam de mão-de-obra. Na cidade de Brasileia,

Nossas conversas eram frequentemente interrompidas pelo toque do seu telefone celular, ora para atender jornalistas de diferentes partes do país, ora para dar explicações a empresários que buscavam informações sobre o perfil profissional dos haitianos, para envio de dinheiro para custeio do traslado para outros estados, para a seleção de outros para determinados ramos de trabalho, como construção civil, fazendas ou frigoríficos. Nesse contexto, vimos dois empresários de Porto Velho que estavam na cidade à procura de alguns profissionais para o ramo de climatização e também conhecemos uma empresária de Santa Catarina que lá

estava para contratação na área da construção civil (PIMENTEL; COTINGUIBA, 2013, p.13).

Houve muito despreparo da parte dos representantes do governo em como lidar e auxiliar os imigrantes haitianos, da mesma forma que houveram empresários que os trataram de forma semiescrava, através de muita exploração e sem direitos sociais e trabalhistas aos haitianos. O governo jogou todo o “fardo” às ONGs e instituições religiosas para cuidarem dos imigrantes haitianos.

Nestas cidades que serviram de entrada para os imigrantes, a grande presença de fluxos de haitianos ocasionou em uma mudança na rotina das pessoas de forma gradativa, ou seja, foram surgindo discursos xenofóbicos por parte da população local, discursos estes causados pelo estranhamento da presença deste grupo imigrante que cada dia aumentava sua população progressivamente.

Essa súbita “imigração em massa” teve um forte impacto nos residentes e nos imigrantes. Devido à entrada de um fluxo de imigrantes haitianos no Brasil, o país tentou estabelecer cotas de entradas anuais, que iam aumentando à medida que os fluxos se tornavam maiores, até chegar a um determinado ponto no ano de 2013 ser praticamente impossível tentar impor um limite no ingresso desses imigrantes (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2015, p.139), por isso no dia 29 de abril de 2013, o governo federal termina com o limite de vistos permanentes em caráter humanitário para os haitianos, decisão publicada no Diário Oficial da União (MEJÍA et al, 2014, p.3). A entrada de um grande fluxo de imigrantes haitianos no país foi um dos desencadeadores da estigmatização destes imigrantes, caso tivesse ocorrido de outra forma, em pequenas quantidades ou em diversas cidades, o discurso xenófobo e racista contra os imigrantes poderia não ter ocorrido, ou ter sido em menor escala.

Até 2014, centenas de haitianos continuavam entrando no país de forma clandestina pelas fronteiras, os imigrantes entraram como em forma de conta-gotas, ou seja, quase diária, e de maneira crescente (CAFFEU; CUTTI, 2012, p.112), vieram a tornar-se um problema para os governantes. Todavia, nesta situação, caso o Brasil os enviasse de volta ao seu país, passaria por um desgaste político internacional muito grande, para onde iria a imagem de um país acolhedor (COSTA, 2012, p.93) e amigo do Haiti?

Muitos dos haitianos dependiam dos empresários para custear sua viagem a outras regiões do Brasil, “apenas 40% deles têm condições de custear as viagens para os centros do

Brasil. A maioria fica ao aguardo de empresários para levá-los a trabalhar e essa procura está diminuindo” (MEJÍA et al, 2014, p.4). Estes imigrantes que ficavam nas regiões das cidades de entrada para o Brasil e que estavam à espera de trabalho começaram a causar um mal-estar na população local, ocasionando em desagrado da população com a presença dos imigrantes. À insensibilidade do governo em auxiliar os imigrantes haitianos deve ser somado também no fato de desaprovação da presença destes imigrantes nas suas cidades, pois ao contrário do imigrante branco, o imigrante haitiano não ter sido bem recebido foi devido ao fato de que o seu fenótipo de pele desagradou a população local, fazendo com que eles acabassem sendo estigmatizados. Neste sentido

eis que, entre final de 2010 e início de 2012, os moradores surpreendem-se com a vinda de um novo tipo social: sucessivos grupos de centenas de homens, mulheres e crianças negras falando uma língua estranha, o crioulo haitiano. [...] os haitianos foram desde logo identificados pelas autoridades na tríplice fronteira Brasil/Peru/Bolívia como um inconveniente problema social (ANDRADE DE PAULA et al, 2013, p.49).

O auxílio que o governo havia prometido para essas regiões nunca chegava, seja por motivos burocráticos ou outros, como desvio. Houve muito discurso, mas pouca ajuda concreta por parte dos governantes, da mesma forma, os empregos também não eram aquilo que os haitianos esperavam, seja pelo baixo salário ou pela exploração, somado ao preconceito da população local em relação a eles.

Foi a partir do ano de 2012 que uma parcela de população haitiana que se encontrava no Acre começa a ser recrutada por empresários do sul e sudeste do Brasil (MEJÍA et al, 2014, p.4), e enquanto a população haitiana aumentava no país, cada vez mais brasileiros ansiavam contra a presença dos haitianos, “vão *desastrar* noutro lugar!” (ANDRADE DE PAULA et al, 2013, p.67) muitos diziam. Isto significa que foi a entrada massiva de imigrantes que gerou o desconforto e desconfiança da população local frente a esses estrangeiros, somado a isso havia também o fato destes imigrantes serem negros. Descreveremos agora a migração destes imigrantes - que se encontravam nas cidades de entrada para o Brasil - para a região sul do país.

Rumo para a região sul

Conforme apresentado anteriormente, os empresários foram até as cidades de Brasileia e Tabatinga com o fim de contratar haitianos como mão-de-obra para suas empresas. Muitos

destes haitianos simplesmente não sabiam para aonde estavam indo, apenas embarcavam no ônibus fretado ou no avião e rumavam para um novo destino.

Deve-se salientar que o novo fluxo migratório possibilitou nas regiões do sul do país, um desafio ao registro histórico das migrações nos estados, pois rompeu com a tradição das narrativas épicas de valorização da saga dos imigrantes italianos e alemães, de um lado, e de outro o silêncio sobre a presença negra e indígena (MAGALHÃES, 2014, p.27) entre outras, com a presença destes novos imigrantes, houve a necessidade em reorganizar as narrativas identitárias de determinadas regiões destes estados.

No Rio Grande do Sul, as três cidades gaúchas de maior concentração imigratória haitiana foram: Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Lajeado (ALMEIDA; BRANDÃO, 2015, p.72), justamente cidades que se localizam na Serra Gaúcha e Vale do Taquari, que foram as regiões que mais importaram a mão-de-obra imigrante no período. É importante salientar que a população imigrante foi recrutada como alternativa para suprir oferta de trabalho já existente na região (MEJÍA; et al., 2014, p.5) do Vale do Taquari. Já Caxias do Sul e Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha, foram cidades que receberam um grande número de imigrantes haitianos e senegaleses. Em ambas as regiões os imigrantes vieram para exercerem funções nas indústrias – principalmente no ramo alimentício - e construção civil locais.

Com os empresários do sul viajando até Tabatinga e Brasiléia para contratar imigrantes, ocasionou-se na vinda progressiva de imigrantes para os três estados. Os haitianos em suas redes de contatos informavam outros imigrantes que na região sul e sudeste havia muitas oportunidades de emprego, o que direcionava estes imigrantes a irem até estas regiões. Os imigrantes estavam chegando nas cidades do interior dos estados da região sul, em menos de um ano, em 2013, cidades do Rio Grande do Sul como Encantado, Lajeado, Caxias do Sul receberam entre 200 a 500 haitianos, trabalhando em frigoríficos, no abate de aves e suínos, entre outras áreas (HANDERSON, 2015, p.165), principalmente na construção civil. O objetivo dos imigrantes era alcançar as regiões do país com maior oferta de trabalho (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2015, p.143) e conforme suas redes de contatos foram se estabelecendo e tecendo suas sociabilidades, houve um crescente aumento do movimento migratório haitiano para o sul do Brasil (SANTOS; CECCHETTI, 2016), justamente por ser uma região com uma grande oferta de emprego na época.

O segundo fluxo migratório dos haitianos posteriormente daquele primeiro grupo contratado por empresários decide partir para os estados do sul do país, onde havia empresas que estavam absorvendo a mão-de-obra haitiana devido ao seu baixo custo, portanto já havia expectativas do que encontrar nas cidades. Alguns empregadores se aproveitaram da situação e ofereceram vagas de emprego com salários extremamente baixos, muitas vezes descumprindo os direitos dos trabalhadores estabelecidos na lei brasileira, atrasando o pagamento dos haitianos, colocando-os em situações de semiescavidão. Neste período houve o surto do vírus do ebola no continente africano, evento este que aumentou a estigmatização dos haitianos pelos brasileiros, visto que a maioria da população local desconhecia a localização geográfica do Haiti.

O preconceito camuflado foi se manifestando conforme a população haitiana ia crescendo na região sul do país. Embora já presente no primeiro fluxo de imigrantes que chegavam nas cidades, muitas vezes o preconceito em um primeiro momento se limitava nos ambientes de trabalho, pois os colegas dos imigrantes faziam piadas e brincadeiras desses haitianos. Os demais grupos estabelecidos que em nada tinham contato com os haitianos, apenas circulavam suas ideias abstratas sobre esses imigrantes, muitas delas já germinando um preconceito. Já no segundo fluxo, que veio logo repentinamente, é que desencadeou uma maior estigmatização, pois um grupo étnico distinto da maioria dos moradores destas cidades começou a circular nos espaços públicos, o que causou desconforto para a população local. Portanto os haitianos chegaram para a região sul como mão-de-obra necessária nestas regiões, pois iriam preencher vagas ociosas na qual a maioria da população local não queria trabalhar. Na época circulava entre a população o ditado de que a pessoa que chegasse em Lajeado pela rodoviária e andasse a pé até o centro, encontraria vinte ou mais oportunidades de emprego, nesta rota migratória ao sul do país, os haitianos chegaram ao município de Lajeado, abordaremos agora a rota para Lajeado.

Rota para Lajeado

Conforme descrito anteriormente, em todos os estudos acerca dos imigrantes haitianos em qualquer região do país, faltam dados estatísticos sobre a quantidade exata da população haitiana que vive no Vale do Taquari, estima-se que eles representam em torno de 70% dos imigrantes contemporâneos (MEJÍA, SIMON, 2015, p.9) na região. O primeiro grupo de haitianos na região do Vale do Taquari não migrou para Lajeado, mas sim em uma cidade

vizinha, chamada de Encantado, sendo uma empresa que trouxe os primeiros vinte haitianos vindos de Manaus (MEJÍA, SIMON, Op. Cit., p.24). Neste primeiro momento pouco alvoroço foi feito, apenas comentários – alguns maldosos – sobre a vinda dos haitianos para a região, os funcionários da empresa eram os que mais faziam piadas acerca dos haitianos. Como estes primeiros imigrantes eram um número pouco expressivo, surgiram apenas comentários corriqueiros, em sua maioria acerca de rumores sobre quem seria esse novo grupo. Porém como as empresas da região estavam procurando por empregados, outros empresários começaram a viajar para contratar imigrantes, também estes próprios imigrantes informavam seus conterrâneos sobre as oportunidades que haviam na região. Então, repentinamente o pequeno número de imigrantes em uma cidade vizinha tornaram-se dezenas e logo em seguida centenas. Quando o número de imigrantes haitianos começou a aumentar a uma quantidade bastante expressivo em um curto espaço de tempo, informações sobre esses imigrantes começaram a circular de forma mais constante pela população local estabelecida. Os mesmos começaram a ver circulando pelos espaços centrais da cidade estrangeiros, o que gerou desconforto para a população, é neste contexto que a discriminação contra os imigrantes começou a se tornar mais aberta.

Um haitiano, que acabou se tornando uma figura importante em Lajeado, por começar a trabalhar na prefeitura junto à STHAS relata que constantemente era questionado pelos locais sobre quem teria pago a sua passagem para Lajeado (MEJÍA, SIMON, 2015, p.67). A população queria saber se era o governo quem tinha financiado a vinda dos haitianos para Lajeado, pois as conspirações sobre a invasão haitiana no Brasil já estavam circulando pela população, seja através da mídia nacional ou em suas redes de fofocas já operando para formatarem um perfil de quem eram esses imigrantes.

A vinda dos haitianos para o Brasil ocorreu no momento econômico em que a região do Vale do Taquari carecia de mão-de-obra, neste contexto a entrada dos imigrantes haitianos no Brasil possibilitou que esta carência fosse suprida. Os imigrantes que chegavam com formação técnica ou graduação, eram deslocados para os cargos da demanda de Lajeado, impossibilitando-os de exercerem funções nas quais haviam estudado. Isto significou que os imigrantes – na visão da população local – deveriam apenas exercer atividades consideradas árduas e mal remuneradas pela sociedade local devido às condições de trabalho em que se realizam (MEJÍA et al, 2014, p.6). Neste sentido, eles eram os estrangeiros dos quais Simmel

reportava, aqueles que exercem uma função na qual os demais moradores de uma região sabem que é importante, mas os mesmos não querem (ou não podem) desempenhá-la. Era esperado que o imigrante trabalhasse muito e não fosse visto circulando pela cidade, que resumisse sua vida em ir trabalhar e voltar para casa.

Deve-se compreender que Lajeado e o Vale do Taquari de uma forma geral foi uma região historicamente marcada pela imigração, tratando-se de um local em que existia uma população indígena até sua expulsão por grupos bandeirantes – na cidade de Colinas – deixando estas terras inocupadas e aptas à vinda dos imigrantes europeus. Considerando que essas terras eram pouco habitadas e muito cobiçadas pelas nações vizinhas, iniciou-se um projeto colonizador distinto da maior parte do Brasil. Na região o governo procurava modernizar o país através da criação de uma classe de pequenos proprietários agrícolas europeus, originando assim, o Vale do Taquari. Abordaremos agora acerca da cidade de Lajeado, faremos uma descrição dela e descreveremos sobre a chegada dos haitianos e o impacto para a população local.

Lajeado

Lajeado é localizado na região denominada como Vale do Taquari, no estado do Rio Grande do Sul, é considerado o município mais importante do Vale. O censo de 2010 do IBGE apresentava que Lajeado possuía 71.481 habitantes, já a estimativa de habitantes para o IBGE em 2016²⁰ é de que existem 79.172 habitantes. A região tem sua origem no ano de 1760 quando 14 casais açorianos fixam-se em Taquari, posteriormente os imigrantes alemães estabeleceram-se na região em 1854 e os italianos em 1882. Situado na região do rio Taquari, o município de Lajeado foi fundado oficialmente em 27 de janeiro de 1891, Lajeado é localizado a 110 km de Porto Alegre.

Quanto à questão econômica, o grande destaque é na industrial alimentícia, assim como o comércio também é importante para a cidade, principalmente devido ao fato de que os habitantes das demais cidades do Vale do Taquari costumam ir para Lajeado para utilizarem o comércio da cidade. Hoje o município possui uma área geográfica total de 90,419 km²

²⁰ Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=431140>, acesso em 01/12/2016.

conforme IBGE²¹, prioritariamente urbana²², já que apenas 12,53% desta área permanecem situadas na periferia rural, embora o passado colono (agricultor) ainda seja enaltecido por moradores mais antigos. É interessante salientar que foi devido à existência de uma grande oferta de empregos na região no período entre 2012 e 2014 que desencadeou a vinda da mão-de-obra de outras regiões do país, assim como também de imigrantes, principalmente provenientes das migrações haitiana, senegalesa e indiana para a cidade.

Em Lajeado o trabalho é muito enaltecido pela população local, assim como o passado histórico do colono imigrante que trouxe progresso para a região, para uma melhor compreensão disso, descreveremos um trecho do hino municipal de Lajeado e demonstraremos posteriormente uma imagem que simbolizam isso.

*“O colono agricultor,
Superando adversidade,
Conseguiu, com seu labor,
Cultivar esta verdade.*

*Se é pequena a propriedade.
Pela terra é grande o amor;
Menos guerra, mais suor,
Contra a fome, a amizade.*

*Refrão: Lajeado!
Neste vale abençoado,
Onde brota a ametista,
O alimento e a voz do artista*

*Alemães e italianos,
Portugueses e africanos,
Com engenho edificaram
A cidade que hoje cantam”*

Este trecho selecionado tenta demonstrar a tradição lajeadense de proclamar a história dos imigrantes colonos (agricultores), embora atualmente a cidade possua a área urbana maioritária restando pouco de áreas agrícolas, essa tradição de formação de Lajeado ainda é mantida, sendo a pequena propriedade e a agricultura familiar algo enaltecido pela população local. A parte que relata o “mais suor”, que precede o menos guerra, é uma maneira de

²¹Disponível em

<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/areaterritorial/area.php?nome=Lajeado&codigo=4311403&submit.x=42&submit.y=10>, acesso em 16/09/2015.

²²Disponível em http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_pu_hom_mul.php?codigo=431140, acesso em 16/09/2015.

demonstrar a glorificação épica do trabalho, muito presente na cultura de Lajeado, que é uma cidade que valoriza muito a ocupação formal que os indivíduos exercem na região, pois para grande parte da população existe essa valorização romântica do ofício laboral²³. Os dois questionamentos iniciais que um lajeadense pode vir a fazer para um desconhecido serão, “qual o seu sobrenome” e “você trabalha com o que”, buscando com isso saber a origem étnica (e familiar) do indivíduo, assim como a sua posição na sociedade lajeadense, o que lhe atribui valores diferenciados. Neste aspecto vale salientar que a população local enalteceu o trabalho dos imigrantes haitianos, os consideraram muito trabalhadores, diferente da associação que eles fazem dos brasileiros negros, este foi um dos motivos desencadeadores da diferenciação que a população branca fez para a construção do estereótipo do imigrante haitiano, tópico este que será melhor descrito posteriormente. O grande destaque do hino municipal se dá quando citam as etnias da cidade, inicialmente é claro, enfatizam os alemães e italianos, pois são os grupos étnicos de maior predominância na cidade, depois os portugueses, que foram os primeiros grupos a migrarem na região. Destacamos e consideramos importante a consideração que o hino municipal faz dos africanos, pois os mesmos não eram representados nas tradicionais feiras que enaltecem a imigração na cidade, mostrando costumes e a cultura dos imigrantes históricos. Sendo muitas vezes esses demais grupos étnicos marginalizados ou silenciados.

Foto 4: Monumento ao imigrante, em Lajeado

²³ Motivo de reprovarem os imigrantes que vendem informalmente produtos na rua, pois não consideram isso como sendo trabalho.



Fonte: Acervo fotográfico do próprio autor

A imagem é de um monumento presente em uma das entradas na cidade, na qual o mesmo homenageia os imigrantes, pode-se ver que junto com os imigrantes estão ferramentas agrícolas e de construção, assim como um moinho de engenho, enaltecendo o progresso que veio para a cidade. A parte de trás do monumento, que não pode ser visto na imagem mostra uma mulher grávida e uma criança de mãos dadas e ambas segurando materiais agrícolas de colheita, demonstrando a importância do trabalho para a população da cidade, inclusive que as crianças já trabalhavam desde cedo. O histórico de imigrantes europeus na cidade ainda é presente para parte da população.

Existe uma inverdade circulada por pessoas que não vivem na região, segundo a qual no Vale do Taquari não existiriam negros, na verdade existem, mas o percentual é baixo se comparado aos demais grupos étnicos, variando em determinadas cidades, que possuem um percentual maior ou menor. Em Lajeado os negros acabam muitas vezes morando em bairros afastados do centro, circulando poucas vezes na região central. Esta questão foi alterada, pois a partir da migração haitiana e senegalesa para a região a população negra se tornou mais visível nas regiões centrais da cidade, sendo esta a gênese do desconforto por parte da população estabelecida, pois a população não sabia como lidar com esses novos negros que “não sabiam o seu lugar”. Por outro lado, a crescente presença de distintos grupos étnicos

negros na cidade ocasionou que nas feiras da imigração da cidade os africanos voltassem a “fazer parte” delas, com seus espaços para demonstrar sua cultura.

Acerca da questão étnico-racial, Lajeado é composta prioritariamente por brancos, descendentes de alemães e italianos, muitos indivíduos ainda se apresentam como sendo alemães ou italianos na cidade, a etnicidade é bastante importante para a região do Vale do Taquari como um todo, neste sentido, outros grupos étnicos são minoritários na localidade. Deve-se também destacar que em 2010, o Censo Demográfico indicava que cerca de 8,6 mil pessoas (aproximadamente 2,5% da população total) do Vale do Taquari eram negras. No período considerado como o auge da imigração na região, que foi entre 2013 e 2014, somaram-se à população negra local o que dados da fotografia do momento estipulou haver por cerca de 4,4 mil imigrantes negros que, desde 2012, migraram para a região do Vale do Taquari em busca de oportunidades²⁴. Nesta quantidade de imigrantes negros não constam apenas os haitianos, pois também houveram outros grupos de imigrantes, como senegaleses e demais em menor escala como congolezes. Todavia, como todos os dados que trazem as novas imigrações são inconsistentes e não podem ser considerados como fatos, existe junto também os imigrantes que entraram de forma ilegal, assim como também o alto fluxo de imigrantes que chegavam na região e trocavam constantemente de emprego até migrarem para outra cidade ou outra região do estado. Especificamente em Lajeado, o censo de 2010 apresenta que moram 1825 negros no município, totalizando 2,4% da população lajeadense, já os haitianos, tem por estimativa uma média de 1000 morando na cidade, desconsiderando os demais que moravam nas cidades vizinhas e trabalhavam em Lajeado. Com a imigração houve um acréscimo de pessoas negras na cidade e toda região do Vale do Taquari.

Outra questão importante a ser destacada é que Lajeado foi considerada a cidade com maior desenvolvimento socioeconômico do estado do Rio Grande do Sul²⁵ em 2014, isso fez com que neste período a cidade tivesse uma alta taxa de empregabilidade, tornando-a uma das primeiras opções-destino dos imigrantes – também de brasileiros de outras regiões do país - não apenas haitianos, mas também senegaleses, indianos, bengaleses e outros, devido a este fato a cidade passou a fazer parte da rede dos imigrantes, pois as oportunidades de Lajeado

²⁴Disponível em <http://www.informativo.com.br/site/noticia/visualizar/id/61092/?Chegada-de-estrangeiros-aumenta-populacao-negra-do-Vale.html> , acesso em 09/11/2015.

²⁵ Disponível em <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/06/lajeado-tem-maior-desenvolvimento-socioeconomico-do-rs-diz-firjan.html>, acesso em 30/11/2016.

eram divulgadas pelos imigrantes que já se encontravam na região para seus amigos e familiares em outras localidades do país. Lajeado é considerado um polo da indústria alimentícia concentrando empresas renomadas e de grande porte neste ramo (ALMEIDA; BRANDÃO, 2015, p.72), outro fator que atraiu os imigrantes. Trataremos agora acerca dos imigrantes haitianos em Lajeado, descrevendo a sua chegada no município e as considerações que a população achou deste novo grupo estrangeiro em uma terra estranha.

Os imigrantes haitianos em Lajeado

Entre estes imigrantes haviam indivíduos de diversos grupos étnicos, como indianos, senegaleses, bengaleses e outros. Mas os que mais ganharam destaque na cidade foram os haitianos, primeiro por serem o grupo imigrante em maior número, segundo porque eles acabaram se tornando os “bodes expiatórios” da população da cidade, quando se tratava de falar de algo negativo frente as mudanças que estavam surgindo na cidade, muitas vezes a culpa viria a cair em tona dos “haitianos”. O principal aspecto quanto a isso é que foram os imigrantes haitianos que acabaram tornando-se a tipificação dos novos imigrantes em Lajeado, isto significa que quando a população estabelecida buscava falar algo sobre os imigrantes, costumeiramente chamavam os imigrantes como “os haitianos”, mesmo que os imigrantes no caso fossem de outro grupo.

O fluxo de haitianos na cidade foi contínuo entre os anos de 2013 e 2014, muitos chegavam na cidade e outros partiam, o que impossibilitava uma real leitura sobre a quantidade exata de haitianos que estavam – e ainda estão – morando na cidade. O haitiano que relatamos anteriormente que trabalha na prefeitura e que desempenha uma função intermediária entre os imigrantes, empresários e poder público estima que na época – idos de 2014 – haviam em torno de 600 haitianos. Os dados mais uma vez são nebulosos, pois na mesma época alguns apontam a presença de 1.000 haitianos na cidade, outros dados apresentam a quantidade de 1.000 imigrantes e destes 600 haitianos²⁶. Ou seja, como salientamos anteriormente, não se pode trabalhar com dados exatos sobre a quantidade de imigrantes em determinadas regiões do país, apenas especulações e fotografias do momento.

²⁶ Disponível em <http://informativo.com.br/site/noticia/visualizar/id/69707/?Haitianos-se-aprimoram-em-busca-de-igualdade-no-Vale.html#ixzz3mUfC2m87>, acesso em 22/09/2015.

Disponível em <http://www.independente.com.br/sthas-contrata-haitiano-para-auxiliar-estrangeiros.html>, acesso em 27/10/2014.

Disponível em <http://www.jornalahora.inf.br/?oxi=lerEditorias&jid=816&editorialId=48>, acesso em 10/12/2014.

A vinda de haitianos para a cidade não ocorria de forma lenta e gradual, surgindo um ou dois, mas pelo contrário, foi uma grande quantidade de imigrantes que chegaram “repentinamente” na cidade. As redes de contatos dos imigrantes funcionam muito bem, principalmente provenientes do advento das atuais tecnologias como os *smartphones* e as redes sociais na internet, que possibilitam uma comunicação instantânea.

Com o passar do tempo, principalmente em meados do ano de 2015, com o a recessão econômica brasileira se agravando, começou a aumentar o desemprego na região, com isso, as empresas de alimento e o ramo da construção civil que até então contratavam haitianos começaram a não querer mais contratá-los, eles também foram os primeiros a serem demitidos. Nesta época, alguns haitianos viram essa não contratação como forma de preconceito. Muitos empresários resolveram demitir os haitianos e quando abriam novas vaga de emprego posteriormente, preferiram contratar os brasileiros, deixando imigrantes desempregados. No ano de 2015 o desemprego começa a surgir para os haitianos, nesta época começou-se uma indagação pela população local, pois o desconforto com a presença dos haitianos intensificou-se e surgiram especulações de quantos imigrantes estariam desempregados, este dado também é nebuloso, pois os números vão desde 34 (MEJÍA, SIMON, 2015, p.41), 100 ou 15% do total de imigrantes. Neste contexto, o discurso de reprovação e desconfiança dos lajeadenses com os haitianos começa a aumentar e a população torna-se mais agressiva nas conversas sobre a permanência dos haitianos em Lajeado.

Um discurso recorrente que aparece na literatura das migrações e que é muito presente de forma empírica em estudos que buscam analisar os impactos da presença de imigrantes em um determinado espaço, ocasiona na constatação de que a comunidade receptora alega que os imigrantes estão “roubando o emprego” da população. Mesmo que muitas vezes esses imigrantes estejam em situações de exploração beirando à escravidão, a população receptora acredita que eles estão roubando os seus empregos, em consequência disso eles acabam sendo constantemente ofendidos pelos colegas de trabalho. No caso dos imigrantes haitianos em Lajeado não é diferente, o discurso de que os imigrantes haitianos estariam roubando os empregos da população surgiu desde os primeiros fluxos haitianos na região, mesmo que tal informação fosse inverossímil visto que eles estavam justamente ocupando as vagas de emprego que a população local não estava preenchendo, mas o discurso de roubar o emprego foi se intensificando e inclusive tornando-se mais agressivo a partir da crise financeira em

meados de 2015, desta vez aumentando a conotação xenófoba nos discursos da população local estabelecida. Os imigrantes não são considerados como indivíduos dotados de desejos e aspirações para melhorar de vida, eles são apenas peças para manter a organização funcionando, e muitas vezes, humilhados por estarem roubando algo que a população local não quer.

No caso de Lajeado, acerca do discurso dos imigrantes estarem roubando os empregos da população local, alguns estabelecidos consideram, como João, *“somos todos iguais. Mas não gosto, porque lá na Comidas Zequinha (nome fictício) eles tiram os empregos dos nossos, aí não é legal. Não podem tirar os empregos dos nossos. Mas os racistas estão aí”* (João), entre as entrevistas e conversas informais com a população foi recorrente o discurso de estarem roubando os empregos da população local. Pode-se compreender também que o discurso xenófobo fosse corriqueiro em determinados círculos sociais da cidade, e este discurso torna-se também racista, ele se intensifica a partir de 2015. O discurso racista se intensifica a partir do momento em que a recessão econômica chega até Lajeado. Corriqueiramente era apresentado o desconforto dos moradores estabelecidos frente a estes “ladrões de emprego” não serem conforme a população local esperava que fossem os migrantes, pois *“eles roubam os empregos das pessoas daqui, até o pessoal do Paraná tá (sic.) vindo pra cá e não conseguem os empregos porque os haitianos estão aqui”* (Gilberto), neste sentido, mostra-se que se esta população que rouba emprego não fossem os haitianos – negros – mas sim, algum grupo branco, o “roubo” dos empregos não seria tão ruim. O problema apresentava-se pelo fato destes novos moradores serem negros.

Este é o lado dos moradores estabelecidos, já os haitianos consideram o ambiente de trabalho como, *“eu acho que no ambiente do trabalho é pior, porque a gente sofre, as pessoas chamando chamando (sic.) a gente de negros, veio pra roubar empregos, ahhh volta pro Haiti, a gente ouve muito isso”* (Thiago). É no espaço do trabalho que Sayad apresenta como a função e essência do imigrante, é também onde os haitianos sofreram mais preconceitos visíveis, o aspecto racista torna-se mais presente, principalmente nas agressões e palavras ofensivas, justamente devido ao fato de que é no local de trabalho em que os haitianos mais interagem com os moradores locais estabelecidos, os demais moradores não possuem contato com os imigrantes, ou quando tem, são muito superficiais, suas ideias e percepções sobre os imigrantes são mais um produto das informações transmitidas em suas

redes de fofocas. Há também outro grupo de pessoas, aqueles que veem a vinda dos imigrantes como uma estratégia dos empresários

“eu não entendo, não são da minha área, mas eu tenho noção de que se tu deixa a fronteira aberta, pra qualquer um, daqui a pouco, eles vão tá, por exemplo, mantendo um nível de salário de empresa de produção baixo, de forma que não vai ser bom pros imigrantes trabalhar aqui, eles vão ser explorados e os caras que trabalhavam antes não vai mais querer trabalhar por aqui... não sei se tu entende esse impacto, é a visão que eu tenho” (Felipe).

Esta vinda de uma mão-de-obra mais barata para a região seria uma estratégia para jogar com os salários dos trabalhadores, podendo com isso fazer com que o salário de todos os trabalhadores diminuísse, mantendo a produção e aumentando o lucro. O que, porém, apresenta-se é que

“Acredito que sim, principalmente na questão trabalhista. É sabido que o povo haitiano é composto de pessoas muito trabalhadoras, e estão necessitadas, de modo que trabalham muito, e não reclamam nada. Por isso, tem havido inveja por parte de algumas pessoas, que não aceitam o fato de que os haitianos têm ocupado vagas de emprego que não são tão atrativas, o que faz com que as pessoas pensem que eles estão ocupando um espaço que poderia ser delas, quando na verdade não desejavam. Cita-se como exemplo vagas nas áreas da construção civil, trabalho braçal em granjas e culturas agroindustrial” (Ismael).

Portanto, o discurso de roubar empregos é uma estratégia do grupo dominante, pois tais vagas não eram de interesse da população devido ao trabalho desgastante. Por isso, a população local estava justamente não querendo trabalhar nestes setores e procurando outros empregos, essas vagas ociosas foram as que os imigrantes vieram preencher. Como os empresários presenciaram que estavam com uma menor oferta de empregados, buscaram pressionar o governo para que o visto humanitário facilitasse a entrada dos haitianos como mão-de-obra para suas necessidades. O discurso de roubo de empregos, embora não fosse real neste contexto, já era expressado por habitantes de Lajeado mesmo que tais empregos fossem rejeitados pelos mesmos.

Em um momento posterior quando foi realizado uma segunda entrevista com João, bastante emocionado em seu discurso, ele relata *“não gosto que eles roubam o emprego das pessoas locais e as famílias ficam sem dinheiro, enquanto os haitianos vêm roubando tudo... é tudo culpa do PT”* (João), o discurso havia se radicalizado, embora já houvesse a afirmativa de que eles estavam roubando os empregos, somado a isso surgiu a ideia de uma estratégia de um partido político que estava por trás de tudo. Este discurso foi se tornando corriqueiro para determinadas pessoas da cidade, conforme conversas informais eram feitas com moradores de

Lajeado, haviam pessoas inconformadas com a situação política de até então, ansiando o retorno de um partido que estava há vinte anos no governo da cidade e constatavam que a vinda dos haitianos era um plano para o atual partido (oposto do que governou a cidade anteriormente) permanecer no poder, apenas não sabiam explicar como seria feito esse plano, visto que os imigrantes não podem votar, João e outros conspiracionistas pouco sabiam acerca dos direitos (e falta de) dos imigrantes. O discurso de uma suposta estratégia política foi comentado também por alguns lajeadenses com mentes mais férteis, segundo eles a entrada dos haitianos no país era algo extremamente planejado e muito bem organizado, como a alegação de que *“isso tudo (a vinda dos haitianos) é bem programado, não é algo humanitário, mas uma estratégia política”* (Paulo), para além da estratégia de um partido para se manter no poder, havia também projetos revolucionários por trás.

Houve um aspecto bastante incisivo nas falas de alguns dos moradores lajeadenses estabelecidos, discursos semelhantes a esse foram também proferidos em outras cidades e regiões na qual tiveram um fluxo de imigrantes haitianos, também surgiu a constatação de que *“já temos problemas demais para trazer gente e problemas de fora”* (Paulo), os problemas demais que temos, segundo os moradores estabelecidos é a inexistência de condições para poder auxiliar os brasileiros primeiramente, e depois os imigrantes,

“acho que o Brasil não tem estrutura para receber imigrantes de qualquer país, pois há uma carência de infraestrutura em todas as áreas, mas principalmente nas área da saúde, segurança pública, educação, em razão da corrupção que desvia os recursos destinados a estas áreas. O problema não são os imigrantes, mas sim o país, no qual muitas coisas não dão certo e não são como deveriam ser, porém, é sabido que as condições do povo haitiano é extremamente precária, de modo que as piores condições daqui, em nada se equiparam com o que eles vivem no Haiti. Assim, acho salutar que o povo Haitiano venha para nosso país, pois se trata de uma questão de humanidade, de sobrevivência” (Ismael).

Ao mesmo tempo em que o discurso do Brasil não ter infraestrutura para receber os imigrantes, os moradores estabelecidos olhavam com desdém para os imigrantes que ousavam vir a utilizar algum serviço público, como quando Samuel relata que um morador gritou com ele, alegando ter os seus direitos, *“porque eu sou brasileiro, eu mereço, e vocês ficam oferecendo coisas da saúde para essa negrada do Haiti, para esses de Cuba... isso é injusto, eu pago imposto”* (Samuel). Neste sentido, para alguns moradores de Lajeado, o Brasil não tem infraestrutura e a que tem, não pode ser utilizada pelos haitianos ou outros imigrantes, pois supostamente eles não pagam impostos, mesmo trabalhando em empresas locais, pagando aluguel e consumindo em mercados e lojas da região, eles não teriam direito a

usarem o sistema público. Não se pode desconsiderar que existe um anseio por parte dos estabelecidos em saber o motivo dos haitianos em Lajeado,

“acho que a maioria, vem pra cá com a intensão, que os nossos imigrantes vieram. Bah, vou ter uma perspectiva de vida, e eu quero melhorar, eu quero sei lá, ganhar mais dinheiro, pra poder cuidar melhor do meu filho e aí eles vem pra condições melhores, eu duvido que alguém venha pra cá, pra (ter) condições piores. Né? Ou tipo, eu acho que, eles não conseguem por exemplo pegar um bolsa família, por exemplo, eu acho, ainda, eu não sei, não teria porque vim prá cá para ser sanguessuga. Eu acho que eles vêm pra cá pelo mesmo motivo que a gente veio, então eu acho que vai ter diferença sim, eles são negros a gente, a grande maioria era branco” (Felipe).

Estes imigrantes para a população estabelecida vieram exclusivamente para exercer uma determinada função já determinada na sociedade, a de suprir uma demanda, e eles não podem ser “sanguessugas”, isso é, não podem exigir os seus direitos garantidos pelo Estado ou políticas públicas, devem ser apenas a mão-de-obra que exerce algo e desaparecer no tempo em que estão fora do expediente, devem trabalhar muito e de preferência permanecerem em suas casas no tempo livre.

A população considera que a recente onda imigratória no país era algo que deveria ter sido mais cuidadosa, em termos, isso significa que o governo deveria ter analisado “melhor” quem entraria no país, há moradores que expressam de maneira clara que o problema foi a entrada de imigrantes negros, outros utilizam diferentes termos para descrever o mesmo. Muitos moradores consideram que *“se falta mão-de-obra eles são necessários. O que deveria melhorar é o controle que o Governo tem sobre eles... Higiene etc, exames, moradia”* (Douglas). A suposta falta de higiene é um dos elementos de estigmatização dos haitianos, isto será melhor descrito no capítulo 4. Essa suposta falta de higiene é assunto recorrente, muitos estabelecidos consideram os haitianos como sujos, portadores de doenças como AIDS. Há moradores que consideram que o governo deveria encontrar uma forma de controlar a entrada dos haitianos, devemos ressaltar o caráter de racialização dos haitianos (que será descrito no próximo capítulo), pois por “haitianos” na verdade a população local se referia aos imigrantes recentes, não apenas haitianos, mas também senegaleses entre outros. Todavia, a população compreende que como a imigração ocorreu e é algo que não pode ser alterado, é preciso se adaptar a isso,

“no geral, eu acho que é uma tendência que não dá para lutar contra, se a maré tá pra esse lado, tu não vai poder conseguir ir contra a maré. Ahh mas o certo é que eles não deveriam vir e tal. É verdade, é verdade, mas também o certo é não ter violência no Brasil e nem gente presa, o certo é lá no início na criança ter uma

melhor infraestrutura. Se o país deles não tem infraestrutura... o Haiti é um desses países que não tem estrutura, o problema deles é tão maior que é natural eles emigrarem pra outras nações, e nada mais natural ainda do Brasil receber esse pessoal, olhando friamente, de longe. Detalhe, é uma tendência que não vai mudar e cada vez mais que o Brasil aparecer no mundo, cada vez mais gente vai migrar pra cá” (Guilherme).

Outros veem o “descontrole” migratório como algo ruim, mas que ao mesmo tempo a imigração pode trazer algo bom para a comunidade,

“de fato o descontrole dessa imigração poderia nos trazer problemas, como por exemplo, econômicos, sociais e até políticos. Porém controlando a vinda destes imigrantes, da mesma maneira como eu acredito que o Brasil está fazendo, se traz o bom e o melhor do povo, da cultura, e inclusive do trabalho haitiano e se coloca no Brasil a fim de aproveitar o melhor de tudo. E para completar ainda mais essa atitude, ao fazermos isso, ajudamos um povo que precisa muito de ajuda” (Alexandre).

Da mesma forma, existem aqueles moradores que aprovam e acham positivo que os haitianos estão no Brasil para trabalhar – algo louvável pela população local – mas caso eles venham a “mendigar” isso vai ser algo muito ruim,

“então, eu tenho uma visão assim de que são diferentes, mas que eles não estão aqui pra vira (sic.) mendigo ou pra viver às custas de alguém, tão aqui pra realmente melhorar de vida, para trabalhar, sabe? Não se tu (sic.)... Pode ver, eu pelo menos nunca fui abordado por nenhum vendedor de rua por exemplo. Por que, se tu vai, vê esse pessoal que vende óculos, cinto... ou coisa que não são os imigrantes eles vem, na minha opinião, te incomodar, sabe? Então, a minha opinião é positiva, eu acho que aí já é um âmbito muito maior que a imigração tem que ser controlada, porque aí entra questões que eu não entendo” (Felipe).

Muitos acham que deve ser controlada pelo simples fato de se controlar, o medo é de que se a imigração não for controlada e o Estado não se utilizar de políticas públicas, os imigrantes podem torna-se um problema,

“tem um potencial grande de ser ruim, se eles ficarem marginalizados, entendeu? Um potencial muito grande de ser ruim, agora tem potencial de ser muito bom, tanto pela mão de obra, como a questão deles trazerem a cultura deles, enriquece... como não teve nenhum impacto no meu dia a dia, eu não posso dizer se é bom ou ruim... Se o Brasil souber levar com atenção essa questão vai ser muito bom, agora se não vai ser tão ruim quanto o Brasil fechar as portas, como o pessoal que vive na periferia que não tem escola e educação, só vê o herói mais velho aquele que tem arma. É tão ruim eles estarem aqui quanto o Brasil ter seus problemas de desigualdade e violência. Se o Brasil souber aproveitar vai ser bom” (Guilherme).

A presença de um novo estrangeiro no local pode vir a gerar uma desconfiança da população, principalmente em cidades de pequeno e médio porte, essa desconfiança é proveniente de não saber como esses imigrantes podem vir a se portar em eventuais questões como, “a gente não conhece eles assim como a gente não conhece as outras pessoas, a gente

não sabe qual é o potencial de fazer o bem ou de fazer o mal” (Paulo). Justamente pelo fato dos imigrantes haitianos serem um grupo diferente, que rompe com o “roteiro” que já era estabelecido entre os moradores locais, este medo do diferente pode ser justificado pela população estabelecida pelo motivo deles serem possíveis portadores de ameaças externas que estão trazendo, “eu só me preocupo em saber quem é que está entrando, pode vir gente ruim, terrorista do Senegal, Serra Leoa, Afeganistão... (quero) saber como estão controlando pra gente assim não entrar aqui. Também o controle da AIDS e doenças, como é a saúde nestes locais?” (Álvaro).

Por outro lado, não podemos negligenciar que também existem os estabelecidos que veem com bons olhos a presença dos imigrantes, que embora não seja o foco desta dissertação, não se pode pensar que toda a população estigmatiza ou é plenamente contra a entrada dos imigrantes haitianos na cidade, *“Lajeado está muito legal nas mudanças populacionais, eu saí do banco e vi haitianos de um lado, indígenas na esquina e indianos do outro lado” (Mathias). Estes moradores consideram que novos grupos étnicos trazem consigo novas culturas e diversifica a cidade. Assim como também existem aqueles moradores que não veem tão negativamente assim os fluxos migratórios na região, embora sejam um pouco receosos com os mesmos, “como ajuda humanitária acho uma boa a vinda. Mas, na prática acho bem tenso para os dois lados” (Márcio) e também “só entendo que os governos federal, estaduais e municipais deveriam ter se preparado, ou agora, passados tantos anos, se adaptado à migração” (Frederico).*

Embora existam lajeadenses estabelecidos que sejam contra a presença dos haitianos, o governo municipal empenhou-se em tentar auxiliar os haitianos e demais imigrantes na cidade através da contratação de um imigrante para servir como intermediário para comunicar as demandas dos imigrantes na cidade – e região – para com o poder público e também empresários. Outro fator a ser destacado é a tentativa de organizar uma associação de imigrantes haitianos em Lajeado, embora existindo a descrença da parte de alguns, alegando que *“aqui na região tem bastante racista. Essa associação não vai prevalecer, não vai dar fruto” (MEJÍA, SIMON, 2015, p.53).*

Há uma função determinada para os imigrantes, a população estabelecida reconhece isso mas não quer entrar em contato com eles, neste sentido, surgiu uma falta de interação entre os lajeadenses e os imigrantes haitianos, *“eu não tenho ouvido falar nada de substancial*

negativo deles. Alguns falam de preguiça e tal, mas a gente sabe que não é bem assim. Eu, sinceramente, acho legal o Brasil abrir as portas para estes povos. Bola dentro demais” (Márcio). Esta falta de interação ocasionou na propagação de notícias falsas a partir das fofocas da população estabelecida, estas falsas informações como no trecho “alguns falam de preguiça” é um produto da fofoca e da falta de interação dos haitianos, pois o fator de serem muito trabalhadores foi algo enaltecido e levantado pela maioria da população, inclusive, isto sendo um fator que os diferenciava dos brasileiros negros, conforme o relato,

“Nunca ouvi falarem mal, ou bem de haitianos. Mas eu posso afirmar, que ao ajudar um haitiano uma única vez, percebi que eu era bloqueado para ajudar as pessoas e que se não fosse pelo fato de que vou contar agora, talvez eu algum dia falaria mal de algum deles, eu tinha vontade de ajudar mas alguma coisa me bloqueava, e eu o desfiz no momento em que ajudei um haitiano o qual estava às 19:30 da noite procurando um penico para sua esposa que chegaria no dia posterior, e ele precisava desse penico porque na casa em que ele estava morando não havia banheiro, e apenas sim um banheiro comunitário perto, portanto ele queria o penico para que a mulher tivesse o mínimo de condição de higiene para urinar. Dei algumas dicas para ele, como frequentar o mercado, porém na hora me lembrei que ele não iria encontrar nada aberto naquela hora, portanto fui atrás dele de carro, e disse para que ele era para passar no mesmo local em que ele havia me encontrado, no outro dia, que eu o esperaria com um penico para ele. No outro dia dei o penico para ele sem cobrar nada, e disse que aquilo era um presente meu de boas-vindas para ele e para a família. O sorriso de Shilo foi de orelha a orelha” (Alexandre).

Não podemos desconsiderar que existe um sentimento de insegurança em interagir com um desconhecido, assim que ele “quebra o gelo” da desconfiança, ele compreende que o outro é um indivíduo, não um sujeito abstrato. Por isso, a falta de contato e interação é o que possibilita muitas vezes à disseminação de falsas informações. Justamente por serem grupos étnicos diferentes da maioria da população local, os imigrantes haitianos tornaram-se indivíduos que se destacavam nas regiões centrais da cidade,

“Eu, infelizmente acabei não, interagindo assim. Mas ahh (sic) eu não não não me importo na verdade, eu não vejo problema nenhum. O que eu mais vejo é assim visual, aparente, são os haitianos, tá? Que que eles são como por exemplo, a gente tem índios, brancos, ahh negros aqui, só que os haitianos eles se destacam porque são mais negros tanto que normalmente tu reconhece, ainda mais pelo dialeto deles né. Mas eu não conheço ninguém que teve problema com algum imigrante, ou eu vejo eles trabalhando da forma que conseguem, alguns estão trabalhando na rua... ah eu nunca andei mas eu tenho a impressão que tem alguns que alugam umas bicicletas aqui, não sei se são imigrantes, mas quero um dia alugar com a minha namorada, aqui no parque dos Dick...” (Felipe).

Neste trecho da entrevista não havia sido comentado sobre os haitianos, mas o entrevistado logo os representa como uma figura de “destaque” na cidade pelo seu visual, e são estes aspectos visuais que se apresentam em um primeiro contato que constroem os

símbolos que elas representam as pessoas e suas identidades. A população estabelecida construiu uma identidade tipificada do haitiano a partir de alguns traços. Deve-se salientar que, conforme descrito anteriormente grande parte da população local não cria vínculos com os haitianos e não interagem com eles,

“Eu particularmente, não mudou nada pra mim. Porque não tenho nenhum vínculo com haitianos ou imigrantes. E as pessoas com quem convivo, os haitianos ainda não participam desse meio social, então, a mim pouco ou nada influenciou, o máximo que fiquei sabendo foi lendo alguma coisa no jornal, alguma notícia na tv e vendo os haitianos nas empresas e muitos nas calçadas vendendo as suas coisas, no trabalho também notei bastante” (Guilherme).

Esta falta de interação que possibilitou a construção do estereótipo dos haitianos conforme a população estabelecida formulou acerca dos haitianos em suas redes de contatos e fofocas. Os imigrantes como não interagem com os lajeadenses acabam se fechados em seus grupos, *“em relação à cultura e à integração. São mais fechados em seu grupo étnico e não buscam, ostensivamente, ingressar na sociedade já constituída”* (Frederico). Permanecer com seus conterrâneos é uma estratégia utilizada pelo imigrante, não apenas como resistência, mas também como forma de manter vínculos e relações sociais, pois muitas vezes fora do ambiente de trabalho é difícil o imigrante constituir uma rede de amizades ainda mais com os estabelecidos. Já segundo os haitianos, eles apresentam que

“Porque na época não tinham muitos haitianos, na época o número não era muito grande como é hoje. Então, a minha impressão é que o que aprendi na fronteira não era verdade do Rio Grande do Sul, só que as pessoas não falam com ninguém. Depois com a entrada dos imigrantes as coisas foram mudando, mas num primeiro momento quando cheguei o que faltava é uma assistência, não tinha assistência, a gente não tinha onde procurar apoio, tinha essa pauta” (Thiago).

Os imigrantes reconhecem que a população de Lajeado é bastante fechada, eles buscam não interagir com os imigrantes. As relações entre imigrantes e estabelecidos, quando existem, acabam se tornando meramente formais, no ambiente de trabalho, *“já, (conversei) no trabalho, várias vezes... Em via de regras são muito educados, cuidadosos e submissos, não são arrogantes. Acho que é isso”* (Guilherme). Para os haitianos a falta de interação fora do trabalho é um problema,

“De lazer... a população é muito fechada, até porque agora não tenho mais tempo para ir nos Dick, mas na época, quando a gente vai no domingo lá no parque dos Dick, ah sentando do lado de um brasileiro, o brasileiro vai levantar, deixa a gente sozinho. A gente queixava disso, que as pessoas faziam isso. Então não sei se o problema era preconceito que eles não querem ficar junto, com as pessoas negras, ou se não querem falar com a gente” (Thiago).

Assim como,

“Vou na escola e é igual, os haitianos ficam estranhos vendo os brasileiros beijando na rua... tem outras coisas na comida... a gente tem a cultura de saudar as pessoas, aqui não tem. Mesmo um colega do trabalho passando não vai saudar, no trabalho dá oi mas na rua não dá oi. A gente entende que se não saudar a pessoa tem um problema...” (Thiago).

A falta de interação é um dos principais instrumentos que possibilita os estabelecidos espalharem notícias falsas sobre os imigrantes haitianos. Como a população local se fecha para não interagir com os haitianos, os mesmos costumam sair juntos em seu tempo livre em grupos consideráveis, o que aumenta o sentimento de “invasão” haitiana para os moradores locais, visto que, de forma diferente, os brasileiros negros costumam andar individualmente ou em pequenos grupos, os imigrantes haitianos por outro lado sempre saem em grupos expressivos, e muitos começam a conversar ao mesmo tempo, o que prolifera o estigma de que eles são barulhentos demais. A sensação de presenciar no centro ou em parques um número expressivo de haitianos aumenta o sentimento da população de que a cidade está sendo “tomada” pelos imigrantes.

Os empresários, diferentemente de boa parte da população estabelecida, veem de forma positiva a vinda dos imigrantes haitianos como mão-de-obra, *“os empregados haitianos são muito bons, trabalham de serventes (cargo mais básico da construção civil) e estão sempre cantando felizes, adoram o emprego. Nunca reclamam, os brasileiros estão sempre reclamando”* (Frodo). Os empresários se importam com os imigrantes enquanto mão-de-obra, mas muitas vezes não como indivíduos que aspiram melhorar de vida, pois eles os consideram bons como funcionários, todavia, já os aspectos subjetivos de sua cultura, identidade e desejos, são algumas vezes negligenciados, alguns empresários consideram que *“os únicos problemas que sei são as doenças, sei que são bons trabalhadores para o ramo de construção e chão de fábrica”* (Douglas).

Com a recente migração para a região alguns moradores notam que houveram mudanças decorrentes com a vinda dos imigrantes haitianos para a cidade,

“Acho que alguma coisa tá começando a acontecer agora... tu percebe que algumas áreas de Lajeado tá sendo habitada pelos haitianos, eles estão se agrupando em algumas áreas, por exemplo aí mais perto do Cantão do Sapo, que é uma área certamente mais barata... Eu vejo mudança mais em sentido de habitação, estarem se agrupando e estarem começando a usar o espaço público, mas assim eu não presenciei nenhuma violência ou ninguém falando negativamente deles” (Evandro).

Os haitianos e demais imigrantes em sua maioria vão morar em bairros mais afastados da cidade, alguns deles que já possuíam um estigma pela população que não mora nesses bairros, como o *morro 25* ou a região popularmente conhecida como *cantão do sapo* e o *praia, santo Antônio* entre outros. Os imigrantes alugam moradias nestes lugares justamente pelos valores mais baixos, mesmo que muitos estejam morando em pensões precárias, “tem uma pensão aqui que sempre tomo como exemplo, tem cerca de 40 haitiano que moram lá e só um banheiro” (MEJÍA, SIMON, 2015, p.49). Outro fato a considerar sobre isso é que os haitianos pagam o aluguel mais caro que os moradores locais, então, mesmo em uma pensão precária o valor é mais elevado que para um brasileiro. A desconfiança e estigmatização dos imigrantes também apresenta-se na locação dos imóveis, surgindo a dúvida se eles são confiáveis, como um proprietário de imóvel relata, “*alugo a casa para nove haitianos, no começo a gente fica meio assim, não querendo alugar, mas são os melhores inquilinos, pagam sempre antes do dia*” (Matheus), a desconfiança aumenta quando está negociando com um estrangeiro, mas ao conhecê-los melhor, o proprietário relata que se arrependeu de não ter alugado antes para os haitianos.

Os haitianos esperavam poder interagir mais nos parques e espaços de lazer, ou então, não serem reprimidos com olhares e falas pejorativas quando eles estão por lá, pois para alguns moradores, o imigrante deve trabalhar e muito, mas não esperam que os imigrantes anseiem ter tempo livre fora do horário de trabalho, para poderem frequentar locais de sociabilidade, “*eu sou plenamente favorável, tanto é que eu já vi eles várias vezes jogando futebol. Às vezes eu vejo eles jogando, a maioria dos jogadores são haitianos, já vi uma vez um ou outro do local, que tu repara pela fisionomia jogando junto*” (Evandro). A segregação ocorre nos espaços de sociabilidade e muitas vezes são nesses espaços assim como nas ruas centrais que a população vislumbra os grupos imigrantes circulando pela cidade, após a observação inicial, o segundo passo da população é espalhar os rumores que sabem sobre os imigrantes.

Porém, esses anseios de espaços para sociabilidade também encontram desafios, pois muitos moradores estabelecidos que vivem nas proximidades das praças se sentem incomodados com a presença dos haitianos e outros imigrantes nestes ambientes, demonstrando assim, a dificuldade em lidar com a chegada do estrangeiro. Pois muitas vezes para a população que mora nestes locais os imigrantes eram acusados de trazerem desordem e

serem muito barulhentos. Ocasionalmente os haitianos ficando restritos a interagirem em seus grupos, em espaços isolados do parque dos Dick (um dos principais da cidade) ou então utilizando praças que até então a população havia deixado de usar, como na região da beira do rio Taquari, que estava sendo utilizada por usuários de crack, o que afastou a população, mesmo que com a recente reforma muitos ainda não frequentam este espaço. São nestes locais mais afastados que pequenos grupos de haitianos se encontram em um espaço para conversarem tranquilamente.

Além da falta de interação, outro aspecto apresentado por alguns lajeadenses foi que eles mostraram-se bastante indiferentes frente à presença dos haitianos, na verdade, este foi o maior contingente entre os entrevistados e nas conversas informais, o que pode se tornar um grande problema, pois como é recorrente e dito na sabedoria popular, “o oposto do amor não é o ódio, mas a indiferença”, pois a indiferença pode produzir resultados mais devastadores quanto o ódio. Visto que a partir da indiferença e da não interação com um imigrante para saber como eles realmente são faz com que os moradores construíssem todo o seu discurso de maneira tipificada de como eram os imigrantes, mas ao ser questionado se já tinha conversado com um – fora na relação de trabalho – as respostas eram quase unânimes, “não”, ou seja, o estereótipo do imigrante haitiano era todo formado a partir de boatos e informações vinculadas entre e para os próprios estabelecidos. A indiferença poderia começar com o fato de que *“nunca ouvi falarem mal, ou bem de haitianos”* (Alexandre), até a constatação de que a presença dos haitianos *“não mudou nada minha vida, mas acho ruim...”* (Paulo). Se a presença dos haitianos não mudou em nada na vida, por que o indivíduo viria a achar ruim?

Poucos estabelecidos buscaram compreender quem estes haitianos são, conversando com eles, *“eu nunca parei pra estudar ou pensar o processo deles, mas, assim até aonde eu sei, eles têm com problemas no país, tá complicado de viver lá, o Brasil de certa forma acolheu a vinda deles, não criou nenhuma barreira, que o país se posicionasse contra iria criar barreiras para não entrar”* (Evandro). Soma-se a falta de interesse em conhecer melhor estes imigrantes, a constatação da população estabelecida de que os imigrantes *“são pessoas muito discretas em relação à integração com a sociedade, ficam fechadas em seus próprios grupos”* (Frederico). Organizar-se em seu grupo é algo que o imigrante em um país migrado vai buscar fazer para fortalecer sua identidade e encontrar um abrigo, além de ser uma estratégia de resistência. Todavia, quando o grupo receptor não abre espaço para a interação,

o grupo imigrante acaba se fechando ainda mais, construindo guetos simbólicos que serão propícios para a estigmatização deles.

Outro fator determinante em muitos casos e no qual Lajeado não é diferente, é de que a região da cidade onde o indivíduo mora pode vir a lhe proporcionar uma posição diferente no imaginário da população local. Pois um estabelecido que mora no *cantão do sapo* ou *Santo André* será estigmatizado, pois associam os moradores desses bairros com categorias estigmatizantes²⁷, mesmo sendo uma inverdade. Da mesma forma com os imigrantes haitianos, como

“Não... porque acho que acabo não morando perto, das pessoas que eu mais relaciono. Não... até não... até porque eu acho que eu nunca fiquei perto de um grupo, normalmente eles são um ou dois ou tão um pouco mais distantes... ou só passando... Claro passando tu entende, tu não sabe o que eles estão falando, se é dialeto... mas eu não vi eles fazendo barulho, talvez porque eu não tenho perto na minha vizinhança. Talvez se eu morasse perto teria uma visão diferente. Talvez justamente por isso eu tenho uma opinião um pouco mais vaga” (Felipe).

Isto acarreta que as pessoas que moram em bairros em que os haitianos não estão morando da mesma forma as que não trabalham com eles, produzissem os discursos mais diversos, conflituosos entre si. Entre os discursos sobre os haitianos haviam os mais diversos, desde os que eles são vagabundos e malcheirosos, baderneiros, barulhentos, mas muito trabalhadores, pessoas humildes, discretos, portadores de doenças e que não querem contato com as pessoas estabelecidas. Porém ao indagar como a população sabia destas características, as respostas muitas vezes variavam no sentido de que a população considera que *“nunca presenciei nada. E pelo que observo são pessoas calmas, tranquilas, e por vezes até introvertidas”* (Ismael).

Existem também os indiferentes que por um lado consideram que os haitianos podem vir a se tornar um problema social, *“acredito que deveríamos ter uma melhor condição para ajudar tanto nossos imigrantes quanto nossos moradores de rua. Nós só conseguimos abrigar um número restrito em nossa cidade e região”* (Maria), a relação dos imigrantes como comparáveis aos moradores em situação de rua, acarreta no pensamento de que os haitianos *“enquanto puderem acrescentar qualidades na cidade não vejo problemas”* (José) que permaneçam, isto é, enquanto estiverem servindo como trabalhadores – nas funções básicas que estão com vagas em aberto – estarão aceitos, embora não muito bem-vindos. Caso

²⁷ São considerados bandidos.

tornem-se uma ameaça, ou indesejáveis, como na situação do desemprego, eles viram uma escória que deve sair da cidade.

A consequência da indiferença é que ela possibilitou que os haitianos fossem estigmatizados, visto que, como a população indiferente pouco se importava ou interagia com os imigrantes, eles simplesmente reproduziam os comentários pejorativos da parcela da população estabelecida que era abertamente contra a presença dos haitianos na cidade, e para isso, construía informações pejorativas para a maioria da população também ser contra, com isso espalhando rumores e que as pessoas indiferentes os reproduziam por simplesmente não se importarem ou não querer saber sobre estes novos habitantes na região.

Este capítulo visou apresentar a questão migratória na pesquisa, isso é, foram descritos os motivos que fizeram os haitianos decidirem migrar para o Brasil, demonstrando a rota utilizada para sair do Haiti e sua chegada nas cidades de Tabatinga e Brasileia, a falta de receptividade da populações dessas cidades, somado ao produto da mídia que relatou que o Brasil estava sendo invadido por haitianos, demonstrando então que neste contexto os empresários das regiões sul e sudeste buscavam encontrar uma mão-de-obra para suprir as vagas abertas em suas empresas pois as populações locais não estavam preenchendo, tais empresários fretaram ônibus ou passagens de avião para que os haitianos viessem trabalhar em suas empresas, descrevendo assim o rumo dos imigrantes para a região sul e a sua chegada em Lajeado. Abordamos aspectos gerais da cidade de Lajeado e o impacto que os imigrantes haitianos trouxeram para cidade, pois ao chegar um contingente grande de população negra na cidade, gerou uma desconfiança e desconforto da população local, grande parte da população tornou-se indiferente e não interagiu com os haitianos, o que possibilitou a propagação de fofocas e inverdades sobre os haitianos.

O próximo capítulo vai abordar os aspectos étnico-raciais demonstrando que os imigrantes haitianos se tornaram um grupo racializado em Lajeado. Trataremos eventuais casos de racismo e mais especificamente como foram estigmatizados por parte da população local e como isso ocasionou na construção do estereótipo dos imigrantes haitianos em Lajeado. Acerca disso,

como explicar tais posturas, beirando a xenofobia, num país no qual um dos seus pilares de orgulho consistia e ainda consiste em ostentar o seu espírito de ser uma sociedade acolhedora, miscigenada e pluricultural? Nesse sentido, além da tonalidade da cor da pele preta de quase 100% dos haitianos aqui chegados, a

nacionalidade haitiana estigmatizada, dentre outros fatores, por ser considerada do país mais pobre das Américas, são fatores que não permitem aos haitianos chegarem ao pé de igualdade em relação a outras populações migrantes, incluindo os vizinhos peruanos e bolivianos discriminados também no país, mas não por serem pretos [...] Assim, em Tabatinga, os peruanos, por sua vez, discriminavam e designavam os haitianos de negritos no sentido hispânico pejorativo do termo. Entretanto, aqueles já residentes na República Dominicana, quando vieram ao Brasil, tal como o casal acima mencionado, incluindo alguns do Equador, já se acostumaram a serem qualificados de negritos ou de haitianos, com todas as devidas marcas estigmatizantes que esses dois termos carregam. Segundo estes, será que foi uma das razões pelas quais decidiram vir para o Brasil, o fato de eles acreditarem que, no país, não existia discriminação racial, mas sim, aquela suposta democracia racial já criticada pela literatura desde as décadas de 1950 e 60 (HANDERSON, 2015, p.150).

Os imigrantes relatam passar por desigualdades em seus salários em relação aos brasileiros, queixam do racismo sofrido no local de trabalho, alguns casos podendo se caracterizar como escravidão contemporânea. Acerca disso, “Os brasileiros que pensam que somos ignorantes, no sentido de nos discriminar, precisam procurar informações sobre nós [...] muitos brasileiros julgam os haitianos pela cor da pele, pela nacionalidade” (MEJÍA, SIMON, 2015, p.69).

No contexto das imigrações contemporâneas tem-se intensificado novamente o preconceito contra os imigrantes e principalmente a xenofobia têm se manifestado de forma mais contundente em alguns países receptores de imigrantes nos últimos anos, por conta de um cenário de uma crise econômica global, no qual a figura do imigrante se torna, por parte da opinião pública, o agente responsável pelo desemprego, pelo uso dos benefícios sociais e, em alguns casos, pelo aumento da insegurança nas localidades (JAROCHINSKI SILVA, 2015, p.150), um discurso bastante semelhante em Lajeado.

Em Lajeado ocorreu algo semelhante como no caso paranaense em que “as famílias antigas atribuíam a si poder de impor a sua visão de mundo aos demais moradores e, conseqüentemente, o poder de anunciar a divisão do mundo social que lhes interessava, mantendo-se sempre como o grupo de maior carisma e valor humano” (SOPELSA, 2011, p.271). Os grupos estabelecidos de Lajeado consideraram-se superiores aos novos moradores, para isso, elaboraram fofocas e formas de estigmas para diminuir os haitianos e aumentarem a sua suposta essência cultural melhor que a deles, a estigmatização pelo racismo e xenofobia desencadearam uma série de reações da população local contra os imigrantes, entre elas, a construção do estereótipo do imigrante haitiano.

Capítulo 4: Racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos em Lajeado

Apresentaremos neste capítulo inicialmente sobre a racialização dos imigrantes haitianos no Brasil, para posteriormente especificarmos o caso de Lajeado acerca da racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos pelos lajeadenses, demonstrando inicialmente de que forma os imigrantes haitianos foram racializados, relatando posteriormente os casos de racismo para pôr fim nos aprofundarmos na estigmatização que eles sofreram por parte dos moradores de Lajeado. Descrevendo assim a forma como o processo de formação de um estereótipo contra um imigrante negro surgiu no contexto de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul.

A Racialização dos Imigrantes haitianos no Brasil

Os imigrantes haitianos foram um grupo étnico racializado nos países em que eles imigraram em busca de melhores oportunidades, vamos neste capítulo nos ater com o ocorrido no Brasil, embora algumas vezes traçaremos uma relação com a racialização e estigmatização dos haitianos e outros imigrantes que foram descritos no capítulo 1 desta dissertação.

Conforme apresentado no primeiro capítulo da dissertação, uma das primeiras consequências decorrentes da migração de um novo grupo étnico em um determinado local é o processo de estranhamento, “esse estranhamento é fruto do contato interétnico, que, por sua vez, manifesta-se de maneira diversa, ora como um altruísmo, ora como um etnocentrismo, constituindo, assim, um campo de tensões e forças em diferentes momentos e situações” (PIMENTEL COTINGUIBA; CASTRO COTINGUIBA, 2015, p.551). O outro - representado na figura do imigrante - é visto como um estranho, aquele que representa uma possível ameaça ao que até então era estabelecido no cotidiano, conseqüentemente, podem vir a surgir medidas para se prevenir contra essa ameaça “alienígena”.

Como esse grupo étnico é estrangeiro, a primeira medida utilizada por estabelecidos é a de buscar símbolos existentes na sua própria sociedade para correlacionar e categorizar este grupo étnico recentemente imigrado. Os haitianos foram associados aos brasileiros negros pelo fenótipo da pele, posteriormente, na medida em que os fluxos migratórios aumentam nas cidades, surge uma diferenciação desta associação inicial. Na figura do estrangeiro é

construída uma fronteira inter-étnica entre os brasileiros e esses imigrantes, separando-os em grupos distintos, esta diferenciação corrobora para a racialização dos imigrantes haitianos.

Como o Haiti é considerado o país mais pobre das Américas há uma forte associação da população brasileira para com os haitianos, sendo estes vistos como agentes que vão trazer um atraso cultural para o Brasil, somado ao seu suposto barbarismo devido ao fato de que o seu país se encontrar em caos e desordem, manifestando-se para uma parte da população brasileira como uma “maneira simbólica por meio da construção da imagem do povo haitiano como a antítese do ideal ocidental” (PIMENTEL COTINGUIBA; CASTRO COTINGUIBA, 2015, p.557). Logo, para alguns brasileiros, os haitianos vão trazer “atraso” para a região.

Conforme apresentado no primeiro capítulo, muitos grupos de imigrantes foram racializados e estigmatizados ao chegarem no Brasil. Os estabelecidos classificaram os haitianos de maneira tipificada, considerando que “todos os haitianos são assim”, somado a isso há também a diferenciação cultural, que é apresentada como a dos imigrantes sendo inferiores e que vão trazer atraso ao Brasil. Busca-se essencializar todos os imigrantes como sendo portadores de determinadas características inerente a todos eles, sendo isso uma espécie de herança cultural que todos os imigrantes do mesmo grupo étnico possuem.

Já para os imigrantes haitianos, pode-se perceber uma dualidade em seus pensamentos acerca de sua vinda ao Brasil pois

Em nossa pesquisa encontramos relatos que podemos classificar em duas constantes, uma é a visão romântica e a outra é a visão realista. Por visão romântica queremos dizer o discurso de alguns haitianos que afirmam ser o Brasil um país que não tem racismo, que as pessoas recebem bem, um lugar onde são bem tratados e não são perseguidos. Por sua vez, a visão realista é aquela que os indivíduos descobriram, por meio da experiência própria, que há setores, ou melhor, determinadas pessoas brasileiras que não são tão relativas assim, isto é, são xenófobas e não escondem sua insatisfação frente aos haitianos (PIMENTEL COTINGUIBA; CASTRO COTINGUIBA, 2015, p.558).

Ser imigrante em um novo espaço social no qual não haviam semelhantes seus significa ser alguém suspeito e muitas vezes indesejado, alguém que pertence e não pertence ao espaço social migrado. Mesmo que exercendo uma função social – na maioria dos casos um trabalho necessário – os imigrantes não são considerados como moradores legítimos do local. Os imigrantes de forma geral, por estarem mais juntos de seus conterrâneos e com pouca interação com os moradores locais, facilmente são classificados como um contingente único atribuindo uma mesma característica a todos eles, a racialização ocorre a partir do

momento em que os imigrantes são essencializados como todos possuindo determinados atributos que são supostamente inerentes a sua cultura.

Racismo e imigração haitiana no Brasil

Embora exista o discurso da existência de uma democracia racial no Brasil, sendo, portanto, uma nação pronta para receber os haitianos e demais imigrantes de forma aberta, na realidade tal discurso constitui-se como uma farsa. A experiência migratória dos haitianos, como de tantos outros grupos de imigrantes, mostrou de forma clara aquilo que até então alguns tentam ocultar, negando a existência de racismo no Brasil. Foi esta recente imigração que o trouxe à tona, recolocando “em cena tensões racistas que ainda rondam o país e visibilizaram os problemas da atenção básica aos migrantes” (DAMASCENO; SUCUPIRA, 2015, p.15). Além de deslegitimar o discurso do Brasil ser um país aberto e receptivo, pelo contrário, é um país que se fecha para a entrada de imigrantes considerados indesejados pela população local.

Monsma apresenta que na época da pós-abolição os estereótipos racistas retratavam os negros como vagabundos, traiçoeiros e alcoólatras, já os imigrantes europeus como laboriosos e sóbrios (MONSMA, 2016, p.88). Atualmente com os imigrantes haitianos, no caso do município de Lajeado, pode-se ver que a população retrata os haitianos como sendo o “bom negro”, isto quer dizer, que são humildes e trabalhadores, laboriosos e sóbrios. Por outro lado, são portadores de doenças, barulhentos, possíveis terroristas camuflados, além de possuírem uma cultura inferior. Todavia, embora não seja o objetivo desta pesquisa, o caso de Lajeado aparenta demonstrar que, ao menos aos olhos da maioria da população estabelecida, mesmo que os estigmatizando, os imigrantes haitianos estão neste início em melhores condições que os brasileiros negros, no que tange a valorização dos haitianos como trabalhadores.

Deve-se salientar, que como a pesquisa foi realizada em um município do Rio Grande do Sul, existem diferenças geográficas e culturais frente a outras regiões do país²⁸. Os haitianos que se deslocaram para o sul a procura de trabalho são alvos estigmas que podem ser inexistentes em outras regiões do país, da mesma forma que podem sofrer estigmas que existem em outros estados, estas nuances vão variar conforme o contexto específico. Para cada situação devem ser analisadas as particularidades de como o fenômeno da racialização,

²⁸ Da mesma forma que pesquisas feitas em outras regiões do país terão suas particularidades.

racismo e estigmatização apresentam-se contra uma minoria étnica imigrante. No sul, existe um isolamento dos haitianos por serem negros (DAMASCENO; SUCUPIRA, 2015, p.19), tal isolamento pode ser maior do que em outras regiões do país.

Conforme apresentado no primeiro capítulo desta dissertação, o racismo deve ser compreendido como elos físicos e culturais, muitas vezes subjetivos, utilizados por um grupo étnico para dominar outro grupo étnico minoritário. Muitos desses imigrantes podem vir a ser considerados pelos moradores das cidades como “incapazes de se integrarem às normas e linguagens preferidas pelas populações dominantes” (SCOTT, 2010, p.123). Essa incapacidade se dá pela sua suposta cultura inferior, o que configura o racismo na vertente considerada como “novo racismo”, que significa o racismo apresentado partir da diferenciação cultural, sendo este grupo minoritário como detentor de uma cultura inferior à dos dominantes e incapaz de se adaptar à cultura “avançada” dos estabelecidos. O grupo dominante utiliza este subterfúgio como uma ferramenta para exercer a exclusão do grupo dominado, alegando que os mesmos são incapazes de se integrarem às normas vigentes na vida cotidiana daquele espaço social.

Uma forma de apresentar a estigmatização contra os imigrantes haitianos é devido à língua materna, a comunicação diferente é um forte mecanismo utilizado pela população dominante para estigmatizar o grupo estrangeiro subjugado, inclusive, discursos racistas em determinados casos ao longo do país foram feitos de maneira aberta justamente porque esses haitianos não saberiam interpretar o que o agressor estava dizendo. Como há muitos haitianos que apenas falam o *kreyol*, e outros que tiveram oportunidade de estudar francês e outras línguas como espanhol. Isso ocasiona que a comunicação se torna uma barreira entre ambos os grupos, tangenciando a discriminação de habitantes estabelecidos, os quais falam abertamente contra os imigrantes, utilizando-se de palavras de baixo calão contra os haitianos, justamente pelos mesmos não entenderem a língua que o morador estabelecido está comunicando, ou fingirem que não entendem²⁹, o que impossibilita de terem contatos e interagirem entre si. É esta falta de comunicação – e possível incompreensão – que os estabelecidos vão utilizar a seu favor para poderem ofender os haitianos muito abertamente, diferente do que poderiam vir a fazer com os brasileiros negros por exemplo.

²⁹ Pois pela entonação do que está sendo dito pode-se ter uma noção básica sobre o que está sendo falado.

O exagero quanto ao estigma que um grupo dominante exerce contra outro grupo dominado muitas vezes é construído simbolicamente em nossas mentes e posteriormente nas interações a partir da tipificação de determinadas características que todo um grupo étnico supostamente possui, isso significa que o grupo dominante é quem detém o poder de gerar significados e eles podem formular um estereótipo de um grupo dominado, fazendo assim com que um indivíduo – na maioria das vezes, os casos negativos - de um grupo seja a tipificação de toda uma comunidade. Neste sentido para ilustrar como exemplo, se existe um indivíduo negro que não gosta de trabalhar, a população dominante poderá utilizar este exemplo para exaltar uma qualidade inata de todo o grupo, através de dizeres como, “todos os negros são assim”, por outro lado, se for um indivíduo dominante – neste caso, branco – que não gosta de trabalhar, os dominadores não demorarão a justificar o fato de que isto é o caso de um indivíduo isolado e não todo o grupo.

Um fator importante a ser destacado é que não podemos presumir que toda e qualquer desigualdade racial é consequência do racismo (MONSMA, 2016, p.69). Da mesma forma, nem tudo que se apresenta contra os haitianos em Lajeado são ações racistas realizadas pelos estabelecidos. Na pesquisa realizada, poucos foram os casos que poderiam claramente ser classificados como racismo. O que mais se apresentou foram estigmas contra os imigrantes haitianos, mais em função de sua exclusão – da população evitar contato com eles – ao mesmo tempo em que exaltavam características positivas e negativas deles simultaneamente.

Agora descreveremos especificamente o caso de Lajeado, abordando primeiro acerca da racialização dos imigrantes haitianos, posteriormente relatando alguns casos de racismo, para, por fim, adentrarmos na questão da estigmatização de tais questões que constituem o processo de formação do estereótipo do imigrante haitiano em Lajeado.

Os imigrantes haitianos são racializados em Lajeado

Deve-se compreender que em regiões do estado do Rio Grande do Sul como Lajeado e todo o Vale do Taquari, por existir uma forte presença da colonização europeia, alguns elementos étnico-raciais ainda são presentes em conversas informais, por isso, as pessoas ainda levam em consideração a etnia de cada indivíduo da cidade, buscam saber o seu sobrenome para classificar em uma escala simbólica de valor, pois o sobrenome atribui valor ao indivíduo, além é claro do fato de as pessoas mais velhas (ou de cidades menores do Vale)

possuírem o hábito de falar mais o alemão e italiano do que o português, inclusive alguns idosos não falam muito português. Somado a isso, o brasileiro negro costuma ser muito mais tipificado do que em outras partes do país, inclusive pessoas que em outros contextos poderiam se classificar como brancos ou pardos, na região do Vale do Taquari serão consideradas como negras. Frente a essa compreensão, em conversas informais com os moradores de Lajeado é comum as pessoas brancas estabelecidas dizerem que os negros são preguiçosos, vagabundos, que possuem um mau cheiro, há também a associação com criminosos, embora este aspecto da criminalidade seja mais decorrente dos bairros em que moram, não tanto étnico, mas mais de localização geográfica, embora, são nestes bairros estigmatizados que existe um maior contingente de negros na cidade. Acerca desta questão para os imigrantes haitianos,

Simon argumenta que preserva o orgulho de sua origem, gosta de ser negro, mesmo que no Brasil perceba discriminação por causa da cor da pele. Para ele, é preconceito. Pensam que a gente por ser negro é ignorante, falam mal da cultura. É uma grande diferença por ser estrangeiro. No discurso perpassa a ideia de que ser negro e ser estrangeiro são duas marcas de identidade que geram estranhamento no âmbito da sociedade de acolhida, no município de Lajeado. Esse fenômeno faz com que em Lajeado as relações sociais com os nativos se diferenciem bastante dos relacionamentos que estabeleciam no Haiti com colegas de escola, da cidade, vizinhos. “A gente só dá oi, cumprimenta, mas é distinto do Haiti. Não se tem bom relacionamento se comparar com o Haiti” (MEJÍA, SIMON, 2015, p.37).

Um tema que se manifestou nos discursos da população local de forma praticamente unânime era o desgosto e desaprovação da população para com os “haitianos que vendem bugigangas na rua”, mais especificamente na Rua Júlio de Castilhos, uma das ruas centrais da cidade. Esta dimensão de vender na rua, passa tanto pelo sentimento de pena, “*pega por exemplo os pobres dos haitianos que estão vendendo suas coisas nas ruas, nesse calor*” (Julia) e “*só acho que o governo tinha que fazer alguma coisa com os haitianos que ficam vendendo coisas nas ruas, coitados porque tem vezes que eu passo e eles não venderam nada*” (Mathias); indiferença “*a única mudança percebida aqui em Lajeado foi o aumento do número de ambulantes nas ruas e, eventualmente, a presença de grupos de imigrantes em determinados locais públicos, como parques. Mas nada que tenha alterado o cotidiano*” (Frederico) e “*mas eu não conheço ninguém que teve problema com algum imigrante, ou eu vejo eles trabalhando da forma que conseguem, alguns estão trabalhando na rua*” (Felipe); assim como de reprovação, “*não gosto que utilizem a calçada como meio de vendas*” (José). A presença dos imigrantes vendendo objetos – como capas de celular, óculos, relógio entre outros – despertou o “interesse” da população local, “*vejo os haitianos nas empresas e muitos*

nas calçadas vendendo as suas coisas, no trabalho também notei bastante” (Guilherme). Nesta rua, haviam estabelecidos que passavam e em voz alta reprovavam a permanência destes imigrantes no local, reclamando sobre a vinda dos haitianos.

A população de Lajeado atribui ao trabalho um valor muito importante, para os estabelecidos, o lugar do imigrante é trabalhar muito, sem reclamar, em alguma fábrica ou na construção civil, pois para a população estabelecida, a venda informal de produtos na rua não é considerado como trabalho³⁰. Assim, estes imigrantes estariam saindo do lugar que é visto como adequado pelos estabelecidos sobre o que é trabalho, o que causa um desconforto maior da população, principalmente dos comerciantes da cidade, pois o discurso xenófobo deles se intensifica quando discorrem sobre os “haitianos que estão vendendo coisas na rua”, visto que parte da população estabelecida considera que os vendedores informais estão “sujando” a cidade.

Todavia, é importante destacar esta ênfase na desaprovação dos haitianos vendendo seus objetos na rua pelos estabelecidos, pois isto denota o quão os lajeadenses estavam pouco interessados em saber sobre esses novos imigrantes, eles não sabiam que na verdade os vendedores de rua não eram haitianos, mas sim senegaleses, embora constantemente os estabelecidos alegavam que não gostavam dos “haitianos que vendem na rua”. Entre os entrevistados nenhum falou sobre os senegaleses todos se referiam aos imigrantes como sendo “os haitianos”, o mesmo ocorreu nas conversas informais, com exceção de funcionários públicos municipais que se relacionavam diretamente com os imigrantes, apenas esses sabiam a diferenciação. Em Lajeado foi a população imigrante haitiana que foi racializada, pois se tornou a tipificação do novo imigrante na cidade, cabendo a eles a transfiguração de representação dos “bodes expiatórios” que trazem todos os males para a população local, ou seja, quando se referiam a algum imigrante – mesmo que fosse indiano ou outro – eles seriam “os haitianos”. Com isso, para alguns moradores surgiu o “problema haitiano”, para muitos moradores estabelecidos de Lajeado, os imigrantes “haitianos” vendedores de rua se tornaram um problema

“Pois, embora ruim, aqui ainda é melhor viver do que no seu país de origem. Estamos vendo proliferarem os vendedores ambulantes nas calçadas. Eles estão sendo usados para fazer coisas que não fariam em seu país, acho. E aí começam

³⁰ Inclusive vendedores informais – como vendedores de flores - estabelecidos reclamavam dos “haitianos” vendendo na rua.

outros problemas que já temos de monte no nosso país. Isto tudo sem falar no preconceito, que existe, não tem como negar. [...]utilizando-se de espaços públicos para fazer venda ambulante, acho péssimo. Sou contra qualquer tipo de vendedor ambulante, de qualquer origem ou nacionalidade. Reforço o problema social que criamos trazendo eles para o Brasil e agora... será que sabemos resolver? Eu acho que não” (Maria).

O desconforto e até mesmo a presença de discursos xenófobos contra os “haitianos” que vendem “bugigangas” na rua decorreu principalmente pelos lojistas e comerciantes da cidade, visto que eles perdiam uma clientela com isso. Estes lojistas constantemente se direcionavam até a Câmara de Dirigentes Lojistas de Lajeado e a mesma reclamava junto à STHAS quanto à presença dos imigrantes vendendo na rua. Há também relatos de alguns lajeadenses que circulam pela rua e não aprovam os imigrantes vendedores informais, pois temem que pode vir a se tornar como os antigos camelôs nas ruas de Porto Alegre.

A racialização passa pelo processo de tornar o outro grupo étnico como uma raça, corriqueiramente o brasileiro costuma utilizar o discurso de que o racismo não existe, que o debate das “raças” já foi superado, que é algo do passado,

“Porém controlando a vinda destes imigrantes, da mesma maneira como eu acredito que o Brasil está fazendo, se traz o bom e o melhor do povo, da cultura, e inclusive do trabalho haitiano e se coloca no Brasil a fim de aproveitar o melhor de tudo. E para completar ainda mais essa atitude, ao fazermos isso, ajudamos um povo que precisa muito de ajuda. Vejo esse caso exatamente como o que a Europa está passando com os sírios, mas também vejo uma reação extremamente mais positiva do que a europeia, me fazendo crer que o brasileiro já evoluiu muito mais mentalmente na questão de preconceito racial” (Alexandre).

Porém, pelo contrário, essa “evolução” do brasileiro não se mostrou concreta, inclusive, o discurso de controle da entrada de imigrantes foi dito pela população apenas quando se tratava dos imigrantes negros. Para além da tipificação de todos os imigrantes como sendo haitianos, a racialização dos haitianos também ocorreu decorrente de discursos como

“Ahhh (sic) pois é... como eu sou descendente de alemão... tem, tem inerte na minha, na minha, não digo na minha criação mas... ahhh, tem um preconceito, mas tipo... ahh piadinhas racistas, ou ahh que, não trabalha, ou que é tudo vagabundo... ahh tinha que ser de tal etnia. E tal... né? Ahhh mas, isso pra mim sempre foi mais tipo uma piada, assim sabe?” (Felipe).

A racialização e o decorrente racismo passa como sendo apenas uma brincadeira, uma piada, algo que não é para ser levado a sério. Logo, para alguns lajeadenses estabelecidos as brincadeiras contra os haitianos são apenas brincadeiras, não consideram como a pessoa ofendida pode sentir-se.

No contexto brasileiro, deparam-se com uma realidade social na qual não estavam acostumados, mesmo já tendo sido racializados em outros locais, como a República Dominicana,

“Mas eu estudava no Érico³¹, terminei o ensino médio aqui no Brasil, tem um grupo de negros eles sempre são separados dos brancos, então me pergunto porque, se são brasileiros. E eu como haitiano, como vou ficar? Então ahh não sei se eles fazem as mesmas coisas com os negros brasileiros, mas eu vejo também os negros separados dos brancos” (Thiago).

Os próprios haitianos percebem a segregação simbólica existente no Brasil, pois este haitiano presenciou na escola que os brancos e negros ficavam separados na hora do intervalo na escola, neste sentido ele se questiona aonde ele vai ser “enquadrado” nesta categorização, pois não há uma solidariedade dos brasileiros negros para com os haitianos. Esta é uma discussão que deve ser realizada, pois as recentes imigrações no Brasil ainda carecem de mais pesquisas sociológicas e antropológicas.

A população negra na região do Vale do Taquari aumentou com a presença dos novos imigrantes na cidade, pois estes em sua maioria são negros, e estes imigrantes começaram a circular pelos espaços centrais da cidade, o que até então era incomum, pois a maioria da população negra encontra-se nas regiões periféricas da cidade, como os bairros *Morro 25* e regiões como o *cantão do sapo*, áreas estas que já eram estigmatizadas pela população estabelecida. Com a presença dos haitianos circulando nos espaços centrais da cidade, surge um desconforto por parte dos moradores, pois era algo que não era visto até então, inclusive que gerava discursos fantasiosos entre pessoas de outras cidades de que não haveriam negros em Lajeado. Devido ao fato de que esses imigrantes vieram “repentinamente” em um grande fluxo, a população ficou perplexa, pois simplesmente “acordou” com vários imigrantes negros circulando pela cidade, o que causou o desconforto. Isso ocasionou que os estabelecidos acabassem sentido estarem sendo ameaçados, pois o seu “roteiro” de como a normalidade funcionava na cidade começa a ser rompido, já que novos grupos étnicos significam possíveis mudanças em como se vivencia a realidade neste espaço.

“Sim. Lajeado é uma cidade predominantemente alemã e italiana, ou seja, pele branca. A pele negra chama atenção nas ruas. Os hábitos de vestir e comportamentos são muito diferentes. As línguas que falam também causaram estranheza na população. Num primeiro momento, não via problemas com relação a vinda deles, até achei que era uma oportunidade para aprendermos com eles. Hoje, com as mudanças na economia para pior temos um resultado negativo já se

³¹ Escola de Lajeado.

apresentando, um problema social. As primeiras pessoas que estão sendo desligadas das empresas que os trouxeram, são justamente eles. E a dificuldade para conseguir nova colocação no mercado de trabalho é muito maior do que para um nativo. Aí é que começa o problema” (Maria).

As mudanças econômicas que ocorreram ao longo do ano de 2015 trouxeram dificuldades para toda a população, que não estava esperando por isso. Os lajeadenses e os imigrantes passaram por problemas com a recessão da economia, mas os imigrantes eram os primeiros a serem demitidos das empresas. Nesta época, lajeadenses que até então evitavam a todo custo trabalhar nos frigoríficos ou na construção civil sentiram-se obrigados a procurar vagas de emprego nesses lugares, todavia, como não havia vagas sobrando, a culpa recaiu sobre os haitianos, pois eles haviam “roubado” a vaga que deveria ser dos estabelecidos.

A população via diferenças nítidas nestes imigrantes, isto é, os estabelecidos os identificavam claramente, devido ao fenótipo dos imigrantes, pois segundo conversas informais com os moradores de Lajeado os mesmos constatavam que era possível saber pela cor da pele quando o indivíduo era um imigrante. Além disso, também havia a questão sobre um dos principais aspectos da população para diferenciar os imigrantes, isto é a língua que eles falam,

“que eles são como por exemplo, a gente tem índios, brancos, ahh negros aqui, só que os haitianos eles se destacam porque são mais negros tanto que normalmente tu reconhece, ainda mais pelo dialeto deles né” (Felipe).

A língua diferente falada entre os estabelecidos e os imigrantes possibilitou que os lajeadenses pudessem ofender abertamente os imigrantes, sem se sentirem constrangidos nos seus dizeres. O que muitas vezes ocorre quando fazem comentários racistas contra os brasileiros negros, as pessoas mais velhas ou de cidades menores do Vale costumam mudar a língua para um dialeto do alemão ou italiano para que apenas os “seus” entendam a ofensa, já para os imigrantes era dito em português³². Embora também por outro lado os haitianos – neste caso, aqueles que já possuíam um pequeno domínio do português ou o espanhol – relataram que compreendiam que as pessoas falavam mal deles, mesmo quando os locais tentavam disfarçar usando dialetos locais, os haitianos comentam que sabiam que eram os alvos do preconceito. A falta de comunicação facilitava as ofensas sendo ditas de maneira verbal e audível contra o imigrante. Assim como os haitianos comentaram que percebiam pela entonação de voz ou gestos na fala, que o estabelecido os estava ofendendo.

³² Havia também os que ofendiam os haitianos em alemão e italiano, mas era mais por hábito de fazer isso com os brasileiros negros.

A falta de comunicação torna-se um dos principais aspectos de diferenciação entre os dois grupos, inclusive causa isolamento entre ambos, afinal, *“como a língua deles é muito diferente da nossa eu acho que não é melhor lugar para eles se adaptar. Se fosse espanhol já seria uma mão na roda mas francês crioulo?”* (Márcio). A falta de comunicação torna-se muitas vezes a porta de entrada para a estigmatização, visto que vai dar a “liberdade” ao estabelecido poder expressar abertamente o que ele manteria privadamente em seu círculo social, como um evento que ocorreu determinado dia na cidade perto da rodoviária municipal, ocasião na qual foram ditas palavras de ofensa expressas por taxistas de maneira aberta – gritando – contra os haitianos para todos ouvirem, os mandando irem embora em meio a xingamentos, isto só ocorre justamente por causa da falta de comunicação entre ambas as partes, se os haitianos falassem português, talvez tais taxistas manteriam a conversa preconceituosa no âmbito de sua cabine de taxi entre si, e não gritando para muitos poderem ouvir. Não poder se comunicar com um indivíduo é uma situação bastante complexa, faz com que os indivíduos envolvidos passem pelas mais diversas situações e sentimentos, desde angústia até raiva de si mesmo por não poder auxiliar, afinal, a falta de comunicação não é apenas um instrumento para estigmatizar, mas também algo que impossibilita a auxiliar alguém,

“duas vezes haitianos foram na minha oficina, a primeira vez pelo fato dele não falar português e nem inglês eu não consegui me comunicar com ele, foi chato isso. Na segunda vez, o haitiano sabia falar um pouco de português, ele estava procurando emprego, havia falado que era explorado no antigo emprego, como ele havia experiência com veículos pesados, recomendei procurar emprego em uma oficina que trabalha com este tipo de veículo” (Mathias).

A racialização dos haitianos decorreu pelo fato de que aos olhos da população estabelecida de Lajeado, todos os imigrantes eram haitianos, ou seja, os novos imigrantes foram tipificados como sendo um grupo só, a população criou certas características que denotavam o estereótipo do que é o haitiano, isso foi somado à falta de comunicação entre ambas as partes, o que ocasionou em casos de racismo e as formas de estigmatização que a população local realizou contra os haitianos. Abordaremos agora acerca dos casos de racismo.

Casos de racismo

É muito tênue a classificação do que é racismo e o que não é, toda ofensa étnica pode ser considerada como racismo? Apresentamos no primeiro capítulo desta dissertação que racismo pode ser classificado como a relação de dominação e subjugação de um grupo étnico

sobre outro. Isto significa que tudo vai depender do contexto específico, pois classificar uma ação como sendo racista é algo que vai ficar na esfera subjetiva. Como os imigrantes haitianos foram um grupo étnico recentemente migrado, alguns aspectos que a população dominante utilizou para categorizá-los foram transpostos do racismo já existente na sociedade brasileira, ou seja, contra os brasileiros negros. Conforme apresentado no subcapítulo acerca do novo racismo, esta compreensão de racismo traz aspectos culturais de diferenciação entre os grupos, inclusive, alguns havendo traços culturais que distinguem os imigrantes negros dos brasileiros negros. Portanto, descreveremos inicialmente neste subcapítulo os aspectos que consideramos como racismo e posteriormente no próximo subcapítulo aspectos da estigmatização. Reconhecemos, inclusive, que essa classificação se apresenta um pouco de maneira subjetiva, pois ambos possuem uma similaridade tênue. Visto que um grupo recentemente imigrado não foi ainda sistematicamente subjugado de forma a fazer com que grande parte dos discursos racistas tenham sido internalizados por ambos os grupos. Portanto, os casos de racismo apresentados aqui são mais decorrentes do racismo já existente na sociedade que é transfigurado para a figura do imigrante negro. Acreditamos que para um grupo recentemente imigrado é mais recorrente a existência de sua estigmatização e que, a longo prazo, se mantidas tais estigmas, os mesmos podem se essencializar em formas de racismo mais plenas.

O primeiro aspecto de diferenciação e compreensão do racismo contra os haitianos é que o mesmo não é uma mera reprodução do racismo contra os negros brasileiros, apenas incorporação de alguns símbolos. *“Não dá para lutar contra, mas ao menos aquela negrada de lá pode ajudar a negrada daqui para trabalharem, porque os daqui são muito vagabundos. Se pudesse seria bom eles não virem, roubam os empregos”* (Gilberto). O fato dos haitianos serem muito trabalhadores é algo louvável pela população local ao mesmo tempo em que eles são mal vistos pela “cultura que trazem”, o fato de trabalharem muito é reconhecível, inclusive como uma qualidade que deve ser ensinada aos negros brasileiros, isso já mostra a diferenciação entre ambos os grupos por parte dos moradores locais brancos. O racismo pode apresentar-se de diversas formas,

“Cara, velado sempre vai ter, infelizmente a humanidade como um todo e a sociedade mais tradicional. Alemão e italiano como um todo teve centenas de anos, ou décadas, com muito forte enraizado, teve sempre presente essa questão de diferenças, seja racial qualquer coisa. Agora, nas últimas gerações eu entendo assim, que isso começa a mudar, como outras questões culturais começaram a cair. Então acho que é muito recente ainda dizer que tá tudo certo. A sociedade tradição

o pessoal mais velho, certamente tem uma visão bem mais diferente em relação a eles, mas eu diria que isso é natural, é outra geração é outra realidade, a gente tem que se preocupar é se a criança agora a fazer a diferença, aí é problema. Se alguém da nossa geração começar a criar um tipo de problema, é o problema, e isso eu não vejo muito não... é de geração e é velado, no sentido de todo mundo sabe que ser racista ou falar algo racista vai ser muito mal visto e condenado como um todo e todo mundo pisa em ovos ao chamar alguém de negro ou chamar algo assim, agora se a gente for pegar as rodas de conversa do pessoal mais velho, informal, volta e meia alguém mais velho, que está mais relaxado, eles falam uma bobagem assim, 'ai esses haitianos não deviam estar aqui não', mas é muito mais algo sem conhecimento do fato deles estarem aqui, e algo muito mais cultural" (Guilherme).

O racismo com os imigrantes haitianos toma as dimensões culturais, essencializando características que a população diz ser produto da cultura destes imigrantes. Tais informações transmitidas pela população lajeadense é um produto da indiferença e a falta de interação entre os dois grupos, pois isto faz com que os comentários estigmatizantes contra os haitianos possa ser naturalizado pela população dominante de Lajeado. O racismo, conforme descrito anteriormente, pode-se apresentar em duas dinâmicas, uma delas é a exclusão

"Não tem, até é, não sei se há uma orientação da empresa, não tem nenhum haitiano. E eu sei de outras empresas de construção que tem bastante, por exemplo a Meridional (nome fictício)... tem bastante haitiano... Eu tenho um colega, que ele é bem conservador, ele já deu a entender que não gosta muito, no sentido de tá abrindo as portas de tá oferecendo benefícios a quem não é daqui. Só que essa pessoa ao mesmo tempo fala que tem lugar pra trabalhar e tem brasileiros que não querem alguns trabalhos, se os haitianos vierem merecem essas vagas. acho que eles serem negros gera um preconceito sim, se fossem dinamarqueses, alemães, italianos... acho que seria outra receptiva. [...] eu acho que vai haver algum conflito, conflito de interesse, de espaço, pelo simples fato de tu ter um espaço certo pra ti, tá entrando mais um grupo que vai querer uma parte do espaço. [...] espero que esse pessoal imigrante vão precisar de uma voz política pra auxiliar eles a essa inclusão" (Evandro).

Embora muitos empresários tenham buscado na mão-de-obra haitiana uma alternativa para suprir a falta de demanda de tais postos de serviço, houveram empregadores que não queriam contratar os imigrantes, em conversas com haitianos os mesmos falavam que não eram contratados por racismo.

Como os haitianos acabam morando nos bairros afastados e estigmatizados pela população que não mora nessas regiões, muitos deles não têm contato algum com os estabelecidos e não interagem com eles, inclusive há moradores destes bairros estigmatizados que não conversam com os haitianos, portanto, a sociabilidade entre eles é resumida nas relações de trabalho, nessas, muitas vezes podendo existir formas de agressões ou piadinhas.

Tem, tem casos e casos claro (de racismo)... mas como eu, eu conheci os meus descendentes muito depois da imigração e quando eles vieram pra cá, era

basicamente rural, seria bem complicado querer julgar eles hoje, claro que nem os caras vinham pra cá eles iam trabalhar, pegar um lote de terra iam trabalhar ou iam trabalhar no lugar dos escravos na fazenda de café ou alguma coisa assim, mas hoje não tem mais tanto isso, tem o que que acontece, eles vendendo quinquilharias ou trabalhando em serviço mesmo mas ou ouço histórias, assim esses dias eu estava conversando com a minha namorada, ela leu de alguns casos que haitianos que ficam em abrigos, fazendeiros pegarem eles pra trabalhar, e depois que eles fazem trabalho, larga de volta e não pagam, porque foda-se sabe.. eles não tem direito... ou eles não sabem como provar, não sabem como funciona. Então os mesmos abusos, que os meus antepassados ou os italianos sofreram ainda hoje tá sendo feito, só que agora tá sendo feito por nós, como se não tivesse aprendido, né? Claro eu não sei de que descendência são essas pessoas que estão abusando das outras, mas, ahh eu como eu nunca conversei com um, eu acho que seria interessante, caso a gente conseguisse se entender, né? Pra saber qual é a perspectiva deles, porque eles vem aqui. Eu achei muito estranho eu vim nos Dick (parque da cidade) e vi eles aqui nos Dick tirando fotos do lado de arvoretinhas. Eu acho que eles vêm pra cá pelo mesmo motivo que a gente veio, então eu acho que vai ter diferença sim, eles são negros a gente, a grande maioria era branco, ahh eles, eles não vem pra cá tanto pro meio rural, eles vem pra cá mais pra procurar um emprego na cidade, talvez alguns até trabalhem até no meio rural, ou na construção civil que hoje é o mercado que melhor rende. Eu acho que é similar só que mais moderno, para outras profissões que existem hoje, fábrica... a condição fabril aqui provavelmente é melhor que lá, segurança, insalubridade que lá não deve ter... Claro que a gente tava povoando, tem também essa diferença. Claro tem que ter aquele controle aquele que te falei, mas acho que é similar só que mais moderno” (Felipe).

Apresenta-se então outra dimensão dos discursos da população de Lajeado, o fato de que os estabelecidos consideram que a imigração anterior, a que formou a cidade – a imigração histórica, composta de europeus, em sua maioria alemães e italianos – era diferente, era para povoar a região, logo ela era obrigatória. A imigração atual não, por isso que ela deve ser medida nas fronteiras com políticas para frear a entrada dos haitianos, da mesma forma que ocorreu com outros grupos étnicos como os chineses, no final do século XIX e a política de cotas de imigração na Era Vargas nos anos 30 do século XX. Deve-se salientar acerca disso que, em Lajeado, muito semelhante ao contexto do Brasil do século XIX especialmente entre os imigrantes europeus mais pobres, os mesmos afirmavam a importância fundamental da identidade racial (MONSMA, 2016). Isto quer dizer que, devido as recentes imigrações na cidade muitos dos habitantes de Lajeado, em sua maioria os que trabalham junto com os imigrantes, reproduzem uma suposta superioridade europeia, por se sentirem ameaçados com a vinda destes haitianos, precisando buscar em um antecedente étnico para essencializar e deixar clara a diferença entre ambos os grupos. Estes estabelecidos, embora pobres, ao menos “são” alemães e italianos, eles precisam reproduzir o discurso de superioridade étnica para se sentirem legitimados e parte dos dominantes. Já a elite branca da região, por outro lado, utiliza-se do discurso étnico de forma *glamourizada*, isto é, simplesmente como um eventual identificador, não sendo algo essencial na vida cotidiana. Na verdade, que pouco importa.

Os imigrantes haitianos relatam que eles veem o racismo em diversos aspectos da vida cotidiana na cidade, como

“nas ruas sim, porque como eu disse antes, tipo nas praças, eles sofrem muito disso. No ônibus sofrem, até nós temos um haitiano que é motorista de ônibus, ele trabalha no Nom (nome fictício), ele estava explicando semana passada como ele tava sofrendo preconceito, que quando os brancos sobem no ônibus para dar o dinheiro, eles ficam brabos com eles, ele disse que sofre muito” (Thiago).

Além da exclusão a outra dimensão do racismo é apresentar-se e ou ser decorrente da exploração. A mídia vinculou nos idos de 2014 algumas notícias acerca de trabalhos dos imigrantes haitianos que se encontravam em condição de semiescravidão, assim como também houveram relatos de haitianos que alegavam que eles eram explorados nos seus serviços, recebendo menos que os brasileiros, não tendo os direitos e também casos em que os seus patrões não os pagavam.

“Eu acho que no ambiente do trabalho é pior, porque a gente sofre, as pessoas chamando a gente de negros, veio pra roubar empregos, ahhh volta pro Haiti, a gente ouviu muito isso. Até tem haitianos sofrendo, não como posso dizer isso, outros brasileiros batendo em haitianos nas empresas, e eu vi que tem uma desigualdade, pelo que, nas empresas tem chefes dos setores, quando a gente sofre algumas coisas assim, o chefe não quer saber nada. Aconteceu comigo, eu trabalhava ahh ahh ahh eu vou dizer, eu trabalhava no Comidas Zequinha (nome fictício), e eu tinha intervalo de 10 minutos, sabe era de manhã cedo estava dormindo um pouco, de repente senti uma coisa batendo no meu rosto, era um pedaço de gelo. Peguei e mostrei para o chefe, e como se foi nada aconteceu, ele não disse nada. E fui na delegacia, eu disse, to trabalhando dentro de uma empresa, podia cair no meu olho, daí o chefe não disse nada, fui lá, fiz um BO, parece que a polícia civil ligou lá na empresa, no dia seguinte quando eu voltei me perguntaram porque eu tinha feito aquilo, bom, aconteceu e ninguém fez nada, eu sou uma pessoa, não precisava fazer, eu não iria fazer se vocês tomassem isso sério, mas não fizeram e eu tinha esse direito de fazer na polícia. E aí, eles começaram a me perseguir, até teve uma colega que bateu em mim, dentro da empresa me chutou, nesse dia eu fui demitido da empresa também. E tava me perseguindo, bateu em mim aí eu estava meio brabo, não não pode fazer isso e fui demitido da empresa. Esse é o meu caso, mas tem vários casos assim, os imigrantes não podem queixar nada, não, tem que fazer o trabalho e deu, então eu acho isso muito estranho. E eu trabalhei um ano e meio fora agora vou fazer dois anos aqui, mas eu ouvi muitas coisas horríveis que acontecem com os imigrantes. Tem bastante de violência. Até os chefes fazem violência com eles, não com quem falar e não tem os direitos que tem também, o pessoal aproveita disso, por ser imigrante” (Thiago).

Para a população de Lajeado, o lugar do imigrante é na fábrica, ele deve trabalhar muito duro e sem reclamar, caso reclame, se torna uma inconveniência. Deve-se destacar este aspecto, pois o contexto de Lajeado propiciou para que o ambiente de trabalho fosse o espaço que os haitianos relatassem existir mais racismo e discriminação, o primeiro dos motivos é justamente pelo fato de que em outros espaços ocorre pouca ou nenhuma interação entre os estabelecidos e os imigrantes, o outro motivo é que, como os estabelecidos sabem ou esperam

que os imigrantes não saibam os seus direitos, eles podem livremente ofender e xingar os imigrantes, inclusive os superiores podem o fazer, sem ter medo de serem processados ou demitidos por racismo, algo que não fariam abertamente com um brasileiro negro. Este fenômeno talvez não ocorra em cidades como Porto Alegre, onde os imigrantes podem ter maiores informações de seus direitos, principalmente pela existência de ONGs e entidades que visam auxiliar os imigrantes. Os haitianos são explorados no trabalho, eles surgem como mão-de-obra e apenas isso, são importantes para produzir e nada mais, caso questionem algo, serão um empecilho, não apenas entre seus colegas, mas também para seus superiores, que silenciam ou realizam agressões – físicas ou verbais – contra os imigrantes haitianos. Há casos de haitianos que se queixam do seu trabalho, da exploração e dos estigmas que a população utiliza contra eles, por serem negros e por serem forasteiros. Existem também por outro lado, os haitianos que não se queixam de seu trabalho, acham muito bom e que nunca foram alvos ou presenciaram atos racistas, e também aqueles imigrantes que silenciam os seus problemas, com medo de possíveis represálias ou até mesmo para não comunicar aos seus familiares que se encontram em péssima situação na diáspora, enviando apenas fotos felizes ou comentários positivos na internet para os seus parentes no Haiti, mesmo na realidade estar sendo o oposto.

O racismo apresenta-se para a população estabelecida de Lajeado como sendo algo *“meio triste em 2016 você ter que pensar onde mandar um semi refugiado por causa da cor e país de origem. Mas, é a realidade né...”* (Márcio), ou

“mesmo vivendo em épocas onde o racismo e preconceito estão fora de moda, ainda temos pessoas que teimam em bloquear a mistura racial que esse crescimento vai atingir na população. O bom disso tudo é saber que essa mistura é inevitável, já que todo o crescimento populacional traz pessoas de fora. Atitudes sociais, morais e filosóficas nos mostrarão o quão bom é nos misturarmos entre nós” (Alexandre).

Também existe a constatação entre os estabelecidos de que

“Tem histórico de não violência entre etnias no Brasil, de violência quero dizer de violência mesmo, de se matar. Não to falando dessa violência urbana. É uma tendência não dá pra lutar contra e o Brasil tem que procurar trabalhar e socializar eles e não tem que lutar contra... Não... cara... (silêncio) não é ruim, não é ruim... não dá pra dizer que é ruim, não dá para negar... não dá pra fechar as portas pro país... eu acredito que tem um potencial pra ser bom e tem um potencial pra ser ruim, tá muito cedo pra saber se é bom ou ruim” (Guilherme).

Neste sentido, os casos de racismo que ocorrem com os imigrantes haitianos são uma realidade corriqueira, embora alguns estabelecidos pensem que são pequenos casos isolados

de alguns indivíduos que os realizam. É constante a associação que a população estabelecida faz do racismo com a agressão física, esquecendo-se de que atos verbais e naturalizações como brincadeiras e piadinhas são desencadeadoras do racismo. Os imigrantes haitianos ou pessoas que são alvos de racismo, pelo contrário, não se esquecem destas manifestações e brincadeiras.

Existem os habitantes estabelecidos de Lajeado que reconhecem o preconceito e racismo contra os imigrantes haitianos, outros que consideram que o racismo não existe, assim como também aqueles que são indiferentes,

“Eu, por ser árabe, sofro um pouco de preconceito, por estar sempre sendo comparado aos radicais que aparecem nas televisões cometendo atrocidades por aí. Mas sei que isso acontece também com as outras raças, alemãs, italianas e etc, porém sim, acredito existir uma diferença de tratamento dos imigrantes antigos e os imigrantes atuais. Muitas vezes os próprios imigrantes antigos regem como se fossem melhores que os imigrantes atuais, porém eles não passam de ser a mesma coisa que os imigrantes atuais são, com um diferencial pequeno de estarem a mais tempo por aqui (Alexandre).

Esta dimensão dos estabelecidos se acharem superiores foi constante entre os moradores de Lajeado, alguns se consideravam superiores, especificamente por terem uma cultura que diziam ser melhor, diferente da dos imigrantes haitianos que para eles era pior. Os casos de racismo contra os haitianos então ocorreram mais nos ambientes do trabalho, principalmente por ser um dos únicos locais onde os haitianos e os estabelecidos possuíam uma espécie de interação direta. Neste espaço, houveram ofensas, piadas e alguns casos de agressões. Já nos outros espaços da cidade, em sua maioria o racismo ocorria a partir da ofensa, mas principalmente nas conversas e fofocas que a população estabelecida fazia entre si falando sobre os imigrantes. Abordaremos agora acerca da estigmatização dos imigrantes haitianos pelos lajeadenses estabelecidos e os estigmas que a população de Lajeado construiu para estereotipar os imigrantes haitianos.

Os imigrantes haitianos estigmatizados em Lajeado

Buscamos analisar e compreender nesta dissertação como na vida cotidiana, através das falas, discursos, comentários e gestos que as pessoas utilizam em seu dia-a-dia podem expressar a estigmatização contra os imigrantes haitianos, devido ao fato de que as experiências cotidianas nos permitem acessos fáceis aos estigmas sobre determinados grupos ou territórios por meio de expressões, comentários, piadas e pela mídia (TELLA, 2008,

p.153). Nas relações cotidianas pode-se perceber que a população estabelecida de Lajeado evita o contato com os haitianos, e esta falta de interação com os imigrantes auxilia na propagação de fofocas e informações exageradas acerca dos haitianos. Compreendemos que

O indivíduo do grupo dominante que se molda em um contexto em que os integrantes de determinado grupo étnico são percebidos e tratados como intrinsecamente diferentes e inferiores incorpora a percepção dessa inferioridade como “natural”, muitas vezes sente repulsa às pessoas assim estigmatizadas e reage com estranheza, deboche ou até ultraje quando indivíduos da “raça inferior” se encontram “fora do lugar” ou fazem exigências “descabidas”, ocupando posições sociais superiores ou reivindicando dignidade e consideração (MONSMA, 2016, p.336).

A partir do momento que um grupo étnico diferente do que era estabelecido na cidade migra para o local e os moradores percebem que “não tem como lutar contra”, eles constroem mecanismos para legitimarem sua superioridade, para manterem este novo grupo étnico em “seu lugar”, para isso estigmatizam este grupo. Os estabelecidos esperam que os imigrantes assumam o seu lugar, que é o de trabalhar sem reclamar e sem aproveitar os espaços de lazer.

A estigmatização é transmitida em forma de rede de fofocas pela população local, desconhecendo se é verossímil a informação, a população comenta e reproduz a informação sem se questionar. Percebe-se, por exemplo, em casos como, “quando realizei uma aula sobre imigrações, ouvi muita resistência dos alunos, comentários contra os imigrantes haitianos” (Denise) esta reprodução dos alunos foi um produto proveniente das informações que eles recebem dos pais, e os pais por sua vez de sua rede de fofocas e sociabilidade, importantes instrumentos para desqualificar a população imigrante. Há junto disso todo um debate entre a população estabelecida de que “sejamos sinceros, meio burrice trazer eles pra cá, né?” (Márcio), consideram que o Brasil não estava preparado para receber os imigrantes. Os haitianos quando são alvos de preconceito pela população, dificilmente vão denunciar,

“ouvi de um haitiano que foi maltratado enquanto trabalhava de frentista em um posto. No caso a pessoa teria dito para o haitiano que ele deveria ir embora, pois estava tirando o emprego dos brasileiros. Os haitianos dificilmente prestam queixas, não sabem de seus direitos” (Ismael).

Os imigrantes haitianos dificilmente prestam queixas por dois motivos, o primeiro é o desconhecimento de seus direitos e o segundo - conforme apresentado no capítulo 1 - é o silenciamento que os haitianos fazem para não criarem casos e terem problemas com os demais, preferem ficar quietos para não piorar a situação. Os que eventualmente denunciam, acabem sendo alvos de rechaças de seus colegas ou superiores.

Entre os estigmas mais presentes que a população estabelecida alega que os haitianos tenham inerentes é de que a sua cultura é inferior que a dos cidadãos da cidade e que a presença destes imigrantes vai trazer um atraso para a região, assim como eles possuem uma má higiene, muitos estabelecidos reclamam do suposto odor que eles exalam, há também muito presente a reclamação de que eles são barulhentos, que eles aparentam estar brigando o tempo todo enquanto falam, além é claro da desconfiança de que eles podem ser na verdade terroristas disfarçados. Porém, os estabelecidos enaltecem o lado trabalhador dos haitianos, mas, esperam que os mesmos sejam apenas trabalhadores, ou seja, uma mão-de-obra para servir e pronto, negam os seus anseios como indivíduo que está procurando melhorar de vida. O fator do trabalho foi um grande diferenciador entre os haitianos e os brasileiros negros, pois a população estabelecida enalteceu o fato dos haitianos serem muito trabalhadores. Junto ao trabalho, é comum que a população local essencializar a sua origem étnica,

“Somos alemães e italianos... isto já me diz muitas coisas.... somos preconceituosos. Já ouvi manifestações negativas e preconceituosas, sim. Não é uma questão de concordar ou não. É algo que faz parte do desenvolvimento do ser humano. Todos somos diferentes uns dos outros. A gente aprende com as diferenças. O desenvolvimento da humanidade passou por isto e vai continuar sendo assim. É uma aprender e aceitar o tempo todo!” (Maria).

Os estabelecidos reconhecem o valor do trabalho, muitos alegam que o progresso da região é proveniente da origem dos imigrantes históricos que eram muitos trabalhadores, portanto, os estabelecidos veem com melhor olhos os imigrantes do que os brasileiros negros, no que tange o aspecto de trabalho, todavia, seguido disso surgem as ressalvas. Muitos estabelecidos reconhecem a existência de preconceito contra outros grupos étnicos devido a sua origem étnica, alguns alegam ser algo do passado, outros que ainda é presente, mas pode-se dizer que nas entrevistas e conversas informais foi quase unânime entre os estabelecidos salientar que os preconceituosos sempre eram os outros, os relatos de racismo ou estigmas contra os haitianos, em sua maioria, eram informações que haviam ouvido de outros, assim como as características que atribuíam aos haitianos eram informações que haviam ouvido de outras pessoas falarem acerca deles, visto que a maioria não mantinha um contato com algum haitiano ou sequer já havia conversado com um. Os estabelecidos que realmente expressavam a discriminação de maneira aberta eram uma minoria, mas que, quando juntos em um pequeno grupo de amigos era quem ditava os atributos dos haitianos e os demais acabavam por concordar com essa opinião, reproduzindo assim os estigmas.

O local de trabalho, que foi descrito anteriormente, foi um dos espaços aonde se apresentaram de forma mais visível a estigmatização contra os haitianos

“E, eu já ouvi histórias de preconceito com eles, de eles sofrerem abusos, porque aqui eles não têm direitos ou não reconhecem os direitos deles né? Ahh, que nem eu tenho um colega lá na empresa, que ele trabalha ele trabalha comigo, mas ele ajuda na construção civil, né? E ele falou que tem um haitiano que entrega material de construção para eles, em um caminhão. Não contratado deles, mas uma empresa que eles compram material, e aí um dia ele reclamou, tipo ahh haitiano não entende as vezes tem gente no facebook vem xinga haitiano e haitiano nem conhece, ou ahh tem aqueles caras do cigarrinho pequeno vem dá soco em haitiano e leva sacola de haitiano, sabe eles nem conseguem prestar queixa. Então isso é, é um comportamento bem inaceitável. Mas a minha parte não tem problema nenhum, eu acho triste que tenham pessoas que tenham uma resistência tão grande, sabe! Ahhh (sic) Que deixem a mostra essa resistência, que não deixem essa opinião pra elas” (Felipe).

Há muitas pessoas que possuem alguma resistência com a permanência dos haitianos em Lajeado e preferem manter a opinião resguardada em sua esfera privada e seu núcleo mais íntimo de amigos. Outros, por outro lado, expressam de maneira aberta o desconforto com a presença dos imigrantes haitianos na região. Este aspecto de manter a opinião no privado foi se apresentando nas entrevistas e principalmente nas observações e conversas informais, que com o passar do tempo enquanto a conversa ocorria, as pessoas demonstravam de forma mais clara o preconceito, aquela discriminação que ficava restrito ao âmbito familiar e de amigos próximos, começou a ser mais exacerbado frente a este grupo estrangeiro. Houveram estabelecidos que não expressavam comentários preconceituosos de maneira aberta, mas em relação aos haitianos era diferente, contra esses eles expressavam corriqueiramente. Nas conversas de bares e botecos da cidade era onde circulavam as informações mais preconceituosas contra os imigrantes haitianos.

Muitos dos moradores da cidade, mesmo jamais entrando em contato com um imigrante, veem com maus olhos a presença de tais imigrantes, a população de Lajeado alega saber diferenciar um “haitiano”, ela presencia e constrói símbolos que representam a identidade desse haitiano, o primeiro destes é a linguagem, pois a comunicação que eles utilizam é diferente pois eles falam em outro idioma. As vestimentas também são diferentes, assim como as formas que se expressam e como vivenciam o cotidiano. A população local reclama que eles são muito barulhentos, que eles falam alto demais, gritam e parecem estar brigando. Todavia, esta é a mesma população que costuma andar com o carro de som com volume muito acima do permitido e com suas festas em suas casas com o volume alto até altas horas da madrugada e deixam muita sujeira ao redor dos entornos dos espaços públicos

que frequentam. Todavia, tais casos segundo os estabelecidos, como apresentado em Elias e Scotson, são “exceções isoladas”, os haitianos barulhentos são uma unanimidade de todo o grupo étnico. Da mesma forma deve-se compreender que determinados estigmas construídos entre os estabelecidos, como por exemplo o de que as famílias italianas são pessoas que falam alto e costumam aparentar estarem brigando quando falam. Embora essas características possam parecer com a que é atribuída aos haitianos, no caso italiano é visto como algo cômico, cultural de forma positiva, já para os haitianos é algo negativo, pejorativo e proveniente de uma cultura inferior.

O imigrante haitiano é visto pela população estabelecida de maneira pejorativa, com algumas diferenças em relação ao brasileiro negro. Principalmente porque, segundo os estabelecidos, esses novos negros não se “colocam” no devido lugar que os negros deveriam estar, para os brancos dominantes, essa ruptura de roteiro de como deveriam agir, causa um desconforto, uma ruptura do roteiro de como a vida cotidiana deveria seguir na região, o que aumenta a preocupação – e proliferação de fofocas – contra estes imigrantes negros que não sabem o seu devido lugar. Pois além de roubar os empregos, eles trazem ameaças que podem desestabilizar a forma como as pessoas viviam em Lajeado até então, pois estes novos negros circulam espaços e anseiam objetivos que não deveriam.

Os brancos pobres podem se sentir ameaçados com a presença destes imigrantes negros, pois eles são vistos como bons trabalhadores pelos brancos de classe média e classe alta, logo, os brancos pobres utilizam do discurso étnico para manter uma superioridade na qual se justifica que mesmo estando na mesma posição econômica que os imigrantes negros, os brancos pobres possuem uma superioridade pela característica étnico-cultural. A relação de estabelecidos e estrangeiros ocorre,

“Eu acho que eles vão pegar mais resistência da população e da parte de adaptação vai ser mais complicado pra eles, por ex imigrantes alemães e italianos assim que eles chegaram eles foram incentivados, encaminhados pra terras... e eu vejo o governo brasileiro um tanto quanto sei lá, estão deixando eles entrar mas não tão dando uma atenção devida, não estão se esforçando pra encaminhar eles pra uma área de labor. Não adianta só deixar essa população entrar, usar benefícios e deixar eles na margem da sociedade, eles têm que participar, de forma a contribuir pra coleta de impostos, cidadania. Que é uma máquina, se tu quer participar de programas de certa forma tu tem que tá ativo, contribuindo de certa forma, trabalhando ou estudando, formal ou informalmente... mas o que me parece ser mais pertinente, é tá encaminhando pra empresas e coisas assim” (Evandro).

Deve-se destacar que no caso de Lajeado não foi apresentado pela população estabelecida o estigma muitas vezes presente sobre os brasileiros negros acerca da violência e criminalidade, os lajeadenses de uma forma geral não achavam que estes imigrantes iriam trazer um aumento de criminalidade na região, apenas alguns poucos se apresentavam receosos de que a criminalidade poderia aumentar. Para esses, os discursos eram um pouco mais exagerados, como ser cauteloso de que alguns imigrantes poderiam ser terroristas, mas não era uma informação unânime sendo transmitida pelas redes de fofocas e informações da população estabelecida.

“Se parasse para ver a taxa de criminalidade, eu já escutei, alguma pesquisa coisa assim, que a taxa de criminalidade desses imigrantes é bem baixa. Menos que a taxa de criminalidade entre grupos daqui, da região mesmo. Então, enquanto continuar baixa essa taxa, não teria problema, mas a partir de certo momento que tu percebe que esta imigração tá gerando mais violência, mais criminalidade, do que em relação ao que já existia, aí se torna um fato ruim. Ou seja, se a mudança gerar uma criminalidade, se torna pejorativo. O que não pode é o governo deixar essa peteca cair, deixarem esses imigrantes se tornarem grupos vulneráveis, mais propensos à criminalidade” (Evandro).

Por outro lado acerca desta questão de taxa de criminalidade, há haitianos que reclamaram de terem sido assaltados no percurso do trabalho para a sua casa, *“ainda tá acontecendo, principalmente tem um bairro aqui, o Praia, é muito perigoso, agora diminuiu porque eles começaram a entender que eles vão trabalhar em grupo, de dez, quinze, mas se vai um ou dois, eles vão ser assaltados. Pegam os objetos, dinheiro que tem” (Thiago).* Também se referindo acerca desta questão de imigrantes assaltados, um site de notícias vinculou um caso³³ relatando xenofobia contra os imigrantes haitianos, na matéria, um haitiano teria sido espancado e assaltado. Devemos fazer uma ressalva, pois este caso que o site vinculou e que se passou na cidade de Lajeado, é o mesmo relatado por Thiago e outros haitianos. Na verdade, o fato da agressão e roubo não foi por serem haitianos, portanto não pode se enquadrar como xenofobia, da forma que o site declarava ser, talvez para tentar atrair mais visualizações ou legitimar alguma posição política. Este caso não pode ser considerado como xenofobia, pois é mais o produto do acaso, pois esta região na qual o haitiano circulou, andando da indústria alimentícia que eles trabalham, até as regiões que os haitianos estão morados são considerados como locais bastante perigosos, principalmente na hora da madrugada – horário na qual os haitianos trabalham e saem do expediente, pois os mesmos

³³ Disponível em <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/02/haitiano-e-espancado-ate-desmaiar-rs.html>, acesso em 12/08/2015.

ficam inclusive nos horários de expediente no qual é difícil recrutar mão-de-obra dos estabelecidos – neste horário é costumeiro haver toxicodependentes de crack, os quais assaltam todas as pessoas que circulam a região, portanto, este caso não pode ser enquadrado como xenofobia ou um assalto exclusivo por se tratar de um haitiano, qualquer pessoa que circulasse a pé neste local no mesmo horário acabaria sendo assaltada. Abordamos esta questão específica, pois não podemos também considerar que todos os aspectos pejorativos contra os imigrantes sejam produtos da xenofobia ou até mesmo do racismo, na verdade, precisamos analisar bem o contexto específico, pois existem também as inconveniências de estar no lugar errado, na hora errada. Os haitianos acabaram morando em locais com péssimas condições, em bairros que já eram estigmatizados pela população estabelecida dos bairros centrais ou em regiões consideradas nobres.

A estigmatização ocorreu também pelo viés cultural, devido ao fato de que a população local alegou que estes imigrantes estavam trazendo um atraso para a cidade, os estabelecidos se vangloriam de sua ancestralidade alemã e italiana, dita como melhor por eles, já a cultura dos haitianos seria inferior e que traria atraso para a região.

Deve-se salientar que os haitianos também são explorados em outros ambientes fora do trabalho, em sua maioria, no aluguel de imóveis,

Nos alugueis, eles tão sendo explorados, porque uma peça que custaria 200 eles vão pagar 400 reais, isso acontece. E a maioria moram no bairro Praia. Porque é aonde tem casas mais precárias, baratas. Mas pra eles são caras. Eu moro numa casa eu to pagando 850, mas é uma casa boa, pra dizer. Lá embaixo tem pessoas que pagam mais do que eu, numa casa feia que nem tem condição, e as pessoas não querem saber. As vezes tem problema no banheiro, é sempre uma briga. Porque eu me envolvo nisso porque eles me procuram pra ir lá falar com os donos. E que não deveria acontecer, se tem algum problema o dono a casa tem que arrumar, mas com o haitiano não é assim, ele tem que se virar. Quando vou lá, eles as vezes (sic.) não vamos arrumar, quando não foi, não vocês tem que resolver, aí eu vou lá resolver, não é um direito deles, então vamos arrumar. Às vezes demora, mas eu vou lá direto e eles acabam arrumando. E isso é frequente, uma vez eu fui lá reclamar porque o haitiano ficou uma semana sem luz na casa, tudo que ele comprou estragou. Eu fui falar o dono da casa e disse, mas isso é impossível ninguém da cobrando nada. O dono disse, tem que usar vela, eu fiquei brabo, não tu não pode responder isso, porque ele pagou, é um direito dele, vocês tem que arrumar. Eu disse pra ela, você vela na sua casa para ligar a geladeira e fazer tudo? E ela disse, não não eu não disse por mal, mas é preconceito. Aí no dia eles foram lá arrumar, foram ligar a energia. Então, como os que não fala que não sabem os direitos, eles sofrem muito” (Thiago).

Os alugueis são cobrados em valores muito maiores para os haitianos, em regiões na qual o aluguel seria muito mais barato. A exploração neste aspecto é constante, assim como

quando surge um problema no imóvel, os proprietários demoram dias para arrumar o problema, muitas vezes ocorrendo só quando outros interferem para que o problema seja solucionado. Muitos dos locadores de imóveis começaram a ganhar uma maior renda com a locação de imóveis de baixa qualidade a preços altos para os imigrantes, estes são unânimes em dizer que a imigração foi muito boa, embora haja muitos que afirmem ter existido uma desconfiança inicial em alugar um imóvel para os haitianos. Deve-se salientar que os haitianos não são explorados e estigmatizados em todos os contextos e situações, também existem locais nos quais os imigrantes não são explorados, por exemplo, nos pequenos mercados locais, estes muitas vezes vendem seus produtos em forma de fiado para os haitianos, ou seja, os comerciantes anotam em um caderno as compras dos clientes e os mesmos pagam outro dia ou quando recebem seu salário. Existem pequenos comerciantes que lidam com os haitianos e os consideram bons pagadores, portanto esta relação varia conforme o contexto.

Os imigrantes haitianos também reclamam que nos espaços de sociabilidade cotidiana, como parques e praças, em seus momentos de lazer, existe a falta de contato da população estabelecida. Acerca disso, pode-se especular que tal agir pode tanto ser o preconceito de não querer permanecer com os haitianos, como em eventos observados na qual um casal de haitianos estava namorando na concha acústica do parque dos Dick e algumas pessoas estabelecidas olhavam e faziam comentários de reprovação, mesmo tal casal só estando sentado conversando, assim como em partidas de futebol dos haitianos que ocorrem separadas das dos estabelecidos, havendo poucos casos de jogarem juntos, quando ocorre é em um pequeno número como um ou dois indivíduos. Não sentar próximo dos haitianos, além é claro dos olhares de reprovação, as pessoas que atravessam a rua para não passar perto dos haitianos e também os comentários pejorativos feitos entre si contra os haitianos são sinais de estigmatização. Todavia, ao considerarmos de forma tipificada, ou seja, como um determinado fenômeno é classificado conforme experiências anteriores, auxiliando para tornar o nosso mundo mais previsível (GIDDENS, 2012, p.72), a ressalva a ser feita é que Lajeado é uma cidade cuja população é considerada em termos de senso-comum, como sendo muito “fechada”, as pessoas pouco interagem com desconhecidos ou pessoas novas, inclusive muitos estabelecidos que foram morar em Lajeado costumavam reclamar da dificuldade em fazer amizades, portanto, não podemos classificar e generalizar o aspecto dos locais não conversarem com os haitianos ou se levantarem quando os mesmos se sentam como sendo

exclusivamente pelo fato deles serem haitianos, este fato ajuda, mas há junto a isso a característica de uma população pouco aberta a interagir com novas pessoas. Portanto, essa característica de pouca interação com pessoas desconhecidas potencializou a indiferença, assim como também desencadeou as fofocas e as informações falsas sobre os imigrantes, como racializar e considerar todos os imigrantes como sendo haitianos, os estigmas de odor, barulho, atrasados, ignorantes, que possuem uma cultura inferior, de que são invasores, portadores de doenças entre outros. Quando um grupo dominante constrói estereótipos de outros grupos sociais minoritários, pode vir a tornar-se uma tipificação perigosa, pois torna muito difícil qualquer forma de contato ou até mesmo compreensão do outro, o que estimula ainda mais a estigmatização. Também nesta questão, não se pode esquecer de que a discriminação racial tipicamente envolve a ambiguidade, isto significa que não é possível ter certeza de que se trata de preconceito ou não.

Neste sentido, o fato destes imigrantes serem negros e aos olhos dos estabelecidos possuírem uma cultura supostamente inferior, corroborou para aumentar a falta de interação e até mesmo evitar contato com eles,

“No meu relacionamento diário com pessoas da cor negra ou imigrantes. No trabalho é onde acontece, primeiro que eu não vejo diferença alguma entre o branco e negro brasileiro, no atendimento. A maneira como atendo o negro brasileiro é muito parecido de não ser submisso, de uma conversa normal de pessoas, já diferente do haitiano, se for um imigrante por exemplo chinês ou japonês, humilde que veio por necessidade, a diferença do imigrante pro nato não tá na cor, com certeza está na situação que a pessoa de fragilidade ele teve que imigrar. Diferença existe, mas não tá na cor, mas na maneira como eles vivem” (Guilherme).

As relações inter-étnicas muitas vezes se resumem ao local de trabalho, visto que parte da população mantém contato pessoal com sua rede e pronto, pouco interagindo com pessoas mais distintas delas. As relações no trabalho costumam ser o mais formal possível, muitas vezes nem mesmo interagindo diretamente com o outro³⁴.

Deve-se salientar também que existe junto aos haitianos o estigma de que eles são coitadinhos e bastante submissos e fazem bem o seu trabalho, este estigma de forma corriqueira caminha junto ao estigma do medo de que eles estão apenas representando um papel, e que logo podem revelar quem verdadeiramente são, podendo em consequência disso, trazer problemas sérios para a região.

³⁴ Neste caso é claro, existe também a dimensão de classe, que não abordamos nesta pesquisa, pois os negros que se encontram na classe média vão interagir com os brancos da mesma classe.

Um dos principais instrumentos utilizados pela população ao tipificar e estigmatizar os haitianos é a fofoca, esta muitas vezes surgida nas conversas informais entre os estabelecidos e também as informações que leem na mídia, tanto local como nacional e internacional. O espaço virtual e o sensacionalismo jornalístico possibilitam muito a proliferação de discursos como o de que o “Haiti é a síntese do atraso e do subdesenvolvimento, este pensamento, de algum modo, é acolhido e reproduzido por grupos midiáticos que recorrem ao sensacionalismo para atrair mais audiência” (SANTOS; CECCHETTI, 2016, p.69). Neste aspecto, os comentários dos leitores nas matérias publicadas de forma online, possibilita – anonimamente – as pessoas externalizarem seus pensamentos, que ficavam escondidos no âmbito privado e familiar, ou muitas vezes resguardado apenas para eles mesmo. Na internet, eles podem encontrar-se com pessoas que compartilham do mesmo pensamento, o que potencializa os discursos de ódio e xenofobia, nos espaços de comentários dos leitores nas matérias jornalísticas online pode-se ler comentários como³⁵

“SUGIRO QUE O GOVERNO DÊ BOLSA REFÚGIO, CASA, ALIMENTAÇÃO, PARA TODOS!!!! INCLUSIVE PARA OS FAMILIARES QUE AINDA ESTÃO POR VIR!!!! BEM VINDOS!!!! PEÇO TAMBÉM QUE RECEBAM O DIREITO DE VOTO, O PT PRECISA PERPETUAR NO PODER!!!” (Guilherme C).

E também

“Vejam aqui mais uns alienados, parecem criança que nunca viram um cachorro bravo, acham que é amigo, mas quando o bicho começa a mostrar as presas saem correndo chorando... Logo esses estrangeiros começam a mostrar suas "presas" também. É só questão de tempo. Quero ver se esse discursinho de bons samaritanos vão continuar” (Nanda).

Também surgem comentários como *“Faltou esclarecer essas pessoas ESTAO FAZENDO O QUE EM SP? TRABALHANDO EM QUE? PASSAM O DIA CANTANDO NA ARQUIDIOCESE?”* (Maria Riot). Soma-se a tudo isso a existência de um discurso conspiratório que também foi dito por alguns poucos moradores em Lajeado, *“Eu iria além, dentro do cenário de medo: O refugiado de hoje, será o guerrilheiro do governo comunista de amanhã”* (André Brizotti), ou seja, veem a imigração como uma estratégia política, em sua

³⁵ Os comentários estarão em itálico e entre parênteses a forma que o indivíduo se nomeou no espaço do leitor, da mesma forma que o comentário será escrito exatamente como o mesmo foi redigido, isto inclui os eventuais erros de português e se o texto foi escrito todo em maiúsculo, que muitas vezes na internet, representa a pessoa estar gritando.

Para ilustração utilizamos apenas os comentários de uma matéria escolhida de forma intencional, mas que é repetido em diversas outras, inclusive no Facebook local aonde muitos também escrevem o seu preconceito abertamente.

Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/refugiados-gravam-musica-e-video-em-que-agem-aberto-no-brasil.html>, acesso em 08/12/2016.

maioria comunista, cuja intenção final e secreta é a de acabar com o Brasil. Por outro lado, existem pessoas que criticam esses posicionamentos, inclusive demonstrando o quão racistas e preconceituosas tais palavras podem ser, “*Sério mesmo que li estas barbaridades preconceituosas aqui? Se fosse poloneses, alemães ou italianos não tinha ninguém falando nada. Povo racista*” (Lucas Rosa) e

“Curioso. Não vejo tanta hostilidade quando se trata de imigrantes italianos, alemães, portugueses, enfim de países "brancos" e com relativa estabilidade econômica. Acredito que essa repulsa contra os haitianos e africanos não é meramente xenófoba. Tem racismo também” (Bruno Beto).

O preconceito maior contra estes imigrantes apresenta-se na dimensão étnico-racial, já que estes imigrantes são negros e causam um desconforto maior a população, existe também a dimensão de que este indivíduo é estrangeiro, então soma-se também o aspecto de ameaça vinda de fora e a dimensão cultural de que vão trazer atrasos para o país. A dimensão do novo racismo, com o viés cultural aparece em comentários como “*Sou contra a entrada e permanecia deles no Brasil, taxa de desemprego subindo, e mais pessoas chegando para competir no mercado de trabalho. fora que em suma suas culturas não agregam nada de valor para o Brasil*” (Walter Arruda), isto demonstra o aspecto cultural do novo racismo, pois estes imigrantes supostamente não iriam “agregar nada” com sua cultura para o país, embora os mesmos apresentem justamente saber nada sobre esses imigrantes e as suas culturas, como eles afirmam que seria agregado nada sem conhecer, é um mistério muito presente na internet. Da mesma forma os internautas justificam a imigração histórica (dos europeus) como se tivesse sido algo necessário e obrigatório, que trouxe avanços ao país. Já a atual, por serem negros,

não, GIL MENEGOLI Sim, mas não eram guerrilheiros e os tempos eram outros. Onde havia uma terra esperando pelo progresso. Hoje não tem mais espaço pra isso, ainda mais para receber esta horda de homens, com idade e porte militar provenientes de países onde violência tribal, estupro e guerrilha são comuns!” (André Brizotti).

De forma semelhante, as matérias vinculadas por mídias oriundas de Lajeado, pode-se perceber comentários como³⁶

ENQUANTO ISSO TEM PESSOAS AQUI MESMO EM LAJEADO DESEMPREGADAS COMO EU E QUE NÃO GANHA OPORTUNIDADES DE TRABALHO DESTAS EMPRESAS EU PERGUNTO PORQUE AS EMPRESAS VÃO

³⁶ Disponível em <http://www.independente.com.br/estrangeiros-serao-cadastrados-para-conseguir-beneficios.html>, acesso em 25/07/2015.

PARA FORA DO PAIS PEGAR TRABALHADORES ENQUANTO AQUI MESMO EM LAJEADO TEM PESSOAS COMO EU DESEMPREGADAS E SEM RENDA NENHUMA PARA SOBREVIVER.GOSTARIA QUE A RADIO INDEPENDENTE COMPARILHASSE ISTO E MANDASTE ESTE RECADO AOS EMPRESARIOS DAQUI DE LAJEADO SE ISTO NÃO FOR PEDIR DEMAIS PARA A RADIO FAZER (Julio Canabarro).

O interessante a ser destacado é que o mesmo comentário posteriormente foi apagado, se pelo próprio autor ou pela rádio, é uma incógnita. Mas este comentário demonstra um morador que se apresenta bastante indignado por um suposto benefício que os imigrantes iriam receber ao realizarem um cadastro. Uma informação provavelmente precipitada, pois é possível que a matéria não tenha sido lida pelo leitor indignado, que viu apenas o título da manchete e em sua situação de encontrar-se desempregado ficou bastante indignado, escrevendo o seu comentário. Assim como na matéria que cita o caso em que um casal de haitianos realizou o matrimônio e se casaram na cidade³⁷, junto à matéria havia o comentário,

Só aqui no Brasil que acontece isso... Vai para os Estados Unidos, Vai para a Europa e tenta alguma coisa!!? vai conseguir a deportação!! É só o Brasil que é bagunçado e tem "um coração" enorme para ajudar os outros.. sendo que a justiça não ajuda nem brasileiros natos.. Esse é nosso Brasil, esta é nossa Lajeado!! Segurança, trânsito, infra estrutura e saúde um lixo... mas os casos supérfluos são atendidos e rapidamente!! Parabéns Meritíssimo, agora por favor comece a julgar justamente os casos de nossa cidade... (Alfredo C.N.).

Muitas informações que vinculavam o auxílio dado aos imigrantes era remetido pela população estabelecida como algo supérfluo ou extremamente ruim, pois a população local que “paga seus impostos” não estava recebendo o mesmo. Ou seja, qualquer informação que mostrava uma ajuda aos imigrantes era má vista por alguns dos estabelecidos. Não podendo desconsiderar que também existia a conspiração de que a imigração era toda uma estratégia de um determinado partido para manter-se no poder, quanto a isso existiam também as constatações³⁸ como

Eu luiz, também estou interessado ha uma das vagas para a região. Se são especializados, duvido que no país de origem não tenham vagas para trabalhar. É só tentar pois com o dinheiro que a Dilma perdoou aos países africano, bem que poderia ter mandado para la na reconstrução daquele país (Luiz).

Este caso exemplifica a total falta de conhecimento dos moradores, primeiro, pois consideram um suposto dinheiro enviado pela então presidente da República para perdoar

³⁷ Disponível em <http://www.independente.com.br/em-cerimonia-inedita-no-pais-haitianos-casam-se-em-lajeado.html>, acesso em 24/02/2016.

³⁸ Disponível em <http://www.independente.com.br/estrangeiros-reivindicam-empregos-condizentes-com-suas-formacoes.html>, acesso em 24/02/2016.

dívidas de países, desconsiderando toda geopolítica e estratégias – de dominação – por trás de muitas ações políticas internacionais. E como se isso fosse um problema a ser jogado para outros povos, algo para outros se “preocuparem”, questão essa, que também é uma estratégia utilizada na esfera da geopolítica.

As notícias que possuem a opção de escrever comentários dos leitores anônimos são as que mais possibilitam a existência de comentários racistas e xenófobos, justamente pela “liberdade” do anonimato. Portanto, “cabe questionar a quem e com quais objetivos interessa fazer uma estimativa tão exagerada e completamente fora da realidade? A não ser para estigmatizar e marginalizar ainda mais a esses imigrantes” (RIBEIRO DE OLIVEIRA, 2015, p.141). Muitos brasileiros associam o Haiti com a África, primeiro devido ao fenótipo da pele dos haitianos, segundo com o imaginário que elas têm da África como sendo um local repleto de miséria e um cenário de uma distopia pós-apocalíptica. Como os haitianos são provenientes de um país pobre (o mais pobre das Américas), logo, a associação com essa África imaginada é mais um mecanismo que os brasileiros utilizam para associar formas de estigmas para os haitianos.

Os comentários mais recorrentes na internet para os que defendiam os haitianos era para que os levassem para suas casas se tivessem pena. Somados com os argumentos de forte associação com a miséria, de que eles possuíam cultura inferior e iriam “destruir” a cultura brasileira, também das associações com o estigma de que são portadores de doenças, ignorantes, possíveis terroristas, entre outros. Os meios de comunicação abordaram o tema da imigração e acabaram tornando-se um instrumento que ampliou o discurso de que esta imigração seria uma ameaça fora do controle. Vale salientar também que devido a essa onda negativa e vinculação de falsa informação, alguns haitianos passaram a evitar conversas com jornalistas,

porque estes usavam as informações e fotos para reforçar estigmas e estereótipos associados ao Haiti e à sua população, ressaltando a miséria, a violência e as doenças. Não queriam ser ligados a tais imagens e representações, sobretudo pelo receio de os familiares no Haiti saberem das situações precárias nas quais viviam no Brasil (HANDERSON, 2015, p.64).

Algumas notícias sobre os imigrantes vinculadas em Lajeado clarificam e demonstram uma falta de interesse da população em se informar sobre estes novos grupos étnicos, divulgando informações superficiais ou algumas vezes equivocadas. Não podemos esquecer

ou negligenciar que há também o outro lado das mídias, aquelas que apresentam matérias em busca de respeito aos haitianos³⁹, como em uma rádio universitária local, que proporcionou a abertura de um programa com música haitiana⁴⁰. Existem matérias que visam mostrar as experiências de Lajeado na tentativa de acolhimento destes imigrantes, entre elas um encontro com os haitianos da cidade organizado pela prefeitura. As mídias também podem ser utilizadas como ferramenta de denúncia dos casos de agressão, desde que as mesmas não se tornem sensacionalistas para vender mais jornais, como as que demonstravam de maneira apocalíptica a “invasão” haitiana para o Brasil.

Neste sentido, surgiu a pauta oriunda do poder legislativo lajeadense que foi a elaboração de um projeto de lei na Câmara dos Vereadores do município, este projeto tinha como base tornar Lajeado e Pourt-au-Prince em cidades irmãs. Ou seja, embora a estigmatização tenha se demonstrado bastante presente em diversos setores da população lajeadense, há também atores sociais que tentaram fazer com que os imigrantes pudessem se sentir mais integrados na sociedade, participando ativamente dela, sendo assimilados na cultura lajeadense, como o CRAS, que tenta evitar que os haitianos sejam explorados em seus trabalhos. Outro fator importante a ser destacado acerca disso é que Lajeado havia se tornado uma cidade exemplo para o fomento de políticas públicas⁴¹ em prol dos haitianos. Isto significa que, mesmo com a repressão e desconforto da população local, e a construção de estigmas que subjugavam este grupo étnico, há o outro lado, isto é, pessoas tentando auxiliar os haitianos. Mas por devidos fins de delimitação da pesquisa, não abordamos estes aspectos, apenas comentamos sua existência, para isso não distorcer a realidade social para tentar demonstrar que existe apenas um aspecto na cidade.

Os haitianos relataram que eram quase que diários os comentários que eles ouviam de que deviam sair do país, voltar para o Haiti e que este local em que estavam não lhes pertencia. No contexto de Lajeado, os imigrantes haitianos se tornaram os bodes expiatórios para a ameaça do desconhecido, cujo papel exerce uma relação ambígua, de estranhamento e de necessidade, pois estes imigrantes eram necessários para uma determinada função.

³⁹ Disponível em <http://www.independente.com.br/debatedores-pedem-respeito-aos-haitianos-da-regiao.html>, acesso em 08/12/2016.

⁴⁰ Disponível em <http://www.univates.br/noticias/16116>, acesso em 24/02/2016.

⁴¹ Disponível em http://www.rs.gov.br/conteudo/222577/debate-em-lajeado-da-inicio-a-definicao-de-politicas-publicas-a-imigrantes/termosbusca=*, acesso em 24/02/2016.

Conseqüentemente, estes imigrantes são bem-vindos desde que ocupem os postos de trabalho recusado pelos lajeadenses, muitas vezes, sob condições de salários mais baixos, sendo alvos constantes de preconceito, piadinhas ou agressões. Por isso, devemos levantar a questão: “a população brasileira está aberta aos imigrantes não brancos?” (SANTOS; CECCHETTI, 2016, p.70).

A fofoca também é utilizada pela população para transmitir informações sobre esses imigrantes, pois os mesmos não os conheciam ou não haviam conversado com os eles, o que desencadeava na transmissão de informações falsas sobre eles. Tanto a mídia como as redes de fofocas potencializam a estigmatização dos haitianos, pois as informações terceiras tendem a exagerar mais as características que a população estabelecida utiliza para estigmatizar os haitianos.

Além da questão da recessão econômica que ocorreu em Lajeado, pode-se presenciar a partir do ano de 2015, uma segunda leva de haitianos chegando à cidade, desta vez, uma grande quantidade de mulheres – diferente do primeiro fluxo que em sua maioria eram homens em faixa etária entre os vinte e quarenta anos – estas, muitas vezes esposas (eventualmente também trazendo os filhos) dos haitianos que já estavam na cidade e que vieram para viver com seus maridos e buscar de novas oportunidades, a vinda delas foi bastante estigmatizada pela população local, pois segundo alguns elas seriam “*vagabundas que nada fazem*” (Gilberto), não trabalham e ficam vadiando o dia inteiro, sendo inclusive a forma para que os haitianos organizassem a sua estratégia – junto com a revolução comunista – para fazerem filhos e roubarem os programas sociais da população brasileira. Neste contexto, outro estigma e informação exagerada que era utilizado pela rede de fofocas dos estabelecidos seria de que a vinda das mulheres haitianas teria ocorrido a partir de um acordo entre os empresários locais e as prostitutas da região, pelo fato de que as mesmas não estariam “aguentando” os haitianos – isto é, segundo informações transmitidas pela população estabelecida, elas não conseguiam saciar o desejo sexual dos haitianos – e portanto, as mulheres haitianas viriam pois só elas conseguiriam suprimir sexualmente os haitianos.

Conforme apresentamos neste subcapítulo muitos dos estabelecidos que transmitem as informações e estigmas dos haitianos não se relacionam com eles, portanto, tais informações fantasiosas são distribuídas entre as pessoas através de redes de fofocas, o que corrobora para a disseminação do preconceito contra os imigrantes, pois sem ter interação com os imigrantes,

os mesmos não conhecem de fato quem eles são. Os estigmas são construídos pela pequena parcela da população que é abertamente contra a presença destes imigrantes e reproduzido pela população indiferente à presença destes imigrantes, que associa como verdade sem ao menos conversarem com um imigrante. Por outro lado, as pessoas que trabalham com os haitianos nos mesmos postos de trabalho, muitas vezes são aquelas que as ofendem ou agredem. Portanto, pessoas próximas aos haitianos podem possuir duas visões, a de reprovação – como o caso de agressão ou reclamar do barulho deles – como a de aprovação ou indiferença, e isso inclui as pessoas que lucram com eles como os donos de pequenos estabelecimentos comerciais ou pessoas que moram nos bairros em que eles estão e consideram os mesmos como pessoas agradáveis. Por outro lado, há o grupo de pessoas que não possuem contato direto com os haitianos, estas em sua maioria utilizam-se de suas redes de informações – que são oriundas das fofocas, comentários nas internet e matérias jornalísticas, assim como conversas entre amigos, conhecidos e colegas de trabalho – para construir e atribuir os valores que eles dão a todos os haitianos, elaborando assim o estereótipo do imigrante haitiano. Na verdade, de todos os novos imigrantes, pois em sua maioria os estabelecidos racializam os imigrantes como todos sendo haitianos, constituindo assim a tipificação de uma forma estabelecida.

Algo a ser questionado quanto a este estereótipo racista destes imigrantes ocorre frente a outras imigrações, que muitas vezes não se apresentam em pauta ou nas manchetes de jornais, são os imigrantes oriundos de países da Europa ou da América do Norte, é que, muitas vezes, tais imigrantes são de cor branca, cabelos e olhos de coloração clara. Logo, o fato de serem imigrantes não é um problema, neste caso deve-se compreender também que eles imigram para o Brasil para ocupar espaços mais privilegiados da economia, vindo ao país como engenheiros, profissionais liberais ou professores universitários. Conseqüentemente estes imigrantes pelo contrário dos imigrantes haitianos, são exaltados como bons imigrantes. Há também por outro lado os imigrantes que são considerados como inexpressivos, isto é, aquele imigrante que a população desconsidera, como os *hermanos* argentinos e uruguaios, que usualmente imigram nas regiões do Rio Grande do Sul mas que nunca são considerados como imigrantes, mas como um vizinho de um bairro distante. Os imigrantes haitianos, por outro lado, devido ao fato de se tratarem de imigrantes negros que possuem uma cultura diferente da cultura dos moradores dominantes, torna-se, portanto, uma ameaçada para os estabelecidos e conseqüentemente, uma imigração ruim.

Segundo alguns haitianos, eles compreendem o preconceito que os lajeadenses estabelecidos têm contra eles, como um produto que é efeito da ignorância,

“É comum o preconceito, na realidade eu acho é uma ignorância do próprio povo, a gente não veio pra roubar o emprego, não existe, é um direito de todos. Como aqui tem várias pessoas entrando, os brasileiros tão saindo pra viver lá fora. O povo tem que entender que é um movimento mundial, não é só porque o Haiti tem problemas econômicos. Um país rico não impede que as pessoas saiam de suas terras. Então todo mundo tem que entender que é um movimento que a gente não tá aqui para roubar emprego, mas pra viver como cidadão como todos” (Thiago)

As considerações descritas acima são importantes, devido ao fato de que a emigração brasileira – principalmente para países da Europa, os Estados Unidos e Japão – foi um grande fluxo migratório na segunda metade do século XX, tendo uma diminuição nos idos dos anos 2010. Todavia, esta emigração brasileira em busca de melhores oportunidades, foi esquecida ou não mencionada pelos estabelecidos, principalmente em suas falas quando tratavam do desconforto com a vinda de imigrantes procurando emprego na região.

Devemos compreender que foi devido ao fato de um fluxo expressivo que migrou para a cidade gerou a sensação nos estabelecidos de que eles estavam sendo invadidos, fazendo-os expressar situações que eram restritas aos ambientes privados, pois o preconceito e o racismo eram até então velados e manifestados apenas em seus círculos pessoais, em suas piadinhas ou comentários em alemão ou italiano para apenas os seus conterrâneos compreenderem. Com a forte presença de um novo grupo imigrante na cidade, com uma cultura com a qual a população local não estava familiarizada e que, inclusive estas pessoas são negras e que estes novos negros “não sabem o seu lugar” na sociedade, faz com que a população estabelecida rompa com o roteiro de como até então era vivido a vida de forma cotidiana, em consequência disso eles buscam instrumentos para legitimar sua dominação e superioridade sobre este novo grupo que está “invadindo” o suposto local na qual eles pensam que é uma propriedade fechada apenas para o seu grupo.

Os haitianos tornaram-se o grupo imigrante racializado devido ao fato de que foram o maior número de indivíduos que migraram para Lajeado, por isso na cidade todos os imigrantes foram considerados como haitianos, mesmo que os indivíduos não fossem haitianos eles seriam chamados de “os haitianos”. Para manter essa categorização, e a superioridade do grupo dominante, foram construídos estigmas para a identificação destes estrangeiros. Os principais estigmas surgidos contra os imigrantes haitianos foram de que eles

são portadores de doenças, como a AIDS e que isso é uma ameaça para a cidade. Outro estigma é de que eles são baderneiros, sempre fazendo barulhos, que parecem estar brigando quando falam, eles portariam um suposto mau odor, alguns dos imigrantes seriam inclusive considerados depravados, embora tais comentários não fossem recorrentes. Todavia, foi quase unânime a consideração de que eles são um grupo muito trabalhador e isso era algo enaltecido, desde que os mesmos fossem submissos e que estivessem dispostos apenas a assumir as categorias de base no sistema de produção das fabricas ou empresas que estavam necessitando de mão-de-obra, principalmente no setor de alimentos e a construção civil. Por fim, mas mais importante é o estigma muito presente de que os haitianos supostamente seriam portadores de uma cultura inferior, não compatível com a da população de Lajeado e que isso, conseqüentemente seria uma ameaça para a região. Pois essa cultura era algo inerente aos haitianos, todos portariam isso e mesmo sem a população poder saber explicar o que era ou como se manifestava, era algo ruim para a cidade e que precisaria ser combatido, afinal de contas, segundo alguns estabelecidos, o Brasil já possuía problemas demais, não poderia cuidar da “grama do vizinho”.

O estereótipo do imigrante haitiano

Apresentaremos agora por fim, acerca de como a estigmatização e racialização dos haitianos desencadearam na formação do estereótipo deles. O principal aspecto que deve ser destacado é que o estereótipo dos imigrantes haitianos não surgiu repentinamente, ele foi um processo decorrente de determinados fatores. O primeiro é que esses imigrantes chegaram na cidade repentinamente em um número bastante significativo, causando o espanto e medo da população local que precisou lidar com um grupo de estrangeiros circulando nos espaços centrais da cidade que havia surgido “da noite para o dia”. Em um primeiro momento essa população associou estes imigrantes utilizando-se de categorias raciais existentes na região acerca dos brasileiros negros, todavia, à medida que a presença destes imigrantes tornava-se mais naturalizada e as informações transmitidas nas redes de fofoca se organizou de determinada forma que possibilitou aos estabelecidos desenvolverem características que seriam pejorativas e na qual diferenciariam estes imigrantes dos brasileiros negros. Portanto, o estereótipo não ocorreu de forma dicotômica a partir de dois aspectos, estes indivíduos são negros e são imigrantes, a categorização do estereótipo dos imigrantes haitianos ocorreu de forma processual.

A construção do estereótipo dos imigrantes haitianos decorreu de dois aspectos, através de sua racialização e estigmatização. Esses imigrantes eram negros, diferentes da maioria da população local, o que causava o estranhamento inicial. No primeiro momento os haitianos foram relacionados de maneira semelhante a que a população estabelecida considera que os brasileiros negros são, isto é, os haitianos foram considerados em um primeiro momento como vagabundos e fedorentos, que conforme é relatado em conversas informais é o estereótipo que a população de Lajeado costuma atribuir aos brasileiros negros. Conforme a presença dos haitianos se tornava mais comum novas características foram surgindo, estes imigrantes começaram a ser considerados como barulhentos, principalmente porque eles andavam em grandes grupos, diferente dos brasileiros negros que costumam andar sozinhos ou em pequenos grupos, menores que os dos haitianos, o que já gerava uma sensação de barulho e incomodo para os locais, mesmo que se os mesmos encontrassem em grupos maiores e com som alto no carro, esta questão era desconsiderada. Em um primeiro momento a população estabelecida questionou se esses imigrantes iriam trabalhar, se não seriam uns “vagabundos” como consideram os brasileiros negros. Como os haitianos foram vistos como muito trabalhadores, essa característica logo foi enaltecida, mas, esperavam que os haitianos trabalhassem e apenas isso, no tempo livre que desaparecessem em suas casas afastadas. Os brasileiros consideravam estes imigrantes como agentes que estavam trazendo doenças para a cidade, nisto eles faziam uma confusão de informações, pois associavam o Haiti com a África, continente este que existe todo um imaginário de ser um péssimo lugar, apenas com miséria, fome e todas as doenças possíveis, logo, estes imigrantes negros estariam trazendo para a região doenças e um “atraso cultural”.

A população lajeadense precisou lidar com duas marcas de identificação destes imigrantes, primeiro a de que eles eram negros, o que saltava aos olhos dos estabelecidos devido à grande diferenciação fenotípica da maioria da população da cidade, mas para além disso, estes negros eram imigrantes indesejados, o que trazia uma série de complicações pois não sabiam com quem estavam lidando, esse imigrante era um alienígena que havia chegado no local, para “piorar” a situação dos estabelecidos, estes “novos negros” não sabiam o seu “lugar” na sociedade, estavam rompendo com contratos não escritos, circulando e ocupando espaços que até então a população estabelecida branca apenas usava, esse rompimento de “roteiro” além do desconforto gerou nos estabelecidos o anseio de categorizar este grupo para poder manter a sua legitimidade como grupo dominante.

Devido ao fato de que os estabelecidos que transmitem as informações e estigmas dos haitianos não se relacionam com eles, o estereótipo tende a ser exagerado, quase caricaturado, tipificando todos os imigrantes como um perfil só. Este perfil surge nas redes de fofocas, o que corrobora para a disseminação do preconceito contra os imigrantes, pois sem ter interação com os imigrantes, os mesmos não conhecem de fato quem eles são. O estereótipo assim como os estigmas são construídos pela pequena parcela da população que é abertamente contra a presença destes imigrantes e reproduzida pela população indiferente à presença destes imigrantes, que as associa como verdades.

Porém estes signos racistas não são os mesmos que os brasileiros brancos utilizam contra os brasileiros negros, pois o racismo é modificado conforme o desejo de um grupo manter a legitimação de seu discurso e sua forma de ver o mundo. Consequentemente, estes haitianos, embora vistos em sua maioria com louvor como muito trabalhadores, os mesmos só servem para as funções básicas e necessárias para a região. Já outros aspectos e anseios, como seus desejos de melhorar de vida, inclusão, sociabilidade, e suas visões de mundo ou sua cultura é subjugada e considerada como inferior e que deve ser excluída.

Portanto, construiu-se assim a forma do estereótipo do haitiano, sendo todos os imigrantes na cidade possuindo essas características que seriam inerentes a todos os imigrantes. O “haitiano” se apresenta como um indivíduo muito trabalhador, mas que é meramente uma mão-de-obra a ser utilizada e descartada, esta “raça” de haitianos é muito barulhenta, eles são ignorantes, fedorentos e pessoas dissimuladas, pois podem ser terroristas disfarçados, são portadores de males exteriores que vão vir destruir a terra “perfeita” dos estabelecidos, trazendo doenças como AIDS (que já existia na cidade) e outros males. O principal para muitos estabelecidos é de que possuem uma cultura inferior, e que pode vir a prejudicar a glorificação da tradição europeia da cidade. O haitiano é representado da mesma forma que o estrangeiro do Simmel, um estranho, alguém misterioso, alienígena de todo o resto da cidade. Este estereótipo não surgiu pronto, foi um produto de um processo que os estabelecidos foram formando em suas interações, para estabelecerem e traçarem um perfil tipificado destes imigrantes, construindo assim um estereótipo que mantivesse a sua função na sociedade, trabalhadores braçais, ao mesmo tempo que deixava bastante nítida que eram uma categoria inferior com atributos pejorativos. Tornando assim todos os novos imigrantes na cidade como sendo “os haitianos”.

Este capítulo visou apresentar a racialização dos imigrantes haitianos em outros países e especificando o caso do Brasil, considerando os aspectos apresentados de outros grupos imigrantes que foram racializados. Apresentamos acerca do racismo em relação a imigração haitiana presente no Brasil, partindo depois destes aspectos mais gerais do país para especificar o caso do município de Lajeado, apresentando como os haitianos foram racializados, sendo inclusive todos os imigrantes da cidade tipificados como sendo haitianos, apresentamos os casos de racismo decorrentes na cidade, principalmente oriundos nos locais de trabalho destes imigrantes, realizado pelos seus colegas e eventualmente seus superiores.

O racismo existente na sociedade brasileira corroborou para a discriminação contra os imigrantes haitianos, porém, este racismo foi ressignificado, construindo novos símbolos, pois os imigrantes haitianos possuem diferenças culturais dos brasileiros, entre elas, a própria comunicação era um forte instrumento das pessoas expressarem pessoalmente o seu ódio contra estes imigrantes, algo que seria impossível ser manifestado abertamente contra brasileiros pela comunicação, pois os mesmos compreenderiam o que ele estaria falando. Todavia, alguns haitianos alegaram saber que estavam sendo alvos das ofensas pela entonação da voz, mesmo que muitas vezes fossem utilizadas junto formas de dialeto misturando o português com alemão ou italiano.

Como este imigrante não sabe o seu lugar na sociedade, isto gerou nos dominadores um desconforto, pois o mesmo não se submete as normas construídas simbolicamente, mas não ditas de maneira clara. Devido ao fato de que o imigrante haitiano não sabia o lugar dele, tornou-o foi alvo de preconceito por parte dos indivíduos do grupo estabelecido que querem manter uma determinada visão de mundo vigente. Informações exageradas e falsas foram retransmitidas pelas pessoas que eram indiferentes à presença dos imigrantes, o que facilitou na divulgação das informações falsas pois os lajeadenses não buscavam analisar e buscar ver se tais informações eram reais ou falsas. A discriminação contra o imigrante haitiano muitas vezes apresentou-se de forma aberta por indivíduos em seus espaços de interação e até mesmo escritos palavras de preconceito nos *sites* como *Facebook* e principalmente nas seções de comentários dos leitores em matérias jornalísticas.

Em Lajeado, os imigrantes surgem como uma mão-de-obra necessária, então eles ocupam espaços essenciais para o empresariado, que pouco se importava quem estavam contratando, apenas queriam trabalhadores que fossem realizar seu serviço bem feito e de

preferência que fossem submissos. Por outro lado, a população local, sentindo-se ameaçada, precisou utilizar-se de subterfúgios para construir simbolicamente uma maneira de permanecer os detentores do sentido de como é organizado e vivenciado culturalmente a cidade de Lajeado. Segundo os lajeadenses, tais imigrantes deteriam uma suposta cultura incapaz de se assimilar com os valores corretos de como se deve viver e que alguns deles podem considerar como sendo os únicos corretos.

Os haitianos foram estigmatizados principalmente como indivíduos portadores de uma cultura inferior, ao mesmo tempo em que eram fedorentos, barulhentos e ignorantes. As informações acerca deles eram exageradas e caricaturadas pela população dominante para manter a sua legitimidade, os estabelecidos buscaram não interagir com os haitianos, reconhecendo a sua importância, mas os mantendo em seus lugares. O estereótipo do imigrante não surgiu pronto quando este grupo chegou à cidade, para isso, foram utilizadas categorias já existentes, e como essas não se mostravam plenamente convincentes, os estabelecidos construíram outras categorias para estes imigrantes, diferentes das já existentes, formando assim como se apresenta o estereótipo de todos os novos imigrantes em Lajeado, como sendo “os haitianos”.

Procuramos analisar nesta pesquisa como na interação cotidiana entre os indivíduos que vivem em Lajeado é que ocorre a estigmatização dos haitianos. Acerca disso, a fofoca tornou-se um dos principais mecanismos de proliferação das informações distorcidas sobre quem eram os haitianos. Visto que a maioria dos habitantes de Lajeado não interagem com os haitianos, muitos até os evitavam, mantendo uma indiferença frente à presença deles, essa falta de interação fazia com que informações fantasiosas fossem espalhadas pelas redes sociais dos lajeadenses, e os mesmos reproduzissem estas informações pejorativas sobre os haitianos, mesmo estes jamais terem entrado em contato com eles. Neste sentido, muitos que os acusavam de serem barulhentos, sequer moravam – ou transitavam – nos bairros em que os haitianos foram morar.

Por outro lado, eram as pessoas que trabalhavam com os haitianos que mais as ofendiam, principalmente devido ao fato de que eram as poucas que mantinham alguma forma direta de interação com os imigrantes, possibilitando assim como em alguns casos, pudessem inclusive agredi-los, incluindo algumas vezes seus chefes – ou omissão dos mesmos – e superiores. Estes mesmos mantendo a relação apenas no trabalho, ignorando os haitianos

quando se encontravam com eles na cidade ao circularem nos tempos livre de socialização. Constituindo assim os imigrantes como indivíduos fundamentais para manter a produção alimentícia e a construção civil funcionando, mas que desaparecessem no resto do tempo em que não era exigida uma mão-de-obra trabalhando.

Conclusão

A pesquisa visou demonstrar como uma população estabelecida com um perfil étnico relativamente definido recebe um grupo étnico estrangeiro, estes imigrantes são necessários para preencher uma determinada função laboral na sociedade – trabalhar na construção civil e frigoríficos – mas todos os outros aspectos de suas vivências, como sua cultura, anseio por melhorar de vida e procurarem outros empregos, são negligenciados. Este grupo imigrante é estigmatizado pela população local que se vê ameaçada e pensa estar sendo invadida devido ao fato de um grande contingente de imigrantes simplesmente surgirem repentinamente na cidade.

O que a pesquisa demonstrou é que a estigmatização dos haitianos pelos moradores estabelecidos ocorre de maneira corriqueira, na vida cotidiana entre os moradores da cidade de Lajeado. A discriminação contra os haitianos é construída nos gestos, olhares, conversas, fofoca e indiferença dos estabelecidos em relação aos imigrantes, acrescentado de uma ressignificação de categoriais raciais já existentes na sociedade lajeadense.

O que se demonstrou como fator que corrobora para a discriminação foi a divulgação de informações pejorativas acerca dos haitianos que eram propagadas entre um pequeno grupo de indivíduos na qual era abertamente contra a presença dos imigrantes, por outro lado, a grande parcela da população que era indiferente à presença destes imigrantes assimilava tais informações pejorativas e as tomavam como sendo verdades. Outro aspecto é que Lajeado é uma cidade historicamente estabelecida pela imigração alemã e italiana, tendo como maior parte da população indivíduos que ainda clamam uma identidade imigrante europeia, entre os estabelecidos é comum se denominarem corriqueiramente ainda como sendo alemães e/ou italianos, porém, essas mesmas pessoas que clamam sua ancestralidade imigrante não enaltecem a imigração quando este imigrante é um negro.

Na cidade sempre houve um pequeno fluxo de migração de indivíduos de outras etnias, mas nunca de maneira expressiva e repentina. Até que repentinamente, a partir de 2013, a cidade “acorda” com uma grande leva de imigrantes, o que causa o estranhamento para os estabelecidos, pois gerou-se a sensação de que a cidade estava sendo invadida, logo, a visão de mundo que tinham como a corriqueira e normal foi desestabilizada e precisou ser

reordenada, por isso estigmatizaram estes novos indivíduos na cidade, pois eles eram para a população local como a ameaça direta que estava causando essas possíveis mudanças.

Primeiro estigmatizaram os imigrantes com categorias já existentes, depois, construindo um novo estereótipo deles. O haitiano mostrou-se para a população estabelecida apenas como uma mão-de-obra para exercer uma função específica que é necessária, o que os estabelecidos não sabem lidar é que esta mão-de-obra não é um construto, um robô, mas um indivíduo com toda a sua complexidade e aspirações para melhorar de vida. Ao vir o imigrante trabalhador, vem junto o indivíduo com seus anseios e sonhos.

Em consequência desta mudança populacional na cidade, os moradores estabelecidos constroem simbolicamente instrumentos - como a fofoca - para subjugar o novo grupo étnico mesmo não os conhecendo. Então, sem o objetivo de entrarem em contato com estes grupos, usam suas redes de interação e ressignificam um racismo, agora também com o viés de xenofobia, para manterem sua legitimação como o grupo que detém o controle na cidade.

No primeiro capítulo foi apresentado acerca da conceituação teórica do imigrante, um sujeito que se encontra em movimento, isto significa que ele é uma figura ambígua de pertencimento e não-pertencimento de um determinado contexto social ao mesmo tempo. O estrangeiro é um ser em trânsito, a sua chegada significa em mudanças na sociedade de destino, o estrangeiro é o mal necessário, alguém que ocupa uma posição essencial para o funcionamento da sociedade, embora nenhum dos moradores estabelecidos queiram exercer. O imigrante torna-se como a atual figura da ameaça vinda de fora que poderá desestabilizar a vida de até então, a mesma considerada como correta e perfeita, ao menos, por parte de alguns estabelecidos.

Foram apresentados no capítulo os aspectos teóricos que tratam acerca do fenômeno migratório, enfatizando também a imigração para os haitianos, e por fim descrevendo o marco teórico que trata acerca da questão étnico-racial, tendo como matriz de guia nesta dissertação compreender como um estereótipo de um grupo imigrante é formado por um grupo considerado estabelecido. Por esse grupo imigrante ser etnicamente distinto do grupo dominante, os mesmos utilizaram-se de categorias raciais para estigmatizar este grupo imigrante, os aspectos teóricos deste capítulo visaram buscar na literatura demonstrar como este fenômeno ocorre na interação social.

O segundo capítulo apresentou acerca da metodologia utilizada na pesquisa e como foi selecionado os dados que compuseram o texto escrito desta dissertação, assim como também os motivos que levaram o pesquisador a desenvolver essa pesquisa.

Os capítulos terceiro e quarto abordaram os aspectos empíricos da dissertação, que visaram dialogar com o primeiro capítulo. O terceiro capítulo tratou acerca do fenômeno migratório, demonstrando como as teorias migratórias descritas no capítulo 1, assim como a compreensão do novo fenômeno migratório do século XXI, algumas vezes denominado como migração “Sul-Sul” e o breve panorama da história do Haiti, são importantes para a compreensão do contexto em que o Haiti se encontrava para que os haitianos viessem a emigrar tendo como escolha de imigração o Brasil. Descrevemos a rota utilizada para sair do Haiti, o contexto em que o Brasil estava, sua chegada nas cidades de Tabatinga e Brasileia, sua respectiva migração para a região sul e o caminho até Lajeado.

Abordamos aspectos gerais da cidade de Lajeado e o impacto que os imigrantes haitianos trouxeram para a cidade, demonstrando que eles surgiram em um contexto que o empresariado local buscava mão-de-obra para vagas ociosas na região, mas que ao chegar um contingente grande de uma nova população negra na cidade, gerou uma desconfiança e desconforto da população local, grande parte da população tornou-se indiferente e não interagiu com os haitianos, o que possibilitou a propagação de fofocas e inverdades sobre os haitianos.

O quarto capítulo abordou acerca da temática étnico-racial desta pesquisa, buscou analisar a racialização dos imigrantes haitianos e casos de racismo no Brasil, para adentrarmos então em como os imigrantes haitianos foram estigmatizados por habitantes do município de Lajeado. Demonstramos que a racialização dos haitianos ocorreu porque foram o grupo imigrante mais expressivo da cidade, a população estabelecida veio a denominar todos os novos imigrantes como “haitianos”, os casos de racismo ocorreram em sua maioria nos locais de trabalho, pois eram justamente um dos poucos ambientes em que havia uma interação direta entre os estabelecidos e os haitianos. De maneira geral os haitianos foram mais alvos de estigmatização, estes estigmas, consideravam os haitianos como barulhentos, com mal odor, ignorantes, que estava trazendo doenças para a cidade e principalmente que possuíam uma cultura inferior e que traria atraso para a região e ao país. As mulheres foram vistas como “vagabundas” (no sentido de serem relaxadas e não em termos sexuais). Nesta

classificação, em um primeiro momento os brasileiros utilizaram-se das categorias raciais já existentes na cidade, trataram estes imigrantes da mesma forma que tratam os brasileiros negros na cidade, considerados como vagabundos, preguiçosos, com mal odor. Mas, conforme estes imigrantes adentravam mais na cidade, essas categorias foram alteradas, principalmente no que tange a questão do trabalho, pois os haitianos foram muito bem vistos neste aspecto, embora se esperasse que eles fossem apenas trabalhar muito e não aparecessem nos seus tempos livres nas regiões centrais, evento esse que desencadeou todo o desconforto da população estabelecida, pois estes “novos negros” não sabiam o seu lugar. O estereótipo dos haitianos em Lajeado decorreu a partir de dois vieses, a sua racialização e a estigmatização, construindo assim uma tipificação de todos os novos imigrantes em Lajeado como sendo o perfil do “haitiano”.

A pesquisa tinha como objetivo compreender como se desenvolve a estigmatização dos haitianos, ela decorre do estranhamento da vinda repentina de um grupo étnico bastante distinto e que, como eles surgem na cidade em quantidades expressivas repentinamente, a população local fica amedrontada e acreditam que estão sendo invadidos. Pela falta de interação entre os estabelecidos e os imigrantes, os estabelecidos que se apresentaram contra a presença dos haitianos propagam informações falsas acerca dos imigrantes a partir das redes de fofocas, a maioria da população indiferente a presença desse grupo reproduziu como verdades essas informações oriundas das fofocas. A estigmatização surge principalmente nas redes de fofocas e informações divulgadas por terceiros. Há ainda os moradores que manifestam de forma aberta o descontentamento com a presença dos imigrantes na cidade, seja falando entre si de forma alta, fazendo com que as pessoas ao redor possam ouvir nitidamente, ou até mesmo ofendendo os imigrantes, entre estes há aqueles que falavam o português e outros que utilizavam dialetos de alemão ou italiano para ofenderem os imigrantes.

O estereótipo do haitiano decorreu devido ao fato de que estes indivíduos são negros, o que despertou na população as categorias raciais existentes, que eram camufladas e restritas em seus espaços privados. Como estes “novos negros” estavam circulando os espaços centrais, a população utilizou-se de um discurso racista para se legitimar como grupo dominante e tentar estabelecer o roteiro para que estes novos negros entrassem em seu “devido lugar”. Como esses novos negros eram imigrantes, isto causou estranhamento pelos

estabelecidos que consideraram que cultura destes imigrantes era inferior e que em consequência disso, esses “haitianos” eram indivíduos à parte do resto da população lajeadense, os imigrantes eram alienígenas.

A pesquisa não se torna encerrada em si, pois ela abre espaço para muitas outras indagações e pesquisas a serem realizadas, o que por si só demonstra a importância de serem realizadas mais investigações com a temática das novas imigrações. Primeiro que pode-se analisar este debate de racialização e estigmatização em diversas outras regiões onde houve uma massiva onda imigratória de haitianos ou outros grupos étnicos imigrantes e descrever como ocorreu a receptividade dos estabelecidos nestes locais. Há também de se verificar a dinâmica de sociabilidade entre os imigrantes e os estabelecidos, verificando em que medida ocorre ou não assimilação. Da mesma forma que os estudos da sociologia da cultura, especificando o estudo da sociologia da religião podem ajudar em compreender em que medida a religião para os haitianos está servindo como instrumento de identidade e resistência assim como de assimilação, pois muitos haitianos formaram suas pequenas igrejas evangélicas para manterem um vínculo comunitário e por outro lado, alguns haitianos preferiam frequentar as igrejas da população estabelecida. Por fim, também se demonstra muito importante verificar e analisar a relação entre os brasileiros negros e os imigrantes negros, suas percepções e visões frente a estes imigrantes, visto que não houve solidariedade para estes imigrantes da parte dos brasileiros.

A experiência de uma nova onda imigratória para o Brasil foi falha, pois acabou demonstrando ser falsa a imagem do Brasil que é vendida como sendo um país aberto e acolhedor para todos. No período em que o país teve um apogeu econômico, muitos grupos foram buscar oportunidades – as mesmas que muitos brasileiros procuraram em outros países ao longo do século XX – para melhorar de vida, mas que foram mal recebidas pela população local e isso demonstrou-se em tons xenofóbicos e com um grande teor racista, visto que esses não eram os imigrantes “desejados” para migrarem ao país. A imigração dos haitianos foi uma experiência para os brasileiros, e mostramo-nos como fracassados em acolher grupos imigrantes e refugiados.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Cristovao Domingos; BRANDÃO, Beatriz Montalvão. *Imigração, mídia e sociabilidade dos haitianos*. Revista Observatório, Palmas, v.1, n.3, p.62-79, dez, 2015.

ANDRADE DE PAULA, Elder; VALENCIO, Norma; CORREIA, Diego. *Entre desastres catastróficos e mobilidades controladas: das idas e vindas de camponeses brasileiros à chegada dos imigrantes haitianos no “reino deste mundo amazônico”*. Contemporânea, São Carlos, v.3, n.1, p.45-71, jan-jul, 2013.

ANNONI, Danielle; VALDES, Lysian Carolina. *O direito internacional dos refugiados e o Brasil*. Curitiba, Juruá, 2012.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Dois estudos sobre imigração e racismo*. São Paulo, Annablume, 2012.

BANTON, Michael. *A ideia de raça*, Lisboa, Edições 70, 1979.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes, 2013.

BLUMER, Herbert. *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*. Los Angeles, University of California Press, 1986.

BRITO, Angela Xavier de. *Habitus de migrante um conceito que visa captar o cotidiano dos atores em mobilidade espacial*. Sociedade e Estado, Brasília, v. 25 n. 3, p. 431-464, set-dez, 2010.

CABRAL, Amílcar. *Fundamentos e objectivos da libertação nacional em relação com a estrutura social*. In: *Obras escolhidas. A prática revolucionária. Unidade e luta II*. Lisboa, Seara Nova, 1977.

- CAFFEU, Ana Paula; CUTTI, Dirceu. *Só viajar! Haitianos em São Paulo: um primeiro e olhar vago*. Travessia – revista do migrante, São Paulo, ano 25, n.70, jan-jun 2012.
- COSTA, Gelmino A. Padre. *Haitianos em Manaus. Dois anos de imigração – e agora!*. Travessia – revista do migrante, São Paulo, ano 25, n.70, jan-jun 2012.
- COSTA DE SÁ, Patrícia Rodrigues. *As redes sociais de haitianos em Belo Horizonte. Análise dos laços relacionais no encaminhamento e ascensão dos migrantes no mercado de trabalho*. Cadernos OBMigra, Brasília, v.1, n.3, p.99-127, 2015.
- CRESWELL, John W. *Investigação qualitativa & projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Porto Alegre, Penso, 2014.
- DAMASCENO, Raimundo; SUCUPIRA, Gicele. *Entre o sonho brasileiro e o dantesco: a migração haitiana na Amazônia brasileira*. Examãpaku, Boa Vista, v.8, n.2, p.14-25, 2015.
- DELGADO, Manuel. Seres de otro mundo: Sobre la función simbólica del inmigrante. IN: VV.AA. Yago Mellado (coord.). *La dinámica del contacto. Movilidad, encuentro y conflicto em las relaciones interculturales*. Barceola, Cidob, 2009.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.
- FANON, Frantz. *Pele negra, mascarar brancas*. Salvador, EDUFBA, 2008.
- FAZITO, Dimitri. *Análise de redes sociais e migração: Dois aspectos fundamentais do “retorno”*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.25, n.72, fev, 2010.
- FIELDING, William J.; BALLANCE, Virginia; SCRIVEN, Carol; MCDONALD, Thaddeus; JOHNSON, Pandora. *The stigma of being “Haitian” in the Bahamas*. The College of The Bahamas Research Journal, Bahamas, v.14, 2008.
- FRANÇA, Thais. *Teias invisíveis – controlando a imigração através de mecanismos econômicos*. Coimbra, Série Comunicação, FEUC, 2012.
- GADEA, Carlos Alfredo. *Negritude e pós-africanidade: críticas das relações raciais contemporâneas*. Porto Alegre, Sulina, 2013, a.

_____. *O significante “negro” e a pós-africanidade: a diáspora haitiana em Miami*. Sociologias, Porto Alegre, ano 15, n.34, p.220-245, set-dez, 2013, b.

GALLINO, Luciano. *Dicionário de Sociologia*. São Paulo, Paulus, 2005.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre, Penso, 2012.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Atlas, 2010.

GILROY, Paul. *Entre campos: Nações, culturas e o fascínio de raça*. São Paulo, Annablume, 2007.

_____. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, LTC, 2013.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 2011.

GÓIS, PEDRO; MARQUES, José Carlos; PADILLA, Beatriz; PEIXOTO, João. *Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal*. Migrações, Lisboa, n.5, out, 2009.

GOMES DE CASTRO, Alessandra. *Abordagens teóricas da migração internacional*. Revista Eletrônica Interdisciplinar, Barra do Garças, n.5, p.23-29, 2011.

GRANGER, Stéphane. *L'Amazonie Brésilienne, nouvelle interface migratoire entre les Caraïbes et l'Amérique du Sud?*. Mercator, Fortaleza, v.13, n.1, p.7-17, jan-abr, 2014.

HAGUETE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, Vozes, 2013.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

HANDERSON, Joseph. *Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname, e na Guiana Francesa*. 430f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

JAROSCHINSKI SILVA, João Carlos. *As três fases das migrações internacionais portuguesas no pós-guerra*. ACTA Geográfica, Boa Vista, v.9, n.20, p.141-151, mai-ago, 2015.

JENKINS, Richard. *Rethinking ethnicity: arguments and explorations*. Londres, Sage Publications, 1997.

LÓPEZ-SEVERINO, Irene; MOYA, Antonio de. *Migratory routes from Haiti to the Dominican republic: Implications for the epidemic and the Human Rights of people living with HIV/AIDS*. Interamerican Journal of Psychology, Puerto Rico, v. 41, n. 1 p. 7-16, 2007.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro, Record, 2001.

MAGALHÃES, Luis Felipe Aires. *O Haiti é aqui: sub imperialismo brasileiro e imigrantes haitianos em Santa Catarina*. IN: Anais do 38º encontro anual da ANPOCS. 27-30 de outubro, Caxambu, 2014.

MAGALHÃES, Giovanna Modé. *As populações Migrantes e Alteridade: Notas e Reflexões a partir dos deslocamentos populacionais contemporâneos*. Aurora, Marília, v. 7, n. 1, p. 27-40, jul-dez, 2013.

MARTINS, Isis do Mar Marques. *Permanência, alteridade e o poder dos outsiders – o caso dos imigrantes haitianos no Brasil: uma introdução*. Dourados, Entre-Lugar, Ano 5, n.7, 2014.

MASSEY, Douglas S; ARANGO, Joaquin; HUGO, Graeme; KOUAOUICI, Ali; PELLEGRINO, Adela; TAYLOR, J Edward. *Theories of International Migration: a review and appraisal*. Population and Development Review, New York, v.19, n.3, set, 1993.

MATEOS, Natalia Ribas. *Una invitación a la sociología de las migraciones*. Edicions Bellaterra, SGU 32, Barcelona, p.73-108, 2004.

MEAD, George Herbert. *Mind, Self & Society: from the Standpoint of a Social Behaviorist*. Chicago, University of Chicago Press, 1967.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; SIMON, Renel. *Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon*. Lajeado, Editora da Univates, 2015.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; CAZAROTTO, Rosmari Terezinha; GRANADA, Daniel. *Imigração de haitianos para o Brasil: análises de um processo em construção a partir de um estudo de caso*. IN: Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 03-06 de agosto, Natal, 2014.

MENA, Natalia Moraes. *As respostas extra-territoriais dos Estados latino-americanos face à migração transnacional*. Migrações, Lisboa, n.5, out, 2009.

MILES, Robert. *Racism after 'race relations'*. Londres e Nova York: Routledge, 1993.

MONSMA, Karl Martin. *A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914*. São Carlos, EDUFSCar, 2016.

_____. *Vantagens de imigrantes e desvantagens de negros: Empregos, propriedade, estrutura familiar e alfabetização depois da Abolição no Oeste Paulista*. Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v.53, n.3, p.509-543, 2010.

MONSMA, Karl; BOSENBECKER, Patrícia. *A privatização de funções do Estado, a exploração dos imigrantes e conflitos nas colônias particulares*. IN: Anais do 38º encontro anual da ANPOCS. 27-30 de outubro, Caxambu, 2014.

OBMigra. Autorizações de trabalho concedidas a estrangeiros, Relatório Trimestral (abril a junho): 2015/ Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Emprego/ Coordenação Geral de Imigração. Brasília, OBMigra, 2015.

Disponível em

<http://acesso.mte.gov.br/data/files/8A7C816A4F05455D014F3DCCE6FC295F/relat%C3%B3rio%20II%20trimestre%20CGI.pdf>, acesso em 28/11/2016.

PADILLA, Beatriz. *As migrações latino-americanas para a Europa: uma análise retrospectiva para entender a mobilidade actual*. Migrações, Lisboa, n.5, out, 2009.

PADILLA, Beatriz; CARREIRAS, Helena; XAVIER, Diego Maria; MALAMUD, Andrés. *Portugueses gaúchos: Socio-political transnationalism, integration and identities in the River Plate Region*. Migrações, Lisboa, n.5, out, 2009.

PATARRA, Neide Lopes. *International migrations: theories, policies and social movements*. Estudos Avançados, São Paulo, v.57, n.20, p.7-24, mai-ago, 2006.

PEREIRA, Maria Cunha. *Processos migratórios na fronteira Brasil-Guiana*. Estudos Avançados, São Paulo, v.20, n.57, mai-ago, 2006.

PEIXOTO, João. *As teorias explicativas das migrações: Teorias micro e macro-sociológicas*. Socius Working Papers, Lisboa, n.11, 2004.

PIERRE-LOUIS, François. *Haitian immigrants and the greater Caribbean community of New York City: Challenges and opportunities*. Memórias: Revista digital de história y arqueología desde el caribe colombiano, Barranquilla, ano 10, n.21, set-dez, 2013.

PIMENTEL COTINGUIBA, Marília Lima; COTINGUIBA, Geraldo Castro. *Etnicidade em movimento: Em busca de critérios étnico-descritivos na mobilidade haitiana pelo Brasil*. Educere et Educare, Cascavel, v.10, n.20, p.549-562, jul-dez, 2015.

PIMENTEL, Marília Lima; COTINGUIBA, Geraldo Castro. *Elementos etnográficos sobre imigração na Amazônia Brasileira: linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho*. IN: Anais do IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste. 04-07 de agosto, Fortaleza, 2013.

_____. *Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho*. Travessia – revista do migrante, São Paulo, ano 25, n.70, jan-jun 2012.

PINHO, Filipa. *Redes sociais no recrutamento de imigrantes: teóricos de uma proposta de explicação*. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, v.29, p. 81-103, 2015.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo, Unesp, 2011.

PUCCI, Fabio Martinez Serrano. *Bolivianos em São Paulo: redes, territórios e a produção da alteridade*. Red de bibliotecas virtuales de Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), Buenos Aires, 2013.

Disponível em http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/clacso-crop/20131013074834/Pucci_trabajo_final.pdf, acesso em 02/01/2015.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, Antonio Tadeu. *Os invasores: as ameaças que representam as migrações subsaariana na Espanha e Haitiana no Brasil*. REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, Brasília, ano 23, n.44, p. 135-155, jan-jun, 2015.

ROCHA, Elaine Pereira. *Adivinhe quem vem para jantar? O imigrante negro na sociedade brasileira*. [Syn]thesis, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.121-132, 2014.

ROSA, Renata de Melo. *Subjetividade e subversão do racismo: Um estudo de caso sobre haitianos na república Dominicana*. REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, Brasília, ano 18, n.34, p. 99-112, 2010.

_____. *Xenofobização da mulher negra migrante no processo de construção do feminino em emigração: A migração feminina haitiana em Santo Domingo*. REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, Brasília, ano 15, n.29, p. 71-85, 2007.

SANTOS, Sandra dos; CECCHETTI, Elcio. *Imigrantes haitianos no Brasil: entre processos de (des)(re)territorialização e exclusão social*. Revista de estudios brasileños, Madri, v.3, n.4, p.61-72, 2016.

SANTOS, Mauro Augusto dos; BARBIERI, Alisson Flávio; CARVALHO, José Alberto Magno de; MACHADO, Carla Jorge. *Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias*. UFMG/Cedeplar, Belo Horizonte, 2010.

SASAKI, Elisa Massae; OLIVEIRA ASSIS, Gláucia de. *Teorias das migrações internacionais*. IN: Anais do XII Encontro Nacional da ABEP, Outubro, Caxambu, 2000.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração: Ou os paradoxos da Alteridade*. São Paulo, EDUSP, 1998.

SCOTT, John. *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

SILVA, João Carlos Jarochinski. *As três fases das migrações internacionais portuguesas no pós-guerra*. ACTA Geográfica, Boa Vista, v.9, n.20, p.141-151, mai-ago, 2015.

SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade*. Estudos Avançados, São Paulo, v.20, n.57, mai-ago, 2006.

_____. *Estigma e Mobilidade: o imigrante boliviano nas confecções de São Paulo*. Revista Brasileira Estudos de População. Brasília, v.16, n.1/2, jan-dez, 1999.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

_____. *Fidelidade e gratidão e outros textos*. Lisboa, Relógio D'Água, 2004.

_____. *A ponte e a porta*. Política e Trabalho, João Pessoa, n.12, p.10-14, set, 1996.

SOPELSA, Renata. *De colonos desejados a moradores indesejados: um estudo sobre a identidade e sociabilidade entre imigrantes (Ponta Grossa-PR, final do século XIX)*. História: Questões & Debates, Curitiba, n.54, p. 257-275, jan-jun, 2011.

SPRANDEL, Marcia Anita; DIAS, Guilherme Mansur. *Estratégias locais e escalas globais: uma articulação necessária*. Revista interdisciplinar da mobilidade humana, Brasília, ano 17, n.32, p.165-176, 2009.

STOLLMEIER, Laura Antunes; OLIVEIRA, Marcio de. *Indústria curitibana e imigração – o esboço de uma anatomia política do detalhe (1830-1930)*. Cadernos OBMigra, Brasília, v.1, n.3, p.178-201, 2015.

TAMER, Alexandre dos Santos; POZZETTI, Valmir César. *A imigração haitiana e a criminalidade no município de Manaus*. Revista do Direito Público, Londrina, v.8, n.3, p.55-76, set-dez, 2013.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. *Imigração japonesa nas revistas ilustradas: Preconceito e imaginário social (1897-1945)*. São Paulo, Edusp, 2016.

_____. *A comunidade nipônica e a legitimação de estigmas: o japonês caricaturado*. Revista USP, São Paulo, n.79, p.173-182, set-nov, 2008.

TELLA, Marco Aurélio Paz. *Estigma e desqualificação social dos negros em São Paulo e Lisboa*. Ponto-e-Vírgula, São Paulo, n.3, p.152-169, 2008.

VÉRAN, Jean-François; NOAL, Débora da Silva; FAINSTAT, Tyler. *Nem refugiados, nem Migrantes: A chegada dos haitianos à Cidade de Tabatinga (Amazonas)*. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v.57, n.4, 2014.

VILELA, Elaine Meire; COLLARES, Ana Cristina Murta; NORONHA, Cláudia Lima Ayer de. *Migrações e trabalho no Brasil: Fatores étnico-nacionais e raciais*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.30, n.87, p.19-43, fev, 2015.

VOLICH, Rubens Marcelo. Pátio de miragens. IN: KOLTAI, Caterina. *O estrangeiro*. São Paulo, Escuta, 1998.

WADE, Peter. *Raza y etnicidad en Latinoamérica*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2000.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Volume 1*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2009, a.

_____. *Economia e Sociedade: Volume 2*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2009, b.

WIEVIORKA, Michel. *Em que mundo viveremos?* São Paulo, Perspectiva, 2006.

ZENI, Kaline; FILIPPIM, Eliane Salete. *Migração haitiana para o Brasil: acolhimento e políticas públicas*. Pretexto, Belo Horizonte, v.15, n.2, p.11-27, abril-jun 2014.

Anexos

Projeto de lei CM nº 071-03/2015

Declara “Cidades-Irmãs” as cidades de Lajeado - RS/Brasil e Porto Príncipe - Haiti, e dá outras providências.

LUIS FERNANDO SCHMIDT, Prefeito Municipal de Lajeado, Estado do Rio Grande do Sul,

FAÇO SABER, que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1.º - Ficam declaradas como “Cidades-Irmãs” as cidades de Lajeado - RS/Brasil e Porto Príncipe - Haiti, para o fortalecimento dos laços de amizade entre os povos.

Art. 2º - O Poder Público Municipal, através do órgão competente, promoverá as medidas necessárias a assegurar o maior intercâmbio e a aproximação entre as “Cidades-Irmãs” de que trata esta lei, especialmente no âmbito das relações culturais, sociais e econômicas e saúde.

Art. 3º - Compete ainda ao Poder Público Municipal, enviar aos representantes das “Cidades-Irmãs”, expediente para formalização da declaração conjunta de propósitos que será firmada após os encaminhamentos necessários.

Parágrafo único - A declaração conjunta devere ter como objetivos básicos, dentre outros:

I - a busca do fortalecimento dos laços de amizade entre os povos;

II- acordos e programas de ação com o fim de fomentar o mais amplo conhecimento recíproco, para fundamentar os intercâmbios sociais, culturais e econômicos, em especial os relativos à organização, administração e gestão urbana;

III - a troca de informações e a difusão em ambas as comunidades das obras culturais, turísticas, desportivas, políticas e sociais, que respondam a seus respectivos interesses;

IV - convênios, através de programas e projetos de colaboração que se estabelecerão nos diferentes campos de atuação;

V - a facilitação dos contatos entre empresas ou instituições interessadas e órgãos competentes relativos aos setores responsáveis pelo convênios em cada país;

VI - outros programas de cooperação técnica entre ambas as cidades que poderão ser firmados de acordo com o mútuo interesse das partes;

VII - a realização de acordos bilaterais visando a troca de conhecimentos sobre as raízes étnicas, folclóricas e musicais de cada um dos países nos quais se situam as Cidades-Irmãs constantes desta lei.

Art. 4º - As despesas decorrentes da execução desta lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 5º - O Poder Executivo Municipal regulamentará a presente Lei, no que couber, no prazo de 30 dias.

Art. 6º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Carlos Eduardo Ranzi

Vereador (PMDB)

MENSAGEM JUSTIFICATIVA

Criado em 1956 nos Estados Unidos, o conceito de Cidades-Irmãs, visa a promoção econômica, cultural, educacional, científica, tecnológica e social entre os municípios de todo o mundo.

Hoje milhares de cidades, em mais de 120 países, participam do programa, que tem sua iniciativa estimulada pela Organização das Nações Unidas (ONU), sendo que o vínculo tem como princípio fundamental estabelecer a troca de experiências e firmar parcerias que resultem na melhoria da qualidade de vida dos habitantes de ambos os municípios.

A busca de alternativas que levem a superação dos problemas enfrentados por um município é mais promissora se houver a possibilidade de dialogar com outros municípios, ou regiões, que enfrentam problemas semelhantes.

Alem dos aspectos econômicos, também os aspectos culturais muito particulares, decorrentes de fluxos migratórios e expressos nos hábitos alimentares, linguagem e costumes podem diferenciar municípios e dificultar comparações dentro do Brasil.

Estima-se que vivem mais de mil haitiano no Vale do Taquari atualmente, notadamente no município de Lajeado, onde foi criada a Associação de Imigrantes Haitianos em Lajeado. A entidade luta por melhores condições de vida, oportunidades e reconhecimento. O Poder Público tem o dever de promover a cidadania e inclusão social dos imigrantes, e precisamos incentivar iniciativas que visam melhorar nossa receptividade aos imigrantes e acolhê-los da melhor forma possível.

Enfim, Senhores Vereadores, a declaração de irmandade abrirá, com certeza, um amplo e irrestrito leque de programas comuns visando o mais amplo conhecimento recíproco, permitindo o intercâmbio nas áreas sociais, turísticas, econômicas, culturais e políticas, especialmente no que diz respeito a organização, administração e gestão urbana.

Ao mesmo tempo que espero e confio que esta proposição seja aprovada pela unanimidade dos membros dessa Egrégia Câmara Municipal.

Carlos Eduardo Ranzi

Vereador (PMDB)

Lei nº 5710/96

INSTITUI O HINO DE LAJEADO E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

LEOPOLDO PEDRO FELDENS, Prefeito Municipal de Lajeado, Estado do Rio Grande do Sul, FAÇO SABER que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o HINO DE LAJEADO, de autoria de Álvaro Santi, composto da seguinte letra:

"Refrão: Lajeado!
Neste vale abençoado,
Onde brota a ametista,
O alimento e a voz do artista ...

Capital, chamam a ti,
Deste chão rico e formoso,

Vale fértil Taquari,
Rio profundo e cauteloso.

Vem do solo tua riqueza
Mineral, Cidade Jóia,
No trabalho ela se apóia,
E no amor à natureza.

Refrão: Lajeado! ...

O colono agricultor,
Superando adversidade,
Conseguiu, com seu labor,
Cultivar esta verdade.

Se é pequena a propriedade.
Pela terra é grande o amor;
Menos guerra, mais suor,
Contra a fome, a amizade.

Refrão: Lajeado! ...

Alemães e italianos,
Portugueses e africanos,
Com engenho edificaram
A cidade que hoje cantam.

Mais de um século passado,
Sempre jovem te conservas.
E o futuro te reserva
Liderança neste Estado.

Refrão: Lajeado! ...

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 3º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO PREFEITO, 30 de maio de 1996.

LEOPOLDO PEDRO FELDENS

Prefeito.

REGISTRE-SE E PUBLIQUE-SE

MARISA CECÍLIA WICKERT BASTOS

Secretária de Administração.

Roteiro para entrevistas

1. Desde 2010 com a vinda dos imigrantes haitianos (assim como de senegaleses, indianos e pessoas de outras cidades e estados), você acha que houve alguma mudança no cotidiano da cidade? Qual? Você caracteriza essa mudança como positiva ou negativa?
2. O que você pensa sobre a vinda dos haitianos para o Brasil?
3. Você já conversou com um haitiano?
4. Como você vê a presença de haitianos utilizando-se dos espaços públicos da cidade?
5. Você acha que os haitianos são diferentes dos brasileiros? (Comparado com os descendentes de imigrantes alemães e italianos)
6. Você acha que existe alguma característica (valores, crença) que diferenciam e definem os haitianos?
7. Ouvi de moradores locais aspectos negativos sobre os haitianos, você já viu algo? Ouviu? Concorda ou discorda?